

DANIELA DO CARMO JULIANO VENANCIO

**A LEITURA DA LITERATURA INFANTIL E A ORALIDADE COMO PRÁTICAS
EDUCATIVAS NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

ASSIS
2024

DANIELA DO CARMO JULIANO VENANCIO

**A LEITURA DA LITERATURA INFANTIL E A ORALIDADE COMO PRÁTICAS
EDUCATIVAS NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Assis, para a obtenção do título de Mestre em Letras (Área de Conhecimento: Linguagem e Letramento)

Orientador: Dr. Marco Antônio Domingues Sant'Anna

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código do Financiamento 001

ASSIS
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Maria Luiza Carpi Semeghini - CRB 8/8301

V448L Venancio, Daniela do Carmo Juliano
A leitura da literatura infantil e a oralidade como
práticas educativas no primeiro ano do Ensino
Fundamental / Daniela do Carmo Juliano Venancio. —
Assis, 2024
168 f. : il.

Dissertação de Mestrado - Universidade Estadual
Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientador: Dr. Marco Antônio Domingues Sant'Anna

1. Oralidade. 2. Literatura infantil. 3. Formação de
leitores. I. Título.

CDD 372.4

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

Em conformidade com as propostas decididas pelos países integrantes da ONU (em Assembleia Geral no ano de 2015), depois do sucesso das oito metas iniciais entre o período de 2000 e 2015, chamadas de Objetivos de Desenvolvimento do Milênio (ODM), e com a criação de novas metas para os próximos quinze anos (vigente entre 2015 e 2030), apareceram, então, os dezessete objetivos mundiais de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Entre as dezessete novas metas propostas, destacam-se nesta dissertação: a educação de qualidade (4ª meta) e a redução da desigualdade (10ª meta). Partindo de tais metas, a presente pesquisa possibilitou que, desde cedo, os alunos do 1º ano do Ensino Fundamental, de uma escola considerada socialmente como periférica, vivenciassem práticas de leitura literária, especialmente, por intermédio do Método Criativo e da recepção de várias obras literárias, desde contemporâneas às pertencentes ao cânone. Dessa maneira, possibilitou que os leitores iniciantes pudessem ter o contato com obras dotadas de valor estético e desenvolvessem a sua oralidade, a sua criticidade, a motivação de ler, a ampliação dos horizontes e expectativas por meio desse, o que, de maneira geral, contribui para a redução de desigualdades e oferece uma educação de qualidade, que proporciona o acesso ao conhecimento e à cultura.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

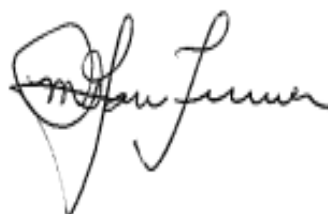
In accordance with the proposals decided by the UN member countries (in the General Assembly in 2015), after the success of the eight initial goals between 2000 and 2015, called the Millennium Development Goals (MDGs) and with the creation of new goals for the next fifteen years (in force between 2015 and 2030), then the seventeen global Sustainable Development Goals (SDGs) appeared. Among the seventeen new goals proposed, the following stand out in this dissertation: quality education (4th goal) and the reduction of inequality (10th goal). Starting from such goals, this research enabled, from an early age, students in the 1st year of Elementary School, from a school socially considered to be peripheral, to experience literary reading practices, especially through the Creative Method and the reception of various literary works, from contemporary to belonging to the canon. In this way, it enabled beginning readers to have contact with works endowed with aesthetic value and develop their orality, their criticality, the motivation to read, the expansion of horizons and expectations through this, which, in general, contributes to reducing inequalities and offers quality education, which provides access to knowledge and culture.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE DANIELA DO CARMO JULIANO VENANCIO, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.

Aos 09 dias do mês de maio do ano de 2024, às 14:30 horas, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de DANIELA DO CARMO JULIANO VENANCIO, intitulada **A LEITURA DA LITERATURA INFANTIL E A ORALIDADE COMO PRÁTICAS EDUCATIVAS NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros:

Prof. Dr. MARCO ANTONIO DOMINGUES SANT'ANNA (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) Departamento de Estudos Linguísticos e Literários / UNESP/FCL - Assis/SP, Profa. Dra. CLÁUDIA VALÉRIA PENAVAL BINATO (Participação Virtual) do(a) Departamento de Estudos Linguísticos e Literários / UNESP/FCL-Assis/SP, Prof. Dr. RICARDO MAGALHÃES BULHÕES (Participação Virtual) do(a) UFMS - Três Lagoas/MS. Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.

Prof. Dr. MARCO ANTONIO DOMINGUES SANT'ANNA



Dedico este trabalho à minha mãe, pelo amor incondicional que me deu e pela força para lutar pelos meus objetivos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pelo dom da vida, por ter me dado a capacidade de aprender e de superar barreiras e obstáculos na minha jornada.

À minha família, principalmente à minha mãe, que sempre me apoiou e me acompanhou na minha trajetória acadêmica. Também ao meu irmão, que sempre acreditou no meu potencial.

Aos professores das disciplinas por mim cursadas durante o meu Mestrado, com os quais não tive a possibilidade de encontrar presencialmente. Obrigada por compartilharem seus saberes, conhecimentos e vivências enriquecedoras nas aulas síncronas, cada qual, de forma especial, contribuiu para a conclusão deste trabalho e, conseqüentemente, para a minha formação acadêmica.

Gratidão à Turma 8 do ProfLetras, embora não tivéssemos o prazer de encontrarmos pessoalmente, sempre nos apoiamos e ajudamos através do grupo de WhatsApp. Nossos encontros pelo meet foram maravilhosos!

Ao meu orientador, Prof. Dr. Marco Antônio Domingues Sant'Anna, que me ajudou durante todo o percurso no Mestrado, além do auxílio à concretização deste trabalho. Sou muito grata por ter aceitado orientar-me e pela forma acolhedora com que me recebeu na instituição.

Aos membros da banca, pela generosidade em compartilhar seus conhecimentos com apontamentos norteadores e fundamentais para o desenvolvimento do trabalho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. A quem também agradecemos.

Ao Comitê de Ética, pelos apontamos no TALE (Termo de Assentimento Livre e Esclarecido) e no TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido).

À Secretaria Municipal de Educação de Ourinhos, por conceder o direito de cursar o Mestrado, no regime de flexibilização e os Efetivos Exercícios para participar de Congressos e Eventos durante esse período.

À Equipe Gestora da E.M.E.F. Georgina Amaral Santos Lopes, por permitir que este trabalho fosse realizado.

Aos meus alunos, por participarem das atividades propostas, com entusiasmo, e por ajudarem no percurso desta jornada.

A todos que contribuíram, direta ou indiretamente, para a realização deste trabalho, o meu muito obrigada!

“Lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela”.

LAJOLO (2000, p.07)

VENANCIO, Daniela do Carmo Juliano. **A leitura da literatura infantil e a oralidade como práticas educativas no primeiro ano do Ensino Fundamental**. 2024. 168 f. Dissertação Mestrado Profissional em Letras – Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 2024.

RESUMO

O presente trabalho pretendeu investigar a contribuição da leitura literária, por meio da oralidade, para a formação do leitor. A partir da abordagem da leitura de Literatura Infantil no primeiro ano do Ensino Fundamental, interessou-nos observar de que maneira o texto literário poderia ser explorados nessa fase por meio de práticas da oralidade. O questionamento disparador da pesquisa pautou-se em pensar sobre como a Literatura Infantil pode motivar o processo de desenvolvimento da imaginação em crianças no início da escolarização, motivando-as ao interesse pela leitura. A fim de contribuir com a prática pedagógica da leitura, pelo viés discursivo, foi proposta a leitura do Conto de Fadas “Chapeuzinho Vermelho”, escolhido por ser um dos contos clássicos e que possui diversas releituras. Metodologicamente, a pesquisa define-se como de caráter qualitativo, desenvolvida por meio de procedimentos técnicos de base bibliográfica e de natureza interventiva, que se materializou pelo desenvolvimento de oficinas aplicadas e analisadas no campo da pesquisa, sustentando-se pelo princípio da leitura literária por meio do método criativo, a partir dos pressupostos da Estética da Recepção e do Efeito (JAUSS, 1994). A prática investigativa empírica ocorreu no contexto educacional de um primeiro ano de uma escola pública da cidade de Ourinhos, Estado de São Paulo, com regência da professora pesquisadora. A proposta amparou-se em estudos relacionados à área da oralidade, da produção literária infantil, tais como Bordini e Aguiar (1988), Cosson (2014, 2018), Lajolo (2000, 2001, 2018) e Marcuschi (2005, 2008, 2010).

Palavras-chave: Oralidade. Literatura infantil. Formação de leitores.

VENANCIO, Daniela do Carmo Juliano. **Reading children's literature and orality as educational practices in the first year of Elementary School**. 2024. 168 f. Reading children's literature and orality as educational practices in the first year of Elementary School. Professional Master's Dissertation in Letters – Paulista State University (UNESP), Faculty of Sciences and Letters, Assis, 2024.

ABSTRACT

The present work intended to investigate the contribution of literary reading, through orality, to the formation of the reader. Based on the approach to reading Children's Literature in the first year of Elementary School, we were interested in observing how literary texts could be explored at this stage through oral practices. The triggering question for the research was based on thinking about how Children's Literature can motivate the process of developing imagination in children at the beginning of schooling, motivating them to become interested in reading. In order to contribute to the pedagogical practice of reading, from a discursive perspective, it was proposed to read the "Fairy Tale Little Red Riding Hood", chosen because it is one of the classic tales and has several reinterpretations. Methodologically, the research is defined as qualitative in nature, developed through technical procedures of a bibliographical basis and of an interventional nature, which materialized through the development of workshops applied and analyzed in the field of research, supported by the principle of literary reading through the creative method, based on the assumptions of the Aesthetics of Reception and Effect (JAUSS, 1994). The empirical investigative practice took place in the educational context of a first year at a public school in the city of Ourinhos, State of São Paulo, under the guidance of the research teacher. The proposal was based on studies related to the area of orality and children's literary production, such as Bordini and Aguiar (1988), Cosson (2014, 2018), Lajolo (2000, 2001, 2018) and Marcuschi (2005, 2008, 2010).

Keywords: Orality. Children's literature. Reader training.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Livro de textos do aluno – Ler e escrever.....	46
Figura 2	Encontro da Chapeuzinho Vermelho com o lobo.	49
Figura 3	Capa do livro: Os contos de Grimm.....	51
Figura 4	Capa do livro: Chapeuzinhos Coloridos.....	53
Figura 5	Chapeuzinho Azul indo visitar a avó.....	54
Figura 6	O Lobo sendo recebido pela avó da Chapeuzinho Azul.....	55
Figura 7	Chapeuzinho Azul saboreando o Lobo com a avó.....	55
Figura 8	A avó e a Chapeuzinho presas.....	56
Figura 9	Chapeuzinho Cor de Abóbora indo visitar a avó.....	57
Figura 10	Chapeuzinho Cor de Abóbora conversando com o Lobo.....	58
Figura 11	Chapeuzinho questionando o Lobo disfarçado de avó.....	59
Figura 12	O Lobo degustando a cereja da torta.....	59
Figura 13	Chapeuzinho Verde indo visitar a avó.....	61
Figura 14	Chapeuzinho Verde tentando vender a torta.....	61
Figura 15	O Lobo abrindo a boca para devorar a avó.....	62
Figura 16	O Caçador lucrando com a pele do Lobo.....	63
Figura 17	Chapeuzinho Branco indo visitar a avó.....	64
Figura 18	Lobo saltando para devorar a avó.....	65
Figura 19	Chapeuzinho Branco e o Lobo disfarçado de avó.....	65
Figura 20	Encontro da mãe da Chapeuzinho Branco com o Caçador.....	66
Figura 21	Todos felizes com a união do casal.....	66
Figura 22	Chapeuzinho Lilás indo visitar a avó.....	68
Figura 23	Chapeuzinho Lilás encontrando com o Lobo.....	68
Figura 24	Chapeuzinho Lilás e avó lendo revista de fofocas.....	69
Figura 25	Todos se tornaram famosos.....	70
Figura 26	Chapeuzinho Preto indo visitar a avó.....	71
Figura 27	O Lobo chegando à casa da avó.....	71
Figura 28	Chapeuzinho Preto olhando no espelho.....	72
Figura 29	Chapeuzinho Preto e o Lobo degustando as jabuticabas.....	73
Figura 30	Capa do Livro da Chapeuzinho Amarelo.....	75
Figura 31	Chapeuzinho Amarelo amarelada de medo.....	76

Figura 32	Chapeuzinho Amarelo apavorada.....	76
Figura 33	Chapeuzinho Amarelo insegura.....	77
Figura 34	Chapeuzinho Amarelo com medo de encontrar com o Lobo.....	77
Figura 35	Medo, do medo de um dia encontrar com o Lobo.....	78
Figura 36	Encontro da Chapeuzinho Amarelo como Lobo.....	79
Figura 37	Chapeuzinho Amarelo e o Lobo se afrontam.....	79
Figura 38	O Lobo triste e murcho.....	80
Figura 39	Lobo aborrecido.....	80
Figura 40	Chapeuzinho Amarelo não teme mais o Lobo.....	81
Figura 41	LO - BO, BO – LO.....	82
Figura 42	Bolo de Lobo fofo.....	82
Figura 43	Chapeuzinho Amarelo se divertindo com outras crianças.....	83
Figura 44	Os medos da Chapeuzinho viram brincadeiras.....	84
Figura 45	Todos os monstros.....	84
Figura 46	Cena do filme: Deu a louca na Chapeuzinho.....	85
Figura 47	Visão aérea da escola em 1994.....	94
Figura 48	Fachada da escola.....	95
Figura 49	Visão externa da escola.....	95
Figura 50	Sala de aula.....	103
Figura 51	Atividade 1 – Roda de conversa.....	105
Figura 52	Principais escritores dos Contos de fadas.....	107
Figura 53	Chapeuzinho e o lobo na floresta.....	108
Figura 54	O lobo e a Chapeuzinho Vermelho na cama.....	108
Figura 55	Tangram do lobo.....	110
Figura 56	Dobradura da Chapeuzinho Vermelho.....	112
Figura 57	Capa e contracapa do livro: Os contos de Grimm.....	113
Figura 58	Ilustração da Chapeuzinho Vermelho – Contos de Grimm.....	114
Figura 59	Ilustrações de Chapeuzinho Vermelho feitas pelos alunos.....	116
Figura 60	Leitura na biblioteca escolar.....	117
Figura 61	Segunda e terceira capa do livro.....	119
Figura 62	Leitura compartilhada.....	122
Figura 63	Todas as meninas podem ser a personagem principal.....	127
Figura 64	Ilustração de uma nova personagem	128

Figura 65	Ilustração do medo.....	130
Figura 66	Dramatização com fantoches.....	131
Figura 67	Reescrita coletiva tendo a professora como escriba.....	132
Figura 68	Quebra-cabeça.....	133
Figura 69	Dramatização do conto: Chapeuzinho Vermelho.....	134
Figura 70	Jogo da memória das Chapeuzinhos	135
Figura 71	Em duplas produzindo a reescrita.....	136
Figura 72	Reescrita individual do final do conto – Aluno 16.....	137
Figura 73	Reescrita individual do final do conto – Aluno 10	138
Figura 74	Reescrita em duplas do final do conto – Alunos 9 e 20.....	139

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Alunos matriculados.....	96
Quadro 2	Nível linguístico da turma.....	102
Quadro 3	Indicador de faixa etária.....	103

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE	Atendimento Educacional Especializado
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAIC	Centro de Atendimento Integral à Criança e ao Adolescente
EMEF	Escola Municipal de Ensino Fundamental
FNLIJ	Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil
GAI	Grupo de Alfabetização Intensiva
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas
MEC	Ministério de Educação e Cultura
ODM	Objetivos de Desenvolvimento do Milênio
ODS	Objetivos do Desenvolvimento Sustentável
ONU	Organização das Nações Unidas
PCNs	Parâmetros Curriculares Nacionais
PPP	Projeto Político Pedagógico
PNAIC	Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa
PNBE	Programa Nacional Biblioteca da Escola
PROFA	Programa de Formação de Professores Alfabetizadores
PROFLETRAS	Mestrado Profissional em Letras
RP	Recuperação Paralela

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	22
1. A LEITURA E A ORALIDADE NA SALA DE AULA.....	28
1.1 A literatura infantil.....	32
1.2 O papel do mediador.....	36
1.3 A oralidade nos anos iniciais.....	39
1.4 A leitura de contos.....	41
2. CHAPEUZINHOS: OBRAS E AUTORES.....	45
2.1 Chapeuzinho Vermelho – Charles Perrault.....	45
2.2 Chapeuzinho Vermelho – Irmãos Grimm.....	47
2.3 Chapeuzinho Vermelho – Irmãos Grimm (traduzido por Tatiana Belinky)	50
2.4 Chapeuzinhos Coloridos.....	52
2.4.1 Chapeuzinho Azul.....	54
2.4.2 Chapeuzinho Cor de Abóbora.....	57
2.4.3 Chapeuzinho Verde.....	60
2.4.4 Chapeuzinho Branco.....	64
2.4.5 Chapeuzinho Lilás.....	67

2.4.6 Chapeuzinho Preto.....	70
2.5 Chapeuzinhos Amarelo.....	74
2.6 Deu a louca na Chapeuzinho.....	85
3. ASPECTOS METODOLÓGICOS.....	88
3.1 Metodologia.....	88
3.2 Campo de Pesquisa.....	93
3.2.1 Escola.....	94
3.2.2 Docentes alfabetizadores da escola.....	99
3.2.3 Participantes.....	102
4. SEQUÊNCIA DIDÁTICA – INTERVENÇÕES.....	105
4.1 Oficina 1.....	105
4.2 Oficina 2.....	110
4.3 Oficina 3.....	112
4.4 Oficina 4.....	117
4.5 Oficina 5.....	121
4.6 Oficina 6.....	123
4.7 Oficina 7.....	124

4.8 Oficina 8.....	125
4.9 Oficina 9.....	126
4.10 Oficina 10.....	129
4.11 Oficina 11.....	131
4.12 Oficina 12.....	133
4.13 Oficina 13.....	136
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	140
REFERÊNCIAS.....	145
APÊNDICE A – Questionário para professores do 1º ano.....	150
APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido para os professores.....	151
APÊNDICE C – Termo de assentimento livre e esclarecido – Alunos do 1º ano.....	153
APÊNDICE D – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos Pais ou responsáveis.....	157
APÊNDICE E – Jogo da memória Chapeuzinhos.....	159
APÊNDICE F – Quebra – cabeça (4 peças).....	161
APÊNDICE G – Quebra – cabeça (20 peças).....	162
ANEXO A - Chapeuzinho Vermelho – Irmãos Grimm.....	163

ANEXO B - Chapeuzinho Vermelho – Charles Perrault.....	167
---	------------

INTRODUÇÃO

Era uma vez uma menina que gostava muito de ler, de ouvir e de imaginar histórias. Gostava tanto de imaginar histórias que, ainda criança, um dia resolveu participar de um concurso de redação e foi contemplada com diversos livros como prêmio e, ficando muito feliz com esse fato.

Mas, esse apreço pela leitura e pela escrita só foram possíveis devido aos estímulos que ela teve quando criança por parte da família, principalmente, pela mãe, mesmo com pouca escolaridade, e, também por parte da escola pública que frequentou. Todavia, atualmente, nem toda criança tem esse privilégio em casa, restando apenas a escola para incentivá-las. Essa menina cresceu, transformou-se numa jovem que foi cursar o sonho dela, o Magistério. No ano de 1994, aprendeu muito, principalmente com os professores, com os colegas de sala, com os estágios e com as regências supervisionadas. Ao finalizar o Magistério, trabalhou em uma escola particular e continuou estudando, fez Graduação em Pedagogia, em 1998, pois queria estar bem preparada para exercer sua profissão.

No ano de 2000, foi convocada, por concurso, para lecionar no Ensino Fundamental I em uma escola Municipal, sendo professora alfabetizadora. Entretanto, tinha muitas dúvidas para esclarecer e conhecimentos para aprimorar, por isso, continuou estudando, fazendo cursos, tais como: PROFA - Letra e Vida (Programa de Formação de Professores Alfabetizadores), Pós-Graduação em Educação Especial e Psicopedagogia, e mais uma Graduação, agora em Letras.

Todos esses estudos foram muito enriquecedores, tanto que quis compartilhar com outras pessoas, colegas de profissão, seus conhecimentos, sendo tutora não só do curso PROFA como também do PNAIC (Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa), sem nunca deixar de exercer o seu cargo no espaço da sala de aula.

Com o passar do tempo, essa jovem continuou alfabetizando, fazendo aquilo que mais amava, mas tendo como meta cursar o Mestrado, para se tornar uma profissional melhor. Eis que chegou o grande dia e, pela primeira vez, quando teve oportunidade, prestou o Mestrado, por intermédio do PROFLETRAS. Esse ideal alcançado foi um divisor de águas na sua vida porque poderia melhorar sua prática pedagógica e, conseqüentemente, ensinar melhor os seus alunos.

Tudo isso foi mencionado para ilustrar a importância da escola e dos professores em ensinar seus alunos, pois, muitas vezes, esse é o único ambiente de

estímulo que eles têm. Observamos essa relevância, principalmente, durante a pandemia causada pelo COVID-19¹, nos anos de 2020 e 2021, quando os pequenos aprendizes ficaram desprovidos de vivenciar práticas de leitura da Literatura Infantil, de participarem do uso social da língua e de compreenderem e de produzirem a linguagem oral e escrita.

A escola exerce, como constatamos no período pandêmico, um papel ponderoso na vida do educando e, por isso, é responsável por oportunizar uma alfabetização de maneira significativa, associada à formação leitora, especialmente da leitura de literatura. Nesse sentido, acreditamos que para que a escola possa investir em fomentar a leitura de literatura, a criança precisa envolver-se em práticas de leitura, pois sua evolução na autonomia leitora poderá motivá-la cada vez mais.

De acordo com os PCNs, compete à Língua Portuguesa proporcionar aos estudantes experiências que vivenciem a ampliação dos letramentos, de maneira que atuem crítica e significativamente nas práticas sociais que se valham da oralidade, da escrita e de outras linguagens. E, ainda segundo os PCNs, o texto é aporte para as aulas, ele “ganha centralidade na definição dos conteúdos, habilidades e objetivos, considerado a partir de seu pertencimento a um gênero discursivo que circula em diferentes esferas/campos sociais de atividade/comunicação/uso da linguagem” (BRASIL, 2018, p. 67).

A oralidade seria uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob variadas formas ou gêneros textuais fundados na realidade sonora; ela vai desde uma realização mais informal à mais formal nos mais variados contextos de uso (MARCUSCHI, 2010, p.25).

Durante minha experiência em salas de alfabetização, como professora polivalente no 1º ano do Ensino Fundamental, em uma escola da rede pública municipal, evidenciou-se a importância do trabalhar com a oralidade nas séries iniciais com enfoque na leitura e na contação de histórias, por meio dos livros de literatura infantil, pois tais estratégias pedagógicas colaboram para que as crianças desenvolvam melhor habilidades como a prática da leitura e da escrita.

Mesmo antes de terem o domínio da escrita e da leitura alfabética, as crianças podem se envolver em práticas de ouvir e de contar histórias. Além disso, no caso de

¹ Doença causada por um novo coronavírus conhecido SARS-CoV-2

alunos que têm pouco contato com o texto literário fora do ambiente escolar, a escola torna-se um espaço ainda mais privilegiado e propício para incentivar e efetivar esse contato, promovendo a formação leitora desde a tenra idade. Ademais, a inicialização literária permite que o educando enriqueça o seu repertório imaginário, amplie seus horizontes e seus conhecimentos de mundo.

A prática leitora, bem como a oralidade dos discentes na escola, são fatores fundamentais na formação do leitor e na aquisição do hábito da leitura. Além disso, a diversidade textual converte-se como importante estratégia para a proficiência em leitura e oralidade nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Motivada por esse contexto e inquietações, realizamos um trabalho² sobre a leitura da literatura infantil por meio de práticas da oralidade como práticas educativas no primeiro ano do ensino fundamental. O objetivo principal foi observarmos quais seriam as possibilidades para esse trabalho, bem como quais seriam as vantagens dele. Para alcançar o objetivo principal, o trabalho construiu um percurso mediado por alguns objetivos específicos, sendo eles:

- Compreender a manifestação criativa da imaginação e do argumento narrativo em crianças do primeiro ano do Ensino Fundamental, a partir da transmissão oral de histórias de Literatura Infantil;
- Refletir acerca de como os alunos encaram e desenvolvem sua prática de leitura, tanto no âmbito da sala de aula quanto fora dela, visando o aprimoramento da oralidade;
- Explorar uma proposta de prática educativa que valorize o trabalho com a literatura infantil e a linguagem oral dos alunos;
- Analisar de que forma a oralidade e a leitura literária podem facilitar o processo de formação de leitor literário e como a contação de história comporta-se dentro do 1º ano do Ensino Fundamental.

Para Cosson :

É por possuir essa função maior de tomar o mundo compreensível transformando sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente humanas que a literatura tem e precisa manter um lugar especial nas escolas. Todavia, para que a literatura cumpra seu papel humanizador, precisamos mudar os rumos da sua escolarização [...] promovendo o letramento literário (COSSON, 2014, p. 17).

Nesse sentido, acreditamos que o papel do professor alfabetizador no cotidiano escolar envolve não apenas ensinar o código, alfabetizar, mas,

²Projeto aprovado pelo Comitê de Ética- CAAE: 63077822.3.0000.5401.

principalmente, promover o gosto, o prazer e a curiosidade pela leitura e escrita, estimulando e trabalhando com o letramento, especialmente o letramento literário. Dessa forma, sabendo que é nos anos iniciais da escolarização que a criança apresenta maior interesse pelo texto literário, precisamos criar um ambiente capaz de ofertar textos variados, com qualidade estética, com motivações lúdicas, para que possam ler, mesmo sem saber decodificar o código escrito, a fim de interagir e vivenciar experiências que os aproximem das obras literárias.

Segundo Lajolo (2000), é também por meio do ambiente que nos tornamos leitores, ou seja, quando ouvimos, vemos pessoas lendo e, principalmente, quando podemos acessar a leitura por nós mesmos, isto é, ter contato direto com os textos e praticar a leitura silenciosa, mesmo antes da alfabetização. Dessa maneira, a leitura em sala de aula faz-se extremamente valorosa e, nesse espaço, o modelo de leitor mais experiente é o professor. Por isso, quando ele lê em voz alta para seus alunos, dando entonação e ritmo à leitura, está apresentando um modelo de fluência leitora, também essencial para a formação de um leitor.

Mas, é essencial que o professor vá além, pois quando investe apenas em práticas de leitura em voz alta, seus alunos comportam-se como ouvintes, por isso, se o objetivo é formar leitores, o professor necessita de uma prática pedagógica que também inclua oportunidades para que seus alunos tenham contato direto com os textos, explorem os livros, contem e recontem as histórias, comentem e dividam suas impressões e, quando alfabéticos, realizem ainda a leitura alfabética desses textos, como leitores ativos diante da leitura.

Ratificando isso, a contação de histórias, bem como as rodas de conversa sobre as leituras, podem ser vistas como um desdobramento da oralidade, uma ferramenta que tem por intuito despertar nos alunos, de uma maneira dinâmica e engajada, as habilidades que já se pretendem com o uso das atividades orais. Portanto, devemos trabalhar a oralidade e a leitura como base para, desde cedo, alfabetizar os alunos em um contexto social mais significativo e que, ao mesmo tempo, respeite a característica principal de ser e estar da criança, o lúdico, proporcionando a oportunidade de se relacionar com esse mundo de fantasias oferecido pela leitura da literatura.

Tendo em vista a relevância da literatura infantil dentro do processo de alfabetização, colaborando para o desenvolvimento da leitura, da escrita e da formação leitora, conforme os pressupostos apresentados na introdução deste texto,

este trabalho justifica-se pela necessidade de uma reflexão profunda a respeito de como abordar a leitura literária dentro desse contexto, de alfabetização, de maneira adequada, incluindo pensar sobre quais textos ler, como mediar essa leitura e como utilizar o texto literário para desenvolver atividades significativas através dele.

Além disso, é fato que é função primordial da escola ensinar a ler, não somente a leitura do código, mas a leitura do mundo, autônoma e crítica. É uma das funções principais da escola ampliar o domínio da leitura e orientar, com mediação dos professores, a escolha dos materiais, desenvolvendo as relações entre leitura e indivíduo em todas as suas interfaces.

Sendo assim, justifica-se a proposta de pesquisa por acreditar que a escola é, em nosso contexto social, a instituição responsável por mobilizar parte da nossa cultura entre seus alunos. Dessa maneira, acessar e ler literatura é também um direito das crianças, além de ser uma possibilidade de ampliar as aprendizagens.

Para desenvolvimento dessa reflexão, o estudo organizou-se com base nas concepções teóricas de Maria da Glória Bordini e Vera Teixeira de Aguiar (1988) acerca do leitor, leitura e o papel da escola no ensino de literatura e também nos pressupostos teóricos da Estética da Recepção (JAUSS, 1994). Após os estudos de fundamentação teórica e aplicação da proposta, lançamos mão de um registro em texto descritivo, apresentando os pressupostos e tecendo um olhar crítico diante do que foi observado.

Este texto concretiza-se nesta dissertação, resultado da sistematização da pesquisa, organizada em quatro capítulos, além da Introdução e das Considerações Finais. Na Introdução, apresentamos um breve memorial, já aliado à fundamentação teórica de nossa pesquisa.

O primeiro capítulo, **Leitura e Literatura Infantil**, busca refletir sobre a importância da leitura em sala de aula, além de retomar concepções de leitura. Também, aborda, brevemente, as origens da literatura infantil para entender seus percursos, além de apontar a relevância da Literatura Infantil e compreender o papel do professor mediador, verificando como é trabalhada a leitura literária, pela oralidade, nos anos iniciais bem como e que maneira a contação de contos auxilia no desenvolvimento de competências da oralidade.

O segundo capítulo, **Chapeuzinho - Obras e Autores**, analisa uma diversidade de produções desse conto, escolhendo, primeiramente, cotejar as versões clássicas de Perrault e Irmãos Grimm (Livro de Textos do aluno), dos Irmãos Grimm

(traduzida pela Tatiana Belinky), dos Chapeuzinhos Coloridos de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta, Chapeuzinho Amarelo de Chico Buarque de Hollanda e do Filme: Deu a louca na Chapeuzinho.

O terceiro capítulo apresenta **Aspectos metodológicos** da pesquisa, bem como a metodologia de investigação utilizada, o campo de pesquisa, a escola em que a professora pesquisadora atua, os docentes alfabetizadores do 1º ano e os participantes da sala de aula.

No quarto capítulo, intitulado **Sequência Didática: Intervenções**, apresentamos uma sequência didática, na qual especificamos como foram desenvolvidas as análises dos diversos livros trabalhados, bem como suas propostas de recepção. E, para finalizar a dissertação, apresentamos nossas **Considerações Finais**.

1 A LEITURA E A ORALIDADE NA SALA DE AULA

No presente capítulo, buscamos refletir sobre a importância da leitura em sala de aula, fundamental na vida de qualquer pessoa, levando em consideração que não a praticamos apenas quando decodificamos palavras e textos. O seu sentido é amplo e está presente em todos os atos sociais dos indivíduos. Procuramos retomar algumas concepções de leitura, além de abordar, brevemente, as origens da Literatura Infantil para entender seu percurso, apontamos, também, a sua relevância, compreendemos o papel do professor mediador, verificamos como está sendo trabalhada a oralidade nos anos iniciais e, ainda, refletimos sobre como a contação de contos auxilia.

Desde muito cedo, antes mesmo de frequentar a escola e estar alfabetizada, a criança constrói o conhecimento sobre a leitura. Para Paulo Freire (1982), a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Ela é um conhecimento construído por intermédio da interação com o meio e com o grupo e tem um sentido mais abrangente, não se restringindo a textos escritos.

O ato de ler depende da experiência de cada um, pois envolve o nosso dia a dia, as nossas emoções, os conhecimentos prévios que adquirimos, os nossos objetivos e até mesmo as intenções que temos. Stella Macedo, (1999, p. 23) afirma que “ler é descobrir caminhos, conhecer e reconhecer o mundo a nossa volta”. Através da leitura, o sujeito consegue ampliar seu conhecimento de mundo e reconstruir sentidos. Lajolo (2000, p. 59) destaca que:

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

Sendo assim, leitura é para nós uma forma de viver e compreender melhor as relações sociais e o mundo circundante. Então, quanto mais abrangente for a concepção de mundo, mais intensamente faremos nossas leituras dele.

Todavia, atualmente, segundo Aguiar (2015), a leitura mesmo sendo rotineira, não é tão natural, pois não lemos como comemos, respiramos ou dormimos, necessitamos dominar o código escrito e termos conhecimentos em todas as suas modalidades, tanto práticas como estéticas. Visto que, uma sociedade que não lê é

impedida de progredir e de adquirir outros conhecimentos e habilidades, podemos dizer que a leitura é um processo que transforma o sujeito e a sua maneira de representar o mundo, conseqüentemente, essas mudanças resultam em transformações da sociedade.

Em concordância, Lajolo (2000) afirma que nenhuma pessoa nasce sabendo ler, ela adquire essa prática à medida que interage com o mundo. A pessoa lê para entender o mundo e para viver melhor em sociedade.

Para Aurélio Ferreira (2010, p. 22):

[...] leitura é uma atividade que antecede à escrita, ocorre de modo exclusivamente humano, é fundamental para a fundação e a ampliação daquilo que chamamos conhecimentos. A leitura não se limita ao código verbal nem escrito e nem oral, compreende uma rede de signos que ultrapassam as problemáticas tão somente escolares. Numa palavra: sem leitura não existe mundo humano.

E o sujeito que lê com maior desenvoltura, interessa-se pela leitura e aprende mais facilmente. Nesse sentido, o sujeito interessado em aprender transforma-se num leitor capaz. Sendo assim, pode-se dizer que a capacidade de ler está intimamente ligada à motivação.

Aguiar (2013, p.153) ressalta que:

Ler, no entanto, não é apenas decifrar um código, é perceber a interligação lógica dos significados, as relações entre eles e, o que é mais importante, assimilar o pensamento e as intenções do autor, confrontar as ideias aprendidas com os conhecimentos anteriores sobre o assunto, dialogar com o autor, posicionando-se diante dele, e utilizar os conteúdos ideativos adquiridos em novas situações.

Quando lemos, estabelecemos o diálogo com o texto, fazemos descobertas de sentidos não-ditos e alargamos os horizontes de leitor para realidades que não foram visitadas. Quanto mais acesso à literatura e ao universo dos livros, mais teremos chances de tornarmo-nos leitores competentes.

No entanto, acontece, habitualmente na escola, na sala de aula, uma preocupação em seguir os conteúdos do programa e, por essa razão, verifica-se a falta tempo para a produção de textos e para outras leituras diferentes. Assim, o cotidiano acaba sendo totalmente determinado e as respostas são exatamente as propostas pelo professor, já que não existe a leitura como um processo interativo,

relevante para se aprender, obter novos conhecimentos e trocar ideias com o outro. Segundo Gregorin Filho (2009, p. 50):

A atividade de leitura também pode ser vista como um processo cognitivo, já que, no processo de deciframento de signos do texto, o indivíduo realiza um esforço de abstração e, em determinados momentos, principalmente em textos mais longos, o leitor se vê às voltas com a progressão da leitura do texto e de sua interpretação global, ou seja, com a fluidez do texto e com o encadeamento de ideias que a compreensão do texto supõe.

À medida que lemos, conferimos sentidos, por meio de um diálogo em que desenvolvemos uma competência individual e social. Para Cosson (2018, p. 51) “essa produção de sentidos envolve quatro elementos: o leitor, o autor, o texto e o contexto.”

A leitura de um texto possibilita estabelecermos relações com experiências de outras leituras e essas vivências permitem compreender e atribuir sentidos. Ela consiste num jogo, entre emissor e receptor, em que ambos deixam marcas no texto. Assim, a cada história lida, somamos experiências anteriores a descobertas novas. Segundo Bordini e Aguiar:

A atividade do leitor de literatura se exprime pela reconstrução, a partir da linguagem, de todo o universo simbólico que as palavras encerram e pela concretização desse universo com base nas vivências pessoais do sujeito. A literatura, desse modo, se torna uma reserva de vida paralela, onde o leitor encontra o que não pode ou não sabe experimentar na realidade (1988, p. 15).

No momento em que o leitor pratica a leitura literária, consegue transmitir a sua emoção ao deleitar-se com as palavras que quais estão instaladas em sua memória e provocam seu interesse pela leitura. Além disso, nessa leitura os sentidos dados a um determinado texto não são estáticos, pois modificam à medida em que o indivíduo expande sua experiência. O processo de leitura acontece por meio da participação ativa do leitor, que se envolve na construção dos sentidos, completando os vazios textuais conforme sua experiência. Um mesmo texto pode ser lido de diferentes formas, de acordo com o momento histórico e com a bagagem existencial e social do sujeito.

Aguiar enfatiza :

Cada um traz para o ato de ler sua bagagem existencial e social e, a partir de seu horizonte de experiências, atribui significado às indicações oferecidas pelo texto, privilegiando alguns dados e desprezando outros, montando entre

eles uma rede de conexões possíveis, de modo a obter um resultado significativo para o seu universo compreensivo (2013, p. 154).

É muito importante que, em sala de aula, o professor esteja atento à maturidade leitora dos seus alunos, pois, dependendo do livro que é oferecido a eles, pode provocar rejeição ou afastamento da atividade de leitura. Inclusive, para as crianças, a literatura precisa ser oferecida como arte e prazer, porque isso é o resultado de um fazer estético e porque o contato com a arte deve ser realizado o quanto antes para que ocorra uma experiência prazerosa. O professor necessita ter sensibilidade para perceber o que seus alunos desejam ler e ver, além de estar aberto para ouvir o que pensam sobre determinada obra. Nessa perspectiva, Candido vai confirmar a literatura como manifestação e irá confirmar essa abertura ao dizer:

Chamarei de literatura, da maneira mais ampla possível, todas as criações de toque poético, ficcional ou dramático em todos os níveis de uma sociedade, em todos os tipos de cultura, desde o que chamamos folclore, lenda, chiste, até as formas mais complexas e difíceis da produção escrita das grandes civilizações. Vista deste modo, a literatura aparece claramente como manifestação universal de todos os homens em todos os tempos. Não há povo e não há homem que possam viver sem ela, isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação (1995, p. 242).

Os professores podem fazer com que muitos estudantes ampliem e eduquem seus olhares para a literatura e para a arte, quando conseguem transformar em leitores plurais, ou seja, que se tornem pessoas mais preparadas para atuar na sociedade. Diante disso, acreditamos que a reflexão sobre o estímulo da leitura nas séries iniciais do Ensino Fundamental seja de extrema relevância, sendo que o hábito da leitura funciona como estímulo para a capacidade de criação, além de multiplicar o vocabulário e favorecer a compreensão do que se lê, facilitando a escrita, aprimorando a comunicação, desenvolvendo e ampliando conhecimentos, assim como o senso crítico.

Fanny Abramovich (1997) ressalta que os primeiros anos de vida são excelentes para o desenvolvimento da leitura, sendo que, nessa faixa etária, a criança consegue compreender a si mesma, seus gostos e é muito ponderoso receber o incentivo à leitura para aproximá-los dessa prática. Em suma, há boas leituras para

todos os leitores, por isso, a leitura deve começar desde a mais tenra idade, principalmente, porque as crianças são um tipo de público que se mostra muito curioso, flexível e disposto a acessar novas experiências.

Cosson (2014) enfatiza que a leitura corresponde à troca de sentidos, não apenas entre escritor e leitor, mas também na sociedade em que se encontra, compartilhando assim seus sentidos do mundo com os textos. Para Todorov (2017), a leitura literária expande o nosso mundo, impulsiona a imaginar outras formas de concebê-lo e organizá-lo. A interação com ela nos enriquece definitivamente e proporciona uma melhor relação com os outros. Bordini e Aguiar (1988) concordam que uma das necessidades primordiais do sujeito é dar sentido ao mundo e a si mesmo e o livro promove esse diálogo.

Então, a leitura ajuda as crianças a se familiarizarem com a língua escrita, facilitando a aprendizagem leitora e proporcionando uma inclinação para a leitura autônoma. Quando aprendemos a ler, utilizamos a leitura como fonte de informação e lazer e podemos ser mais capazes de argumentar, de interagir com o mundo que nos cerca e mais ativos onde vivemos. A leitura de textos literários favorece a oralidade, a integração e inclusão num contexto letrado, de forma lúdica, por meio de uma participação inserida numa prática social de leitura.

Além disso, literatura é uma arte que auxilia no desenvolvimento emocional, intelectual e social do aprendiz, desenvolvendo sua formação leitora. Também fomenta a imaginação, permite a fruição, a subjetivação e a construção de sentidos. Dito isso, avançamos para fundamentar a literatura que, especificamente, direciona-se às crianças, público-alvo da proposta didática desenvolvida neste estudo: a Literatura Infantil.

1.1 A literatura infantil

No século XVIII, o conto de fadas tornou-se um dos gêneros mais populares, da sociedade, principalmente porque, nessa época, os livros destinados às crianças se tornaram um objeto lucrativo em diversos países europeus. Primeiramente, essas narrativas não eram endereçadas ao público infantil e eram transmitidas pela tradição oral. Apenas depois foram coletadas e adaptadas pelos escritores Charles Perrault (na França) e irmãos Jacob e Wilhelm Grimm (na Alemanha), foram usadas na

produção de livros infantis. Os jovens alemães recolheram relatos dos camponeses para compor suas narrativas.

Charles Perrault é conhecido como o iniciador da literatura infantil. Seus contos trazem uma moral. Publica em 1697, Contos da Mamãe Gansa, livro composto de oito histórias extraídas de fontes orais, sendo “Chapeuzinho Vermelho” uma delas. Ao confeccionar essa obra, pretendia que fosse uma história no estilo das fábulas, pois apresentava uma moral e não a estrutura de um conto de fadas (LAJOLO; ZILBERMAN, 2007).

Segundo Nelly Novaes Coelho (2012, p. 27) naquela “época a França vivia um esplêndido momento de progresso e transformações político-culturais, enquanto que o Brasil era ainda uma simples colônia, culturalmente atrasada [...]”

Depois da publicação dessa obra, aproximadamente há mais de um século que decorre, o conto passa a ser mais comum no ambiente aristocrático. E eles são conhecidos como produções diletantes, atribuídos às fiandeiras que contavam histórias, enquanto trabalhavam nas rocas, inspirando, assim, por exemplo, os irmãos Grimm na coleta de histórias. Influenciados pelo ideário cristão que acontecia na época romântica e cedendo às críticas de alguns intelectuais contra a crueldade de certos contos, eles, na segunda edição, retiram episódios de extrema violência. A apreciação desses contos originou a criação do gênero Literatura Infantil.

No Brasil, essa produção literária iniciou-se com um caráter moralista e religioso, refletindo as principais tendências europeias, a partir das quais tudo o que era escrito para criança devia conter uma forte dose de ensinamento, orientação, doutrinação. De acordo com Lajolo (2000), a literatura mais antiga era bastante conservadora, pois instilava passividade nas crianças, nos comportamentos e atitudes, além da submissão aos mestres e obediência aos familiares.

A partir de 1920, com as contribuições preciosas de Monteiro Lobato, a literatura infantojuvenil começou a ganhar *status* de ludicidade, buscando envolver crianças e jovens com a aventura, a brincadeira, a liberdade de ler por prazer.

Nota-se que, na época pós-lobatiana, a criança passa a ser ouvida e a própria linguagem já se torna mais compreensível, tendo assim um melhor envolvimento com a leitura dos textos. Observa-se também o decréscimo da autoridade absoluta do adulto sobre a criança. Os autores oferecerem aos pequenos textos que acreditam ser do gosto deles.

Lentamente, ocorreu um processo de mudança na concepção de Literatura

Infantil que deixou de ser um instrumento moralizante e pedagógico e passou a ser um instrumento que se revela como espelho da sociedade e suas relações, necessidades, questionamentos e padrões estéticos da época (cf. GREGORIN FILHO, 2009).

Para Gregorin Filho (2009, p.36) a Literatura Infantil sofreu mudança significativa na sua concepção, “ou seja, de instrumento pedagógico de concepção moralizante do passado, ela passa a espelhar a sociedade com suas relações, necessidades, questionamentos e padrões estéticos”.

Nelly Novaes Coelho (2000) ressalta que a Literatura Infantil é a arte, que representa o mundo e a vida por intermédio da palavra. Em concordância, Lajolo (2018, p. 55) afirma que: “a literatura é porta para variados mundos que nascem das inúmeras leituras que dela se fazem.”

Quanto mais possibilitamos literatura para os nossos alunos, mais eles estarão aptos a entender o texto, a interpretar, valorizar e a ativar sua competência literária. A literatura é uma ato extremamente social. A narração de histórias para as crianças corresponde ao modo da apresentação do real. E o ato de contar histórias consiste em relatar eventos pessoais ou históricos, fictícios ou reais, cruzado pela memória discursiva constitutiva do imaginário social. Ao contar história, a criança estará praticando uma arte que permite um equilíbrio entre o que é ouvido e da forma como é sentido.

Para Cosson:

A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção (2014, p.17).

Por meio da Literatura Infantil, podemos expressar a alma de um povo, os pensamentos, as ideias, a expressão corporal e vivenciarmos momentos que apenas esse contexto pode nos oferecer.

A Literatura Infantil auxilia na comunicação entre o mundo adulto e infantil,

tornando compreensiva a linguagem literária e as estruturas da aprendizagem. Trata-se de uma excelente ferramenta para o desenvolvimento da oralidade. Em sala de aula, a leitura de literatura infantil não deve ser tarefa obrigatória, mas sim prazerosa, só assim poderá transformar a criança num leitor ativo que até mesmo fora dos muros da escola, sinta prazer em ler. Para despertar esse comportamento, cabe ao professor, ser um estímulo, lendo apaixonadamente e sabendo escolher bons livros, dessa forma ele conseguirá transformar a leitura num objeto de desejo. A escola necessita proporcionar momentos significativos com a literatura, que desenvolvam a imaginação e a curiosidade.

Os livros infantis, além de proporcionarem prazer, contribuem para o enriquecimento intelectual das crianças. Sendo esse gênero objeto da cultura, a criança tem um encontro significativo de suas histórias com o mundo imaginativo dela própria. A criança tem a capacidade de colocar seus próprios significados nos textos que lê, isso quando o adulto permite e não impõe os seus próprios significados, visto estar em constante busca de uma utilidade que o cerca (OLIVEIRA, 2005, p. 125).

É tarefa da escola formar crianças leitoras e críticas, cabendo aos professores proporcionar essas reflexões e esses momentos. Isso porque vivemos numa sociedade onde as trocas sociais ocorrem rapidamente por intermédio da leitura, da escrita ou da linguagem oral. A leitura, para ser significativa, precisa despertar várias sensações no leitor, tais como medo, alegria, raiva, dentre outras. É fundamental que o professor ofereça livros de boa qualidade para as crianças que são leitores iniciantes, pois os materiais empobrecidos quase não acarretam conhecimentos e são desmotivantes.

No mesmo sentido, Burlamaque, Martins e Araújo (2011, p. 80-81) explicam também: “A importância da literatura infantil é de alimentar e estimular a imaginação da criança, auxiliá-la a conhecer melhor a estrutura do seu eu, permitindo também, ampliar sua visão de mundo e alargar seus horizontes cognitivos e emocionais”. Zilberman (2012), por sua vez, ressalta que por mais fantasiosa que seja a obra literária de um escritor, ela se comunica com o leitor, auxiliando-o a conhecer melhor o seu mundo com suas soluções e dificuldades.

Sendo assim, mais que a formação do leitor, a Literatura Infantil assume função estética e apresenta-se como elemento cultural fundamental no processo de emancipação do sujeito, pois além de propiciar a fruição do texto e o prazer pela

leitura, amplia as possibilidades de experimentação, enriquecendo as vivências infantis. Nas palavras de Nelly Novaes Coelho (2000, p.46): “Como objeto que provoca emoções, dá prazer ou diverte e, acima de tudo, modifica a consciência de mundo de seu leitor, a literatura infantil é arte”.

A arte une o indivíduo como o todo, reflete a infinita capacidade humana para a associação, para a circulação de experiências e ideias. Permite compreender a realidade e o ajuda não só suportá-la como transformá-la. As crianças em fase de alfabetização ficam encantadas com histórias infantis de contos de fadas, pois esses recursos didáticos são úteis para atrair nas crianças o hábito e o gosto pela leitura. Desse modo, o trabalho em classes de alfabetização, realizado pelo professor, tem que ter o objetivo de incentivar as crianças a terem um bom desenvolvimento social, tanto na leitura, como na escrita, com o educador e colegas de classe, havendo facilidade em aprender os conteúdos trabalhados de forma correta. A Literatura Infantil apresenta às crianças um universo de magia, emoções, sentimentos, sentidos e significados, a partir da interação com o livro, com o mundo das histórias, proporciona o desenvolvimento da imaginação, da criatividade, de valores culturais, éticos e morais de forma prazerosa; além disso, inicia-as na palavra, no ritmo e na memória, manifestando a competência literária por intermédio do hábito leitor.

Para Ana Maria Machado (2002), a leitura de livros bem escritos trazem ao leitor alegria ao identificar em um personagem características percebidas em si e ainda permitem uma experiência enriquecedora de se transportar para outros lugares. Nessa perspectiva, os livros literários são ferramentas valiosas para o educador e para a escola, como um meio propulsor para um ensino-aprendizagem significativo e qualitativo, desenvolvendo na criança a linguagem, a oralidade, o conhecimento de diversas histórias, enriquecendo e ampliando o vocabulário delas, aproximando-as do universo da escrita, permitindo a livre expressão para descreverem cenários e personagens.

1.2 O papel do mediador

Atualmente, a Literatura Infantil é um assunto muito discutido, principalmente por desenvolver a linguagem, na sua forma simbólica, e estimular a imaginação, além de ajudar na oralidade e na escrita infantil, durante o período de alfabetização.

Percebemos que as crianças que têm contato com os livros conseguem aprender sobre si mesmas, sobre os outros e sobre o mundo que as cerca. Entretanto, a mediação do adulto é imprescindível, sendo ele o leitor mais experiente nesse contexto, principalmente com os alunos no período de alfabetização. Quando as crianças não são alfabetizadas, compete ao professor ler para elas e isso deve ser feito desde a mais tenra idade.

Os professores alfabetizadores têm, portanto, um papel primordial, principalmente quanto ao incentivo das crianças a se aproximarem da leitura e se tornarem boas leitoras. As crianças que vivenciam momentos com a Literatura Infantil humanizam-se, ampliam a sua linguagem, apropriam-se de saberes sobre a expressividade e sobre os valores humanos e, assim, despertam o encantamento pelos livros.

Ouvir histórias é viver um momento de gostosuras, de prazer, de divertimento dos melhores... É encantamento, maravilhamento, sedução... O livro da criança que ainda não lê é a história contada. E ela é (ou pode ser) ampliadora de referenciais, postura colocada, inquietude provocada, emoções deflagradas, suspense a ser resolvido, torcida desenfreada, saudades sentidas, lembranças ressuscitadas, caminhos novos apontados, sorriso gargalhado, belezuras desfrutadas e as mil maravilhas mais que uma boa história provoca [...] (ABRAMOVICH, 1997, p. 24).

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2018) - as crianças, ao se desenvolverem, passam por mudanças que repercutem em suas relações com os outros e com o meio que as rodeia. Portanto, a mediação do professor é necessária para a seleção de bons textos, desafiando o educando a conhecer o outro, o novo, o diferente e a expandir seus horizontes.

A leitura, uma prática social, é uma atividade fundamental na escola e a leitura de Literatura Infantil colabora com o processo de letramento, essencial, especialmente no período de alfabetização, para que a aprendizagem do código linguístico seja significativa e dotada de sentido e função. Segundo a BNCC: “As experiências com a literatura infantil, propostas pelo educador, mediador entre os textos e as crianças, contribuem para o desenvolvimento do gosto pela leitura, do estímulo à imaginação e da ampliação do conhecimento de mundo” (BRASIL, 2018).

Para Lajolo e Zilberman (2007), “a escola evidencia como um importante espaço de mediação entre a criança e a sociedade”. Ela continua sendo um dos

lugares fundamentais para o florescimento ou para o achatamento da leitura literária. Geraldi (1996) aponta que o professor deve ser um incentivador de leitores e isso só será possível através das suas mediações, pois, quando os estudantes observam o encatamento do educador em ler, sendo um leitor voraz e apaixonado, tendo um amplo repertório de leituras, eles se sentem motivados pelo modelo, pelo exemplo.

Em consonância, Lajolo (2000) ressalta que o professor mediador mesmo que não goste de ler, é essencial ter um vasto conhecimento literário, estar familiarizado com a história da alfabetização, da leitura e da literatura do nosso país. Ler, no entanto, é algo essencial e a leitura literária é fundamental.

Muitas vezes, os alunos não veem a leitura como algo prazeroso, pois, para muitos é visto como algo difícil de decifração. Em sala de aula, quanto mais forem oferecidos livros de Literatura Infantil para as crianças, mais fascinadas estarão em praticar a leitura. Quando um professor realiza uma leitura de um conto, permite que seus alunos construam sentidos e que expressem oralmente melhor.

É preciso, portanto, oferecer-lhes os textos do mundo: não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático, apenas porque o professor pede. Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura: o trabalho com a diversidade textual. Sem ela pode-se até ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes (BRASIL 1997, p. 42).

O professor precisa ensinar e ajudar os alunos a construírem seus conhecimentos, ou seja, não ser um mero transmissor ou facilitador de aprendizagem. E, quando realiza mediações, acaba estabelecendo um canal entre o conhecimento e o estudante. Para que os alunos sintam-se motivados a ler, é relevante que o professor realize mediações, apresentando os livros aos leitores iniciantes. De acordo com Colomer:

'Estímulo', 'intervenção', 'mediação', 'familiarização' ou 'animação', são termos associados constantemente à leitura no âmbito escolar, bibliotecário ou de outras instituições públicas e que se repetem sem cessar nos discursos educativos. Todos esses termos se referem à intervenção dos adultos encarregados de "apresentar" os livros às crianças (2007, p.102).

Para a autora, também é muito ponderoso que os professores "saibam analisar e avaliar os livros que oferecem outras formas de fruição para que possam levar as crianças a descobrirem prazeres que exigem maior elaboração" (COLOMER,

2007, p. 69).

No contexto escolar, especialmente entre as crianças que ainda não leem convencionalmente, a contação de histórias é um dos recursos que o professor possui para proporcionar que alunos adentrem ao mundo da leitura de forma lúdica e motivante. E, quando tal acontece, poderão experienciar novos saberes, pois as experiências vividas e sentidas pelo leitor não terminam ao final da história.

Antonio Candido (1995, p. 241) ressalta que todas as pessoas têm o direito à arte, especialmente, à literatura. E a literatura sendo um valioso instrumento educativo e de saber, carece ser utilizada nas aulas com as mediações necessárias do professor. Por isso, é muito notável o professor mediador fazer com que os seus alunos leitores percebam o texto, compreendam e expressem aquilo que leram. Eles precisam ser sujeitos ativos diante da leitura, ou seja, necessitam estabelecer uma relação de troca, uma experiência que provoque questionamentos e dúvidas a respeito do que leram. Cabe a nós, mediadores, oferecermos aos nossos educandos, leituras literárias com qualidade estética para que afetem seu tempo interior e os façam leitores por longo tempo.

1.3 A oralidade nos anos iniciais

Durante o percurso da história da Humanidade, notamos que todos os povos, independente da sua cultura, sempre usavam a linguagem para se comunicar, poucos dispuseram de uma tradição escrita. Marcuschi (2005) aponta que a oralidade é uma prática importantíssima para as pessoas, em que elas utilizam a fala. Uma maneira de transmitir histórias é por intermédio da oralidade.

Em contexto de sala de aula, o desenvolvimento da oralidade pode ser realizado por meio dos contos de fadas e da Literatura Infantil, pois a união entre os dois elementos permite que os estudantes lidem com a fantasia, transporte ela para o mundo real, sem perder a capacidade de representar simbolicamente o mundo imaginário.

Por meio de nossa longa experiência em sala de aula, temos observado a imensa preocupação com a escrita por parte dos professores e que o trabalho com a oralidade fica deixado sempre em segundo plano, ou seja, a escola não dá a devida relevância utilizando a Literatura Infantil apenas como ilustração ou para usar em

exercícios, não como fonte de desenvolvimento.

Carvalho e Ferrarezi Jr. (2018) enfatizam que os alunos na escola estão perdendo sua capacidade de expressão, pois, muitas vezes, são cobrados a ficarem em silêncio, como exemplo de disciplina, porque para muitos professores, aluno bom é aluno calado. O professor necessita estimular os alunos a se expressarem oralmente, manifestando suas opiniões, ideias, porque isso faz parte da nossa identidade, ou seja, é parte essencial do que somos.

Como temos percebido que a oralidade não tem ganhado tanto espaço quanto deveria na sala de aula, isso acontece, também, pelo fato de que as metodologias e materiais disponíveis para os professores se voltam mais para atividades que trabalham ou privilegiam a escrita, ou seja, até os próprios livros didáticos estimulam pouco o trabalho com a modalidade oral.

A oralidade, portanto, é determinante para a composição de nossa identidade. E o texto oral é parte essencial nas estratégias de aquisição do conhecimento, principalmente na fase de alfabetização, em que o aluno está em processo de dominar o código escrito. Para a BNCC (Base Comum Curricular Nacional) a oralidade precisa ser trabalhada por meio da produção dos textos orais, enfatizando as diferenças entre a língua escrita e a falada, buscando compor o discurso oral enaltecendo as particularidades referentes às situações formais e as informais. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) também destacam a importância da oralidade no processo ensino aprendizagem.

De acordo com Marcuschi (2005), a fala é tão fundamental quanto a escrita mas, como observamos pouco está sendo trabalhada nos espaços escolares, principalmente no Ensino Fundamental. Geralmente, é abordada mais na Educação Infantil. O autor ainda ressalta que a oralidade deve ser ensinada e valorizada tanto quanto a língua, pois as duas são complementares e essenciais para a comunicação e o processo de ensino e aprendizagem da língua.

Ensinar língua oral significa para a escola possibilitar acesso a usos da linguagem mais formalizados e convencionais, que exijam controle mais consciente e voluntário da enunciação, levando em consideração a relevância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania. Ensinar a linguagem oral não significa trabalhar com a capacidade de falar em geral. Significa cultivar o domínio dos gêneros que apoiam a aprendizagem escolar de Língua Portuguesa e de outras áreas e, também, os gêneros da vida pública no sentido mais amplo do termo (BRASIL, 1997,

p. 67-68).

É, por isso, que a escola deve trabalhar com a oralidade desde o começo da escolarização, sendo um local onde a multiplicidade da linguagem da criança é bem utilizada, possibilitando-lhes se tornarem sujeitos dominantes dessa linguagem, pois sabemos que a criança vai se aperfeiçoando gradativamente. Nesse sentido, Marcuschi (2008) afirma que, de modo desacertado, atualmente a missão principal da escola é o ensino da escrita. Destarte, ele ressalta a escrita não deve deixar de lado a oralidade, pois as duas são modalidades discursivas, igualmente importantes.

Para Coutinho (2021, p. 32) “a oralidade e a escrita, o som e a grafia não são processos estanques, e sim integradores, pertencentes a um processo de comunicação que os considera parte um do outro”. Dessa maneira, o trabalho em sala de aula com a oralidade é de imensa relevância, pois a fala é parte integrante de nossa vida cotidiana. Portanto, o desenvolvimento da linguagem oral deve acontecer através da vivência de experiências ricas, diversificadas, envolvendo os usos possíveis da linguagem oral. Cabe ao professor planejar a ação pedagógica de maneira a garantir, na sala de aula, uma pluralidade de atividades sistemáticas de fala, escuta e reflexão sobre a língua em seus mais diversificados usos.

A oralidade vista como um meio de desenvolvimento do modo de se expressar do alunado através da fala, é uma habilidade que deve ser trabalhada continuamente pelo educador, e o uso dos discursos através dos gêneros textuais permite a exploração dessa habilidade.

1.4 A leitura de contos

Nas escolas, as crianças no início da escolaridade precisam ser estimuladas a construir sentidos através da linguagem lúdica, metafórica e plurissignificativa dos textos literários, permitindo o desenvolvimento da curiosidade, da fantasia, além de vastas interpretações, possibilitando uma experiência de alteridade, ou seja, a literatura humaniza em sentido profundo, faz-nos viver e nos torna abertos ao semelhante e à sociedade (cf. CANDIDO, 1995).

Para o desenvolvimento humano a oportunidade de ouvir, relatar e ler um conto são relevantes, pois através da narrativa literária os sentidos e os significados universais nos propicia compreender a existência singular de cada um, ao desenvolver

a subjetividade em processo de objetivação do mundo real. As narrativas são obras de arte, pois são passadas de geração para geração ao longo dos séculos por diferentes culturas, por meio da oralidade e, conseqüentemente, por escrito. Elas perpassam a memória e a melodia de cada narrador.

Quando crianças, ouvintes ou leitoras, leem e narram histórias, tornam ela viva e atualizada. Esse contato com a Literatura Infantil proporciona que possamos transcender o mundo da imaginação em favor das questões e realidades atuais. Os contos de fadas permitem o desenvolvimento do imaginário, tão necessário ao desenvolvimento infantil, e dessa forma, as crianças são aguçadas a ler, a desenvolver a sensibilidade artística e a equilibrar o sonho com o real.

Para Betty Coelho (1999, p.11): “A força da história é tamanha que narrador e ouvintes caminham juntos na trilha do enredo e ocorre uma vibração recíproca de sensibilidades, a ponto de diluir-se o ambiente real ante a magia da palavra que comove e enleva”. Segundo a autora, os contos de fada permitem contagiar narrador e ouvinte, envolvendo todos no enredo. Uma boa história desperta sentimentos e possibilita reflexões.

Fanny Abramovich (1997, p.120) destaca que “por lidar com conteúdos da sabedoria popular, com conteúdos essenciais da condição humana, é que esses contos de fadas são importantes, perpetuando-se até hoje”. Segundo a autora, é por intermédio da história que é possível descobrir outros lugares, outros tempos e outros jeitos de agir. Através do conto, os professores permitem que seus alunos viajem para vários lugares, por meio da história, adquirindo, assim, um repertório amplo, contextual e plural que só as histórias proporcionam.

Em sala de aula, o professor precisa oportunizar momentos em que seus alunos expressem suas histórias ou recontem histórias conhecidas por eles. Também, incentive os alunos a opinar, a se comunicar oralmente, sempre ouvindo e respeitando a fala do outro.

Os contos de fadas abordam inúmeros aspectos da personalidade infantil, que são essenciais para a formação de uma boa estrutura psicológica pois, por meio deles, a criança verifica que é possível vencer obstáculos, porque, no final, o herói sempre vence.

Bettelheim (2002, p. 5) afirma que os contos mantêm “a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade”. O autor ressalta, ainda, que os contos de fadas são os mais apropriados para ajudar as crianças a encontrarem um

significado na vida, pois desenvolvem a imaginação e o intelecto, harmonizando com suas ansiedades e deixando claras suas emoções. Além disso, favorece à criança em como lidar com as experiências interiores, ou seja, ela começa aceitar desafios difíceis como também tem a possibilidade de vivenciar aventuras desafiadoras.

Segundo Bamberger (2006), o interesse das crianças pelos contos de fadas inicia-se a partir dos primeiros anos de vida e vai até os 12 anos, mais ou menos. Isso ocorre devido ao interesse dela pela magia e por participar de momentos lúdicos. A criança que escuta uma narração da história atribui a ela e ao narrador um conhecimento que ainda não tem. A Literatura Infantil, nesse sentido, permite o desenvolvimento tanto cognitivo quanto oral dos educandos. Durante nossa trajetória escolar precisamos vivenciar momentos em que possamos contar e recontar histórias, pois só assim poderemos usufruir dos benefícios que ela ocasiona, através de contos de fadas e da riqueza dos seus conteúdos.

A contação de história é uma ferramenta extremamente importante no trabalho com a oralidade durante a infância, pois ela aproxima a criança do universo literário e sua relevância é ainda mais notória quando voltada para crianças que ainda não aprenderam a ler. O momento de contação de histórias proporcionará às crianças um momento de troca de experiências, contribuindo para que sua capacidade de dialogar seja ampliada. Isso acontece porque tal vivência contribui para que haja comunicação entre quem conta a história e quem a escuta, o que facilita a interação dos alunos com o professor.

De acordo com Bettelheim (2002), enquanto diverte a criança, o conto de fadas possibilita que ela se esclareça sobre si, além de favorecer o desenvolvimento de sua personalidade. Também oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência da criança de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à multidão e à diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança.

Na contação de história, o narrador apoia-se na memória, no seu repertório linguístico e gestual, utiliza a narrativa da cultura oral, seus sentidos e suas motivações, estabelecendo assim uma relação única com o ouvinte. Dessa forma, a voz é apenas um meio de propagar a palavra viva, mas também de estimular sensorialmente, através de memórias auditivas.

Alves, Espíndola e Massuia (2011) ressaltam que as histórias compõem, significativamente, o universo infantil, pois, por intermédio dessa narrativa, alcançam-

se elementos essenciais para que os alunos organizem-se internamente. Quando as crianças narram histórias, melhoram a oralidade, a imaginação, ampliam o vocabulário e adquirem repertório linguístico que ajudarão no desenvolvimento da escrita.

Na escola, a contação de histórias permite que os alunos expressem suas ideias oralmente e estabeleçam vínculos com o seu educador. Os contos de fadas ajudam no imaginário infantil dos estudantes e contribuem na formação emocional.

A tarefa mais importante e também mais difícil na criação de uma criança é ajudá-la a encontrar significado na vida. Muitas experiências são necessárias para se chegar a isso. A criança, à medida que se desenvolve, deve aprender passo a passo a se entender melhor; com isto torna-se mais capaz de entender os outros, e eventualmente pode se relacionar com eles de forma mutuamente satisfatória e significativa (BETTELHEIM, 2002, p. 3).

A escola deverá utilizar as histórias de contos de fadas para enriquecer o universo infantil, para desenvolver a escrita e para refletir sobre a realidade. Eles provocam encantamento aos leitores ou ouvintes de todas as idades, além de ajudar a criança na sua formação e na germinação de seu ego. Mas, o que observamos é que a escola não tem trabalhado este gênero com frequência, por não lhe dar a devida importância.

De acordo com Fanny Abramovich (1997), os contos de fadas apresentam muitos temas para serem abordados em sala, alguns, inclusive, com as quais as crianças iriam identificar-se. Por isso, o professor poderia oportunizar momentos de discussão com os alunos, já que eles apreciam muito esse gênero. A escola deveria explorá-lo mais, proporcionando uma aprendizagem mais significativa e que auxilia na formação humana; estimulando as crianças, prematuramente, com o acesso aos contos de fadas e com os livros adequados, elas ao se tornarem adultos, serão capazes de enxergar o mundo mais sensivelmente.

Sendo assim, quanto maior for o contato com o meio literário, seja através da contação de histórias ou da leitura de livros, mais expandido será o vocabulário do discente, e maior será sua capacidade de criar seus próprios discursos. Contar uma história e pedir para que os alunos recontem da sua maneira, permite que eles não apenas partilhem o seu entendimento sobre o que foi contado, mas também possibilita que expressem seu ponto de vista, trabalhando, a partir daí, o seu senso crítico.

2 CHAPEUZINHOS: OBRAS E AUTORES

Iniciamos este capítulo tecendo algumas considerações relevantes acerca das obras selecionadas. Buscamos, então, refletir sobre as marcas da oralidade presentes nos contos que auxiliam no processo de letramento das crianças em fase de alfabetização.

Ao depararmos-nos com uma diversidade de produção desse conto, escolhemos, primeiramente, cotejar as versões clássicas de Perrault e Irmãos Grimm (retirado do Livro de Textos do aluno do Programa Ler e Escrever), dos Irmãos Grimm (traduzida pela Tatiana Belinky), dos “Chapeuzinhos Coloridos”, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta, “Chapeuzinho Amarelo”, de Chico Buarque de Hollanda e o Filme “Deu a louca na Chapeuzinho”.

2.1 Chapeuzinho Vermelho - Charles Perrault

Charles Perrault nasceu em Paris, no dia doze de janeiro de 1628, faleceu em dezesseis de maio de 1703. Escritor e poeta, foi o primeiro autor a incluir uma moral em suas histórias. Escreveu várias obras importantes para o repertório da Literatura Infantil.

Ficou muito conhecido ao publicar uma coletânea para crianças, **História ou contos do tempo passado**, narrativa com marca de moralidade, também conhecida pelo título popular de **Contos da Mamãe Gansa**, publicado em 1697. Segundo Nelly Novaes Coelho (1998), a princípio essa obra não foi pensada para o público infantil e continha oito histórias, sendo o conto “Chapeuzinho Vermelho” uma delas. As histórias eram recolhidas dos populares com a crueldade, a poesia e a moral, próprias da sociedade daquela época. Mas, o francês editava as narrativas, retirando as passagens obscenas, incestuosas e de canibalismo.

O conto “Chapeuzinho Vermelho”, escrito por Charles Perrault, mostra todas as ações e não possibilita que a imaginação dos leitores flua, pois atribui um significado pessoal e moral à história.

Para análise em sala de aula, a versão utilizada foi extraída do livro de Textos: **Ler e**

Escrever³. Essa versão fará parte do *corpus* de nossa pesquisa.

Figura 1 - Livro de textos do aluno - Ler e escrever



Fonte: Acervo Pessoal da professora-pesquisadora.

Nessa versão, a personagem Chapeuzinho Vermelho é descrita no início da obra morando em uma aldeia, fato que explica o motivo pelo qual era conhecida por todos. Destaca que era muito amada pelos seus familiares (a mãe e a avó). Descreve a mãe pedindo à filha que fosse visitar a avó, que estava adoentada, e que levasse um bolo e um potezinho de manteiga.

No caminho, a menina encontra-se com o lobo, que tem vontade de comê-la, mas evita fazê-lo por medo da presença de algum lenhador. A fera passa então a questiona-la com várias indagações (Onde ela ia? Era muito longe?) e, a menina, ignorando o perigo, responde prontamente. Depois, ela é induzida a seguir pelo caminho mais longo chegando, assim, o lobo primeiro na casa da idosa para comê-la e aguardar a chegada da menina disfarçado e deitado na cama.

O Lobo saiu correndo a toda velocidade pelo caminho mais curto, enquanto a menina seguia pelo caminho mais longo, distraído-se a colher avelãs, a correr atrás das borboletas e a fazer um buquê com as florzinhas que ia encontrando (PERRAULT, 2013, p.93).

Quando a Chapeuzinho chega, estranha a voz, mas acredita que a vovó poderia estar rouca. O lobo pede para deixar as coisas que trouxe em cima da arca e a deitar-se com ele na cama. Despida, a menina obediente, deita, mas fica admirada com as características físicas da avó, então, o lobo a seduz e a devora.

³O Programa Ler e Escrever refere-se um guia presente em todas as escolas do Ensino Fundamental, bem como em diversas redes municipais do estado de São Paulo.

Nessa trama, o caçador não surge para punir o lobo. Chapeuzinho é a vítima ingênua e, por deixar levar-se pela astúcia do lobo, é devorada por ele. Geralmente, nos finais do conto de Perrault, sempre há uma moral e essa versão menciona que a menina ignorou o perigo de conversar com o lobo, mostrando a importância de não se conversar com estranhos. Esse conto apresenta a função de entreter o público.

Essa representação mostra à criança uma realidade possível de transformação. Por meio dos contos de fadas, pois ela adquire conhecimentos relativos a si, ao seu mundo e ao outro. Dessa maneira, os enredos contêm atitudes coerentes com os desejos da criança, ao compartilhar os seus sentimentos e orientam na formação desse leitor em estado de aprendizagem.

Naquela época, a personagem Chapeuzinho pertenceria à classe burguesa. Era costume da figura feminina usar a cabeça coberta, ser recatada e respeitada na Idade Média. “A boa velhinha mandou fazer para ela um chapeuzinho vermelho, e esse chapéu assentou-lhe tão bem que a menina passou a ser chamada por todo mundo de Chapeuzinho Vermelho” (PERRAULT, 2013, p.93).

O conto acontece num ambiente mágico, pois o lobo apresenta a capacidade de falar, característica que corresponde ao ser humano e também possui a capacidade de se transformar na avó.

2.2 Chapeuzinho Vermelho - Irmãos Grimm

Jacob Ludwig Carl Grimm nasceu em 1785, na cidade de Hanau, atual estado de Hesse, na Alemanha, e seu irmão Wilhelm Karl Grimm nasceu em 1786, na mesma cidade. Ambos eram filólogos, grandes folcloristas, estudiosos da mitologia germânica e participantes do Círculo Intelectual de Heidelberg (COELHO, N., 2012). Vieram de uma família de Classe Média e eram os mais velhos de seus irmãos. Estudiosos e pesquisadores, viajaram por todo o país, conversando com a população e fazendo levantamento de suas histórias e linguagens. Segundo Nelly Novaes Coelho:

[...] duas mulheres teriam sido as principais testemunhas de que valeram os Irmãos Grimm para essa homérica recolha de textos: a velha camponesa Katherina Wieckmann, de prodiosa memória e Jeannette Hassenpflug, descendente dos franceses e amiga íntima da família Grimm. Em meios à imensa massa de textos que lhe servia para os estudos linguísticos [...] (2012, p.29).

Os irmãos foram os principais responsáveis por introduzir uma literatura essencialmente destinada ao público infantil. Através dos materiais recolhidos entre 1812 e 1822, publicaram **Contos de fadas para crianças e adultos** (1º e 2º volumes). Wilhelm Carl Grimm falece em 16 de dezembro de 1859 e seu irmão, Jacob Ludwig Carl Grimm, em 20 de setembro de 1863, em Berlim.

Entre os vários contos dos Irmãos Grimm, merece ênfase o conto de “Chapeuzinho Vermelho”, por causa das suas marcas simbólicas e da força criadora, pois essa história continua sendo apreciada pelo público infantil e, também, pelos adultos. Portanto, justifica-se aqui sua análise, comparando-o à versão de Charles Perrault.

Nessa versão dos Grimm, que consta no livro **Ler e Escrever do aluno**, inicia-se o conto descrevendo as características físicas da personagem Chapeuzinho Vermelho, o local em que ela mora e o motivo pelo qual ela é conhecida.

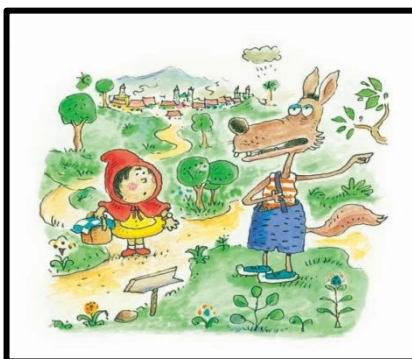
Era uma vez, numa pequena cidade às margens da floresta, uma menina de olhos negros e louros cabelos cacheados, tão graciosa quanto valiosa. Um dia, com um retalho de tecido vermelho, sua mãe costurou para ela uma curta capa com capuz; ficou uma belezinha, combinando muito bem com os cabelos louros e os olhos negros da menina. Daquele dia em diante, a menina não quis mais saber de vestir outra roupa senão aquela e, com o tempo, os moradores da vila passaram a chamá-la de “Chapeuzinho Vermelho” (GRIMM, 2013, p.88).

Além da mãe, Chapeuzinho Vermelho só tinha uma avó, bem velhinha, que apresentava dificuldade de sair de casa e que morava no interior da mata, de vez em quando recebia mantimentos delas. Percebe-se claramente a advertência da mãe quando pede que a menina visite a avó, mas tome cuidado com o caminho e não converse com ninguém. Nesse caminho ela encontra-se com o lobo, mas este se controla e não a ataca por medo de cortadores de lenha.

Olhando para aquela linda menina, o lobo pensou que ela devia ser macia e saborosa. Queria mesmo devorá-la num bocado só. Mas não teve coragem, temendo os cortadores de lenha que poderiam ouvir os gritos da vítima. Por isso, decidiu usar de astúcia (GRIMM, 2013, p.88).

O lobo também faz alguns questionamentos à menina para obter informações sobre aonde ela iria. Também, manipula-a com uma aposta de quem chegaria mais rápido para visitar a avó moribunda.

Figura 2 - Encontro da Chapeuzinho Vermelho com o lobo



Fonte: Ler e Escrever – Livro de textos do aluno, 2013, p.91.

“Conhecendo a floresta tão bem quanto seu nariz, o lobo escolhera para ele o trajeto mais breve, e não demorou muito para alcançar a casinha da vovó. Bateu à porta o mais delicadamente possível, com suas enormes patas.” (GRIMM, 2013, p.89). A fera consegue disfarçar com uma voz doce e a pobre idosa, depois de abrir a porta, acaba sendo devorada sem gritar. Em seguida, o lobo, fecha a porta, disfarça-se e espera a chegada da menina.

A essa altura, Chapeuzinho Vermelho já tinha esquecido do lobo e da aposta sobre quem chegaria primeiro. Ia andando devagar pelo atalho, parando aqui e acolá: ora era atraída por uma árvore carregada de pitangas, ora ficava observando o voo de uma borboleta, ou ainda um ágil esquilo. Parou um pouco para colher um maço de flores do campo, encantou-se a observar uma procissão de formigas e correu atrás de uma joaninha (GRIMM, 2013, p.89).

Assim que a menina chega, também é enganada pelo lobo, que a convence a entrar debaixo das cobertas. Chapeuzinho obedece, mas questiona as características físicas da avó, pensando que ela poderia estar desse jeito pelo fato de estar doente. Mas, o lobo acaba dando um pulo e devora-a de uma vez. Então, depois disso, resolve tirar uma soneca.

Nessa narrativa, a avó e a menina não morrem, pois são salvas com o surgimento da personagem do caçador, diferentemente do que acontece na versão de Charles Perrault.

Algumas horas mais tarde, um caçador passou em frente à casa da vovó, ouviu o barulho e pensou: “Olha só como a velhinha ronca! Estará passando mal? Vou dar uma espiada”. Abriu a porta, chegou perto da cama e... quem

ele viu? O lobo, que dormia como uma pedra, com uma enorme barriga parecendo um grande balão! (GRIMM, 2013, p.90).

O caçador corta a barriga do lobo com uma tesoura e retira a Chapeuzinho Vermelho e a avó dela, depois, a menina corre até a beira do córrego e traz umas pedras redondas para serem colocadas na barriga do lobo. O herói costura a barriga do malfeitor e sai da casa junto com elas, para se esconder.

Mais tarde, o lobo acordou com um peso estranho no estômago. Teria sido indigesta a vovó? Pulou da cama e foi beber água no córrego, mas as pedras pesavam tanto que, quando se abaixou, ele caiu na água e ficou preso no fundo do córrego (GRIMM, 2013, p.91).

No final da história, o lobo é castigado, embora não tenha feito nada mais que lhe seja natural, devorar para alimentar-se, sendo normal, também, o homem matar o animal, o lobo, para cumprir tal façanha (BETTELHEIM, 2002, p.184). Chapeuzinho Vermelho, através das experiências vivenciadas, aprende que precisa ser mais cuidadosa e que deve sempre ouvir os conselhos dados pela sua mãe.

2.3 Chapeuzinho Vermelho - Irmãos Grimm (traduzido por Tatiana Belinky)

Tatiana Belinky nasceu em São Petersburgo, em 18 de março de 1919, dois anos após a Revolução Russa e um ano após do término da Primeira Guerra Mundial. Vive sua infância em São Petersburgo até os dois anos e depois permanece em Riga até os dez. Os pais eram de famílias abastadas, a mãe cantava um vasto repertório de música e o pai adorava contar histórias e declamar. Com tantos estímulos na família, aprendeu a ler sozinha aos quatro anos e falava vários idiomas: russo, letão, alemão e o iídiche.

Em setembro de 1929, a família enfrentava problemas financeiros, foi quando vieram para o Brasil e estabeleceram, em São Paulo. Aqui, ela estudou, trabalhou e casou-se. No ano de 1948, junto com o seu marido, fez adaptações, traduções e criações de peças infantis para a prefeitura de São Paulo. Em 1951, com a chegada da televisão, recebeu um convite para realizar um programa infantojuvenil para crianças e apresentaram a peça Os três ursos. Novamente com o seu marido, realizam a primeira adaptação do Sítio Picapau Amarelo, de Monteiro Lobato.

Já no ano de 1987, escreveu o primeiro livro, Limeriques, pela editora FTD. A

partir dessa publicação, trabalhou muito em novas criações, chegando a escrever mais de cem obras. Suas publicações receberam vários prêmios literários, entre eles o Prêmio Jabuti, em 1989.

Faz parte do *corpus* da nossa pesquisa a obra: **Os Contos de Grimm**. Trata-se de uma edição formosa, ricamente ilustrada, com a capa dura e contém 264 páginas. No livro, constam 49 contos dos famosos irmãos Grimm, que foram traduzidos direto do alemão pela consagrada escritora. Novamente, o conto abordado em sala foi “Chapeuzinho Vermelho”. As ilustrações foram feitas por Veruschka Guerra, utilizando-se da técnica da pintura em acrílico sobre o papel, apresentando, assim, efeitos de cor intensa e marcante.

Figura 3 - Capa do livro: Os contos de Grimm



Fonte: Capa do Livro dos irmãos Grimm, com tradução de BELINKY, 2014.

Nessa versão traduzida, a narrativa apresenta claramente a advertência feita à menina pela mãe e, também, mostra os cuidados da mãe com sua filha.

Certo dia, sua mãe lhe disse: — Vem cá, Chapeuzinho Vermelho; aqui tens um pedaço de bolo e uma garrafa de vinho, leva isto para a vovó; ela está doente e fraca e se fortificará com isto. Sai antes que comece a esquentar, e quando saíres, anda direitinha e comportada e não saias do caminho, senão podes cair e quebrar o vidro e a vovó ficará sem nada. E quando chegares lá, não esqueças de dizer bom-dia, e não fiques espiando por todos os cantos (GRIMM, 2014, p.135).

Essa, talvez, seja a mais conhecida de todas as versões, pois nela a menina

é punida pela sua desobediência. Esse conto ressalta que os bons são salvos e os maus são castigados, pois relata que a avó e a menina são devoradas pelo lobo, mas o caçador acaba salvando-as, ou seja, dá uma segunda chance à Chapeuzinho de não cometer os mesmos erros.

A menina sente prazer quando ouve o lobo mencionar outro caminho com flores e pássaros, escolhendo trilhar o caminho sugerido, sem recordar as orientações dadas pela mãe, que estava “ciente das inclinações de Chapeuzinho para desviar-se do caminho conhecido e espiar pelos cantos para descobrir os segredos dos adultos” (BETTELHEIM, 2002, p.184).

Nessa história, ressaltam-se os atributos da menina de cunho moralizante: boa, carinhosa e, no final da história, ela tem autonomia para lidar com a situação, quando busca as pedras para encher a barriga do malfeitor. A personagem aprende uma importante lição: seguir os conselhos da sua mãe e desconfiar do outro, tomando a precaução necessária.

Então, os três ficaram contentíssimos. O caçador arrancou a pele do lobo e levou-a para casa, a vovó comeu o bolo e bebeu o vinho que a menina trouxera, e logo melhorou, mas Chapeuzinho Vermelho pensou: “Nunca mais eu sairei do caminho sozinho, para correr dentro do mato, quando a mamãe me proibir fazer isso” (GRIMM, 2014, p.138).

2.4 Chapeuzinhos Coloridos

Neste ponto, destacamos no *corpus* de análise o livro **Chapeuzinhos Coloridos**, escrito por José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta e ilustrado por Marília Pirillo. Ele foi lançado no ano de 2010, sendo que em 2012, foi selecionado para compor o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) e recomendado para os anos iniciais do Ensino Fundamental.

A obra foi escolhida de acordo com a sua qualidade, como também a importância do texto literário para a formação dos educandos, uma vez que a leitura desse gênero textual é recomendada por vários referenciais educativos, abrangendo a partir da Educação Infantil até o Ensino Médio.

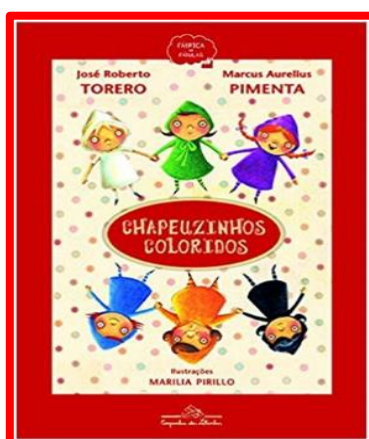
Torero é um escritor, cineasta, roteirista e colunista de esportes brasileiros. Nascido em Santos, em 1963, litoral do Estado de São Paulo, é formado em Letras e Jornalismo pela Universidade de São Paulo. Escreveu vários livros, como O Chalaça,

vencedor do Prêmio Jabuti de 1995, e já concorreu ao Oscar com o curta-metragem Uma história de futebol. Marcus Aurelius Pimenta, por sua vez, nasceu em São Paulo, em 1962, é formado em jornalismo, roteirista de longa-metragens, de programas educativos, de peças de teatro, séries de animação, além de documentários.

Temos, também, a ilustradora Marília Pirillo, portoalegrense, nascida em 23 de outubro de 1969, que soube ilustrar os cenários da narrativa de maneira delicada, dialogando harmonicamente com o texto e com cada uma das Chapeuzinhos. A ilustradora também é escritora de livros infantojuvenis, desde 2008.

Essa obra faz o leitor lembrar da história de **Chapeuzinho Vermelho** de maneira questionadora, imaginando como a história poderia ser diferente: Se o lobo não fosse mau, como seria? E se a Chapeuzinho não usasse um capuz vermelho? Desse modo, é feito um convite a ler através da curiosidade: o que as personagens da capa do livro teriam de comum ou diferente da história original? O livro tem cinquenta e seis páginas, com seis contos, cada um deles tem como personagem principal uma menina chamada Chapeuzinho, em seis cores diferentes, sendo elas: Azul, Cor de Abóbora, Verde, Branco, Lilás e Preto, que são introduzidos de forma semelhante: iniciando-se com o enunciado que corresponde às narrativas maravilhosas do "Era uma vez", com a descrição de onde acontece a história, uma breve apresentação da personagem principal, de acordo com as cores de cada uma delas.

Figura 4 - Capa do livro: Chapeuzinhos Coloridos



Fonte: Capa do livro de Torero e Pimenta, 2017.

Sempre após a introdução, segundo o narrador, aparece a figura da avó, informando o sentimento forte que nutria pela netinha, e que confeccionou uma

capinha com capuz para ela. Apenas no conto “Chapeuzinho Verde” aparece a informação de que a avó a deu de presente, mas sem mencionar se foi feito por ela.

Assim como nos contos de Perrault e dos irmãos Grimm, a menina Chapeuzinho é requisitada por sua mãe a levar alguma coisa para a sua avó, a maioria das vezes são alimentos, como tortas, suspiros, jabuticaba. Somente a Chapeuzinho Lilás é que leva algo inusitado, as revistas de fofocas.

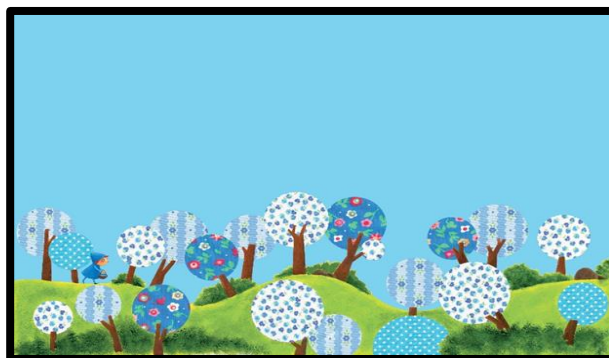
Em quatro das narrativas, a mãe da Chapeuzinho alerta a filha para não sair do caminho, informando-a sobre os perigos da floresta. As histórias desenrolam-se, cada qual do seu jeito, mas todas apresentam a menina cantando no caminho versões da música “Chapeuzinho Vermelho”, de acordo com o contexto da sua personagem. Algumas versões são animadas, engraçadas e, até mesmo, melancólicas. Em todas aparece o lobo, o anti-herói da história conversando com a menina, obtendo informações sobre o seu destino e sugerindo que percorra o caminho mais longo.

Abordaremos, a seguir, cada uma dessas seis histórias.

2.4.1 Chapeuzinho Azul

A personagem principal adorava usar sempre uma capinha com capuz azul, feita pela sua avó. Por esse motivo, era conhecida por todos os moradores da vila. Um dia, a pedido da sua mãe, saiu de casa para visitar a sua avó, levando consigo uma torta de amoras, mas, antes de sair, foi alertada sobre os perigos existentes da floresta.

Figura 5 - Chapeuzinho Azul indo visitar a avó



Fonte: TORERO; PIMENTA, 2017, p.4- 5.

No percurso, ela cantava:

“Pela estrada afora,
Eu vou tão sozinha ,
Tão desprotegida.
Ai de mim, tadinha.”
(TORERO; PIMENTA, 2017, p.5)

Até que, ao adentrar a floresta, deparou-se com o Lobo, que sugeriu o caminho mais longo para a colheita de miosótis azuis e se apressou para chegar antes dela na casa da avó, mas foi surpreendido pela idosa, que estava a sua espera, colocando em prática o seu plano ardiloso, atirando sem piedade com a sua espingarda. Depois, a senhora coloca-o para assar no forno, tornando-o, assim, a sua refeição e da sua netinha.

Figura 6 - O Lobo sendo recebido pela avó da Chapeuzinho Azul



Fonte: TORERO; PIMENTA, 2017, p.6- 7.

Figura 7 - Chapeuzinho Azul saboreando o Lobo com a avó



Fonte: TORERO; PIMENTA, 2017, p.8- 9.

Após a refeição, as duas roncaram tão alto que um Caçador, que andava por ali perto, foi verificar o que estava ocorrendo e qual a sua surpresa encontrou vestígios do Lobo assado, constatou que era um lobo em extinção. As duas foram presas e levadas até a delegacia.

Figura 8 - A avó e a Chapeuzinho Azul presas



Fonte: TORERO; PIMENTA, 2017, p.11.

Mas, no dia seguinte, as duas foram soltas, pois a mãe da Chapeuzinho pagou a fiança. O conto encerra-se informando que a menina aprendeu uma lição: “Não se deve matar os animais, ainda mais se eles estiverem em extinção” (TORERO; PIMENTA, 2014, p.10).

Como podemos observar, a ironia está presente na trama, pois no início do conto a menina, ao cantar, reforça a impressão de ser indefesa, ao mencionar: “sozinha, desprotegida, tadinha” (TORERO; PIMENTA, 2017, p.5).

Além disso, a cor da personagem traz uma ambiguidade, podemos relacionar o azul com a tranquilidade ou com a frieza das malfeitoras em saborear o animal.

Nesta releitura, a imagem do lobo é ridicularizada, pois de perigoso passa a ser frágil, tem o seu plano fracassado de comer a menina e a sua avó. A avó e a netinha de boazinhas são malfeitoras, pois estão acostumadas a enganar os animais, pois esta não tinha sido a primeira vez. O Caçador, aqui, não salva a Chapeuzinho e sua avó e sim as prende por ter cometido um crime contra a fauna. A mãe torna-se a salvadora da avó e da menina ao libertá-las, anulando assim a atitude do caçador. A moral refere-se à defesa dos animais, principalmente os que estão sendo ameaçados

de extinção.

2.4.2 Chapeuzinho Cor de Abóbora

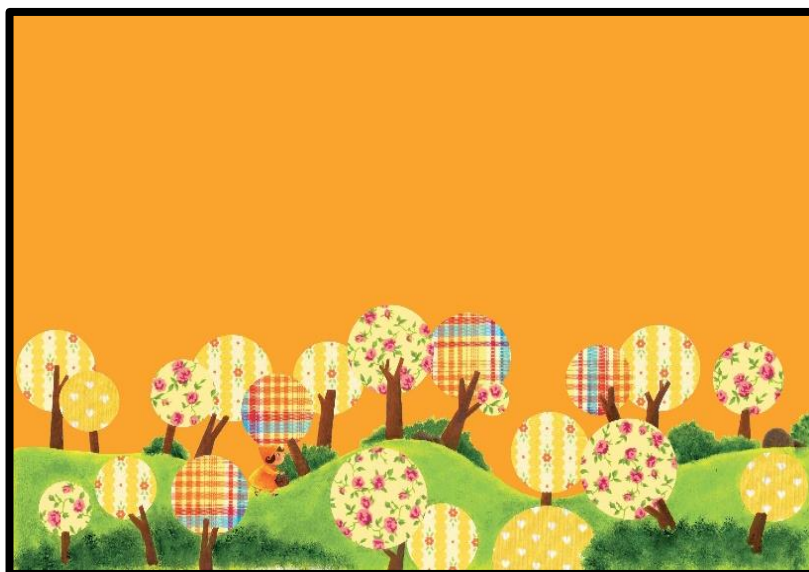
Nessa história, a menina usava uma capinha com capuz cor de abóbora, era gordinha e com grandes bochechas. Como todas as demais protagonistas desse livro, também era muito querida por todos os moradores, inclusive, pela sua avó. Todos a conheciam por causa da sua vestimenta. Aqui, percebemos que a cor se refere ao legume abóbora, reforçando os aspectos físicos da personagem.

Um dia, a mãe solicitou que fosse até a casa da sua avó e levasse uma torta de abóbora com cobertura de chantili e cereja, pois a idosa estava muito magrinha e isso iria fazê-la sentir-se melhor. (TORERO; PIMENTA, 2014, p.12).

Antes de a menina ir, a mãe alerta sobre os perigos da floresta. E essa sai cantarolando:

“Almocei agora,
Mas já tô com fominha.
Pena que esse doce
É para a vovozinha.”
(TORERO; PIMENTA, 2017, p.13)

Figura 9 - Chapeuzinho Cor de Abóbora indo visitar a avó



Fonte: TORERO; PIMENTA, 2017, p.12- 13.

De repente, o Lobo aparece de trás de uma moita, começa a questionar o que ela traz na cesta e se seria para ele. Como todas as protagonistas, novamente temos o mesmo questionamento, e sempre com a mesma resposta: Não. Esse questionamento é tão repetitivo que dá a impressão de que se a resposta fosse outra, o Lobo iria saciar-se somente com aquele alimento. Até mesmo a personagem fica decepcionada por não ser a destinatária daquele alimento. Então, o Lobo a induz em percorrer a trilha mais longa, pois lá estava cheio de árvores frutíferas, das quais ela poderia experimentar. Ele, por sua vez, foi pelo caminho mais curto, para poder chegar antes da menina e devorar a pobre velhinha. Colocou a vestimenta da avó e ficou aguardando Chapeuzinho.

Figura 10 - Chapeuzinho Cor de Abóbora conversando com o Lobo



Fonte: TORERO; PIMENTA, 2017, p.15.

Quando a personagem principal chegou, encontrou o Lobo na cama, debaixo das cobertas, e questionou-o com as perguntas clássicas sobre o tamanho das orelhas, olhos, mãos, nariz e, ao ser questionado sobre a enorme boca, o malfeitor saltou e engoliu-a de uma única vez. Depois, resolveu dormir e seu ronco atraiu o Caçador que foi ver o que estaria acontecendo. Quando o viu, ficou com receio em

matá-lo, pois a idosa poderia ainda estar viva dentro da sua barriga.

Figura 11 - Chapeuzinho questionando o Lobo disfarçado de avó



Fonte: TORERO; PIMENTA, 2017, p. 16- 17.

Ao tentar salvar a idosa e a neta, decidiu cortar a barriga do Lobo, mas esse acordou e também devorou o caçador. E, para finalizar, o Lobo resolveu comer a torta destinada para avó da Chapeuzinho. Porém, ao degustar a cereja, em consequência da sua gula, acabou explodindo e todos os personagens ficaram em pedacinhos.

Figura 12 - O Lobo degustando a cereja da torta



Fonte: TORERO; PIMENTA, 2017, p.19.

A história encerra com o narrador mencionando que se a menina estivesse viva teria aprendido uma lição: “Nunca se deve comer a última cerejinha.” (TORERO; PIMENTA, 2017, p.18).

Analisando essa história, percebemos que, quando a protagonista morre, seus sonhos finalizam. Nela, não existem vencedores, pois todos ficaram em pedacinhos. O Lobo, em busca de satisfação pessoal e gulodice, acaba destruindo-se. Assim, percebemos um alerta para um aumento da obesidade, principalmente, a infantil e o perigo com o *bullying*, embora, a menina fosse conhecida e amada por todos pela sua vestimenta e não pelas suas características físicas. Há, portanto, uma moral implícita na história, mostrando a importância de sermos moderados, não apenas na nossa alimentação, mas em nossas atitudes. Porém, o que mais se destaca, positivamente, nesse conto, é a personagem principal que não segue um padrão como nos outros contos de fadas: “a menina é gordinha, de grandes bochechas” (TORERO; PIMENTA, 2017, p.12). Isso mostra a importância da aceitação e o resgate da autoestima.

2.4.3 Chapeuzinho Verde

Nessa narrativa, Chapeuzinho tinha olhos verdes, cor de esmeraldas, e morava numa vila próxima de uma verdejante floresta. Todos gostavam dela, até mesmo a sua avó, que a presenteou com uma capinha, com capuz verde-dolár. Era bastante conhecida pela sua vestimenta.

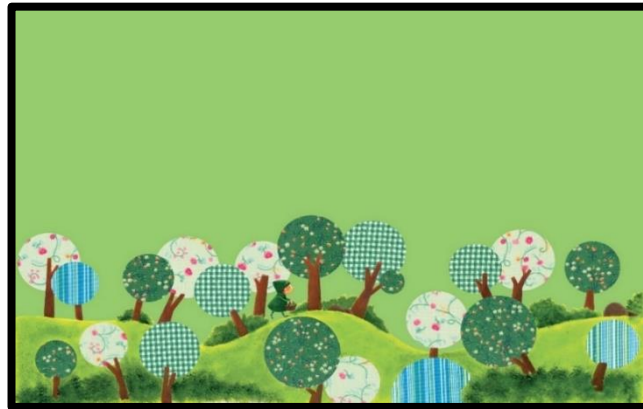
Um dia, sua mãe pediu-lhe para levar uma torta de limão para sua avó, que era muito mesquinha para comprar doces. A menina apresentava um gosto acentuado por dinheiro e solicitou, antes de sair, dinheiro para o ônibus, mas a mãe recordou-a de que não havia transporte para levá-la ao destino.

Porém, a menina, agora, fez uma nova solicitação para a sola do sapato. “Nunca vi menina para gostar tanto assim de dinheiro! É igualzinha a sua avó. Tá bom, pega. Mas tome cuidado. Não sai do caminho porque a floresta é perigosa” (TORERO; PIMENTA, 2014, p. 21).

Ao percorrer o caminho, saiu cantarolando assim:

“Pela estrada afora
Eu vou tão mesquinha.
E pedirei mais grana
Para a vovozinha”.
(TORERO; PIMENTA, 2014, p. 21)

Figura 13 - Chapeuzinho Verde indo visitar a avó



Fonte: TORERO; PIMENTA, 2017, p.20- 21.

Repentinamente, na floresta, a menina depara-se com o Lobo. Após alguns questionamentos dele, a menina tenta vender a torta da avó, mas não consegue, pois o mesmo alega estar sem dinheiro e a convence a pegar o caminho mais longo, alegando que lá ela irá encontrar uma fonte cheia de moedas e poderá pegar quantas quiser. Chegando, assim, no destino pretendido, o Lobo engana a idosa, imitando a voz de sua netinha.

Figura 14 - Chapeuzinho Verde tentando vender a torta

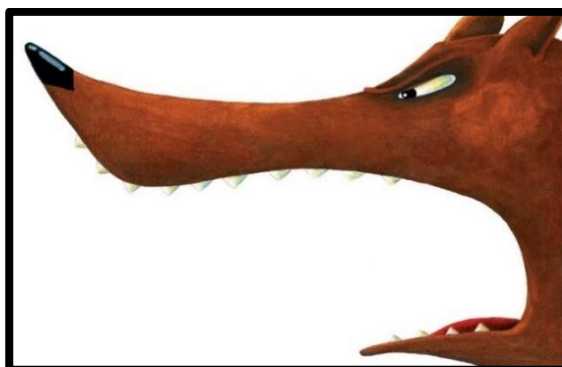


Fonte: TORERO; PIMENTA, 2017, p.23.

A avó, antes de atender à porta, verifica se as suas joias estão seguras no cofre, pois percebe o interesse da neta em roubá-las. O Lobo, também possuía o interesse em subtraí-las, pois já tinha ouvido falar sobre os seus pertences, mas, após

devorá-la, com sua enorme boca, resolveu deitar-se para fazer digestão e esperar a menina.

Figura 15 - O Lobo abrindo a boca para devorar a avó



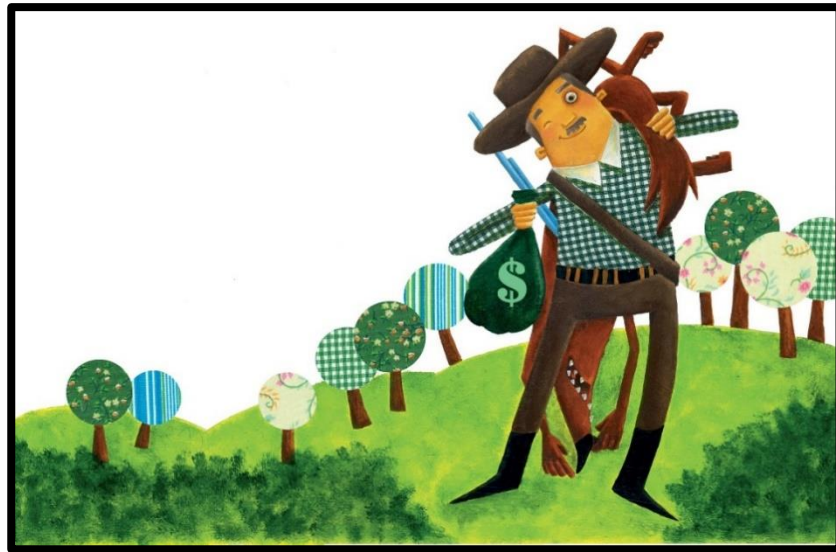
Fonte: TORERO; PIMENTA, 2017, p.24- 25.

Quando chega, a menina acha algo estranho na velhinha, então, começa a questionar:

- “– Vovó, por que você tem orelhas tão grandes?
- Para ouvir o tilintar das moedas.
- E esses olhos tão grandes?
- São para ver os extratos no banco.
- E essas mãos tão grandes?
- São para contar o dinheiro mais rápido.
- E esse nariz tão grande?
- É para sentir o cheiro das notas.
- E essa boca tão grande?
- Então o lobo parou de imitar a vovó e falou com sua voz terrível:
- Essa é pra te comer!” (TORERO; PIMENTA, 2017, p. 25)

Após devorá-la, o lobo resolve cochilar, mas acaba roncando muito alto, atraindo, assim, um Caçador que, ao encontrá-lo, pensou em obter um dinheiro extra com a venda de sua pele, que era bastante rara e, com sua espingarda, atirou e ceifou a vida do Lobo. Depois ao abrir a barriga do animal, notou que avó e a neta estavam vivas, então, propôs que as salvariam em troca das joias da avó e das moedas colhidas na fonte pela menina. As duas foram salvas e a história finaliza-se com a seguinte moral: “O dinheiro não traz felicidade e atrai um monte de malandros” (TORERO; PIMENTA, 2014, p.26).

Figura 16 - O Caçador lucrando com a pele do Lobo



Fonte: TORERO; PIMENTA, 2017, p. 26- 27.

Essa história traz algumas interpretações como, por exemplo, no início da história o destaque da cor dos olhos de esmeralda e a vestimenta da Chapeuzinho serem verde dólar, que está relacionado ao dinheiro, à riqueza, ao capitalismo. A cor verde é uma cor fria, está ligada a mesquinhez da menina em cobrar pela sola do sapato, assim como a avareza da sua avó. O caçador é oportunista, só salvaria as duas em troca de dinheiro. O lobo também é interesseiro, pois deseja apropriar-se das joias. A cor verde está presente no cenário, no fundo das imagens, na vestimenta do caçador e da Chapeuzinho. A torta levada era feita de limão, não apenas pela cor da fruta corresponder à cor temática da narrativa, mas simboliza o azedume da cobiça pelo poder, pelo dinheiro.

Na história, apenas a mãe não é interesseira e apresenta ter sentimento e preocupação pela idosa. Os outros personagens são todos movidos pelo dinheiro. A menina mostra isso quando quer receber pelo o dinheiro do ônibus ao visitar a avó, quando quer vender a torta para Lobo, demonstrando não ter nenhum sentimento pela idosa e, ainda, ao escolher o caminho mais longo para recolher as moedas da fonte. A avó, avarenta, não gostava de gastar o seu dinheiro nem para comprar algo para comer, preferindo ficar “magra feito um palito” (TORERO; PIMENTA, 2017, p. 20). Além disso, não confia na neta, pois teme ser roubada. O caçador não apresenta a nobreza de salvá-las, mas, por dinheiro, mata até um animal raro, para a venda da pele.

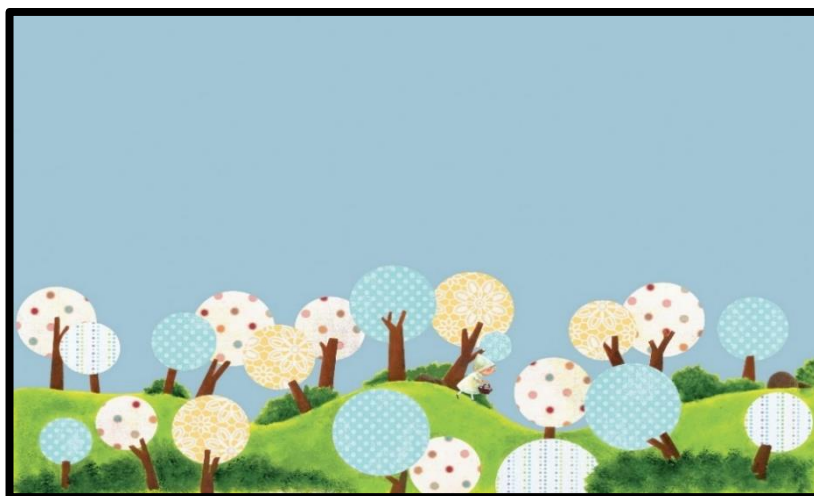
2.4.4 Chapeuzinho Branco

Esse conto começa mencionando que a protagonista morava numa triste floresta, possuía olhos e cabelos claros. Todos gostavam muito dela, principalmente a sua avó, que resolveu fazer uma capinha com capuz branco. A menina usava esta vestimenta o tempo todo, até para limpar a lápide de seu pai, que havia falecido recentemente. E por isso todos a conheciam por Chapeuzinho Branco.

Um dia, a sua mãe solicitou que levasse suspiros para a sua avó se sentir melhor, pois vivia sozinha e ninguém ia visitá-la. Chapeuzinho Branco despediu da mãe com um beijo e saiu em direção à casa da sua avó cantando:

“Pela estrada afora,
Eu vou tão tristonha.
Não tenho mais pai,
Sou uma orfãzinha”.
(TORERO; PIMENTA, 2014, p.21)

Figura 17- Chapeuzinho Branco indo visitar a avó



Fonte: TORERO; PIMENTA, 2017, p.28- 29.

No caminho, a menina depara-se com o Lobo que a questiona sobre o que estaria levando e aonde iria. Depois que obtém as respostas necessárias, convence a menina a pegar a trilha mais longa, dizendo que, naquele lugar, havia muitas crianças brincando.

Enquanto isso, o Lobo chegou à casa da avó da menina, que, após calçar suas polainas, foi atender a porta e, ao encontrar com o malfeitor, nem se importou,

pois fazia tanto tempo que vivia sozinha e, assim, nem que fosse por um breve momento, teria companhia. Mas, o Lobo, que estava muito faminto, num salto a devorou, disfarçou-se de vovó e foi esperar a Chapeuzinho.

Figura 18 - Lobo saltando para devorar a avó

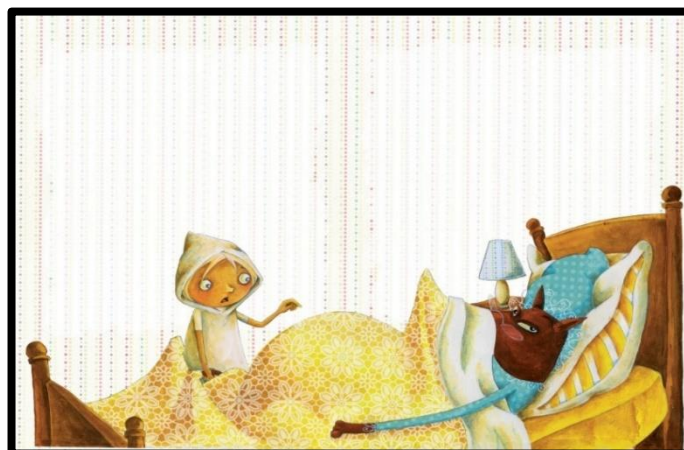


Fonte: TORERO; PIMENTA, 2017, p.30- 31.

Quando Chapeuzinho Branco chegou à casa da avó, foi até a cama e começou a achar a avó estranha. Então, fez alguns questionamentos:

- Por que você tem orelhas tão grandes?
 - São para escutar as vozes dos amigos.
 - E esses olhos tão grandes?
 - São para ver as pessoas.
 - E essas mãos tão grandes?
 - São para abraçar as visitas.
 - E esse nariz tão grande?
 - É para sentir o cheiro dos outros.
 - E essa boca tão grande?
 - Podia ser para conversar, mas vai ser para te comer mesmo.
- (TORERO; PIMENTA, 2017, p. 33)

Figura 19 - Chapeuzinho Branco e o Lobo disfarçado de avó



Fonte: TORERO; PIMENTA, 2017, p. 32- 33.

Então, o Lobo ficou em pé na cama e se preparou para atacar a menina, mas ela informou-o de que não se importava em ser devorada, pois era uma menina muito triste e solitária, desde a perda do seu pai. Como num passe de mágica, o malfeitor, que iria devorá-la, sensibilizou-se com a sua dor e começou a debulhar-se em lágrimas. A menina também emocionou-se e começou a soluçar.

Um Caçador, que passava por ali, foi ver o que estava ocorrendo e quase atirou no animal, mas foi impedido pela mãe de Chapeuzinho Branco, que entrou na casa.

Figura 20 - Encontro da mãe de Chapeuzinho Branco e o Caçador



Fonte: TORERO; PIMENTA, 2017, p. 34- 35.

Ao encontrarem-se, o Caçador e a mãe reconheceram-se como antigos vizinhos e reacenderam um amor do passado. A avó foi desengolida pelo lobo, com vida. Todos ficaram felizes. A avó que não viveria mais só, pois iria morar com o casal recém formado; a menina teria um novo pai e o Lobo seria de estimação.

No final da narrativa, a menina aprende uma lição “Ninguém gosta de ficar sozinho” (TORERO; PIMENTA, 2014, p. 37).

Figura 21 - Todos felizes com a união do casal



Fonte: TORERO; PIMENTA, 2017, p. 36- 37.

Analisando a história, podemos nos basear no Dicionário de símbolos on-line⁴ que ensina ser o branco usado nos países eslavos, na Ásia e na França, como a cor do luto, mas também é usado em rituais de nascimento, casamento, iniciação e morte. No sentido figurado, a palavra suspiro significa lamento, gemido e também costumamos usar a expressão “último suspiro”, para nos referir ao último momento da vida.

A menina deixou de ser melancólica e ficou feliz com a união da sua mãe com o caçador, pois ganhou um novo pai, mostrando que a vida é feita de ciclos e que as relações familiares permeiam os laços sanguíneos. A mãe é a única personagem que não demonstra sentir-se solitária. Essa narrativa aborda as temáticas: solidão e depressão de maneira sutil, em que a avó e neta não temiam perder a vida, pois não tinham alegria em viver.

2.4.5 Chapeuzinho Lilás

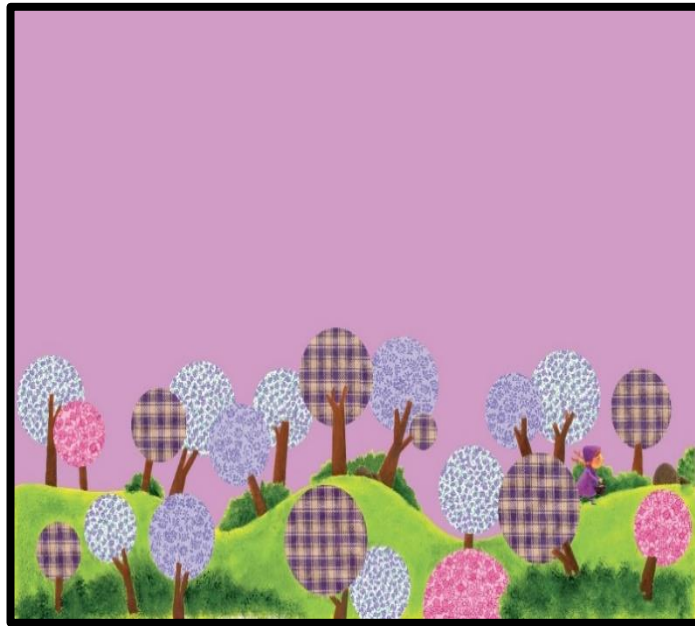
Nesse conto, a menina da capinha com capuz lilás era muito famosa na vila onde morava, todos gostavam dela, principalmente a sua avó.

Um dia, a pedido da mãe, vai à casa da avó levar revistas de fofoca sobre gente famosa. No primeiro momento, demonstra não querer, mas a mãe convence a menina a continuar com sua fama de obediente e trabalhadora. Chapeuzinho Lilás sai para visitar sua avó e cantarolava assim:

“Queria ser famosa,
Bem conhecidinha.
Aí não andaria
Nunca mais sozinha”.
(TORERO; PIMENTA, 2017, p. 39)

⁴Dicionário de símbolos. Disponível em <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/> Acesso em 9 abr. 2023.

Figura 22 - Chapeuzinho Lilás indo visitar a avó.



Fonte: TORERO; PIMENTA, 2017, p. 38- 39.

No percurso, encontrou o Lobo que indicou a ela a trilha mais longa. Nesse caminho, ela poderia colher alguns lilases para a avó. O Lobo foi pela trilha mais curta, mas, ao chegar a casa e chamar a senhora, ele apresentou uma crise de consciência e escondeu-se em uma moita.

Figura 23 - Chapeuzinho Lilás encontrando com o lobo.

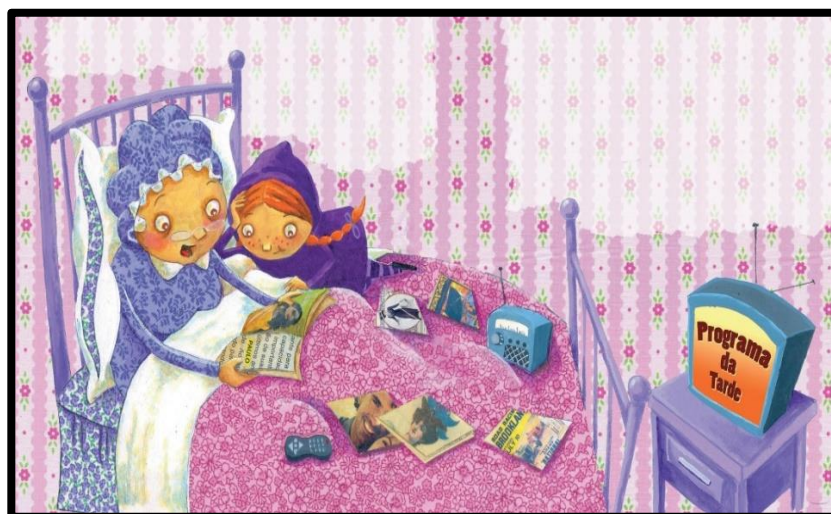


Fonte: TORERO; PIMENTA, 2017, p.40- 41.

Quando a menina chegou, foi até a cama da avó e a questionou:

- Vovó, por que você tem orelhas tão grandes?
- São para ouvir melhor o rádio.
- E esses olhos tão grandes?
- São para ver os programas de tevê.
- E essas mãos tão grandes?
- São para segurar os jornais.
- E esse nariz tão grande?
- É para metê-lo na vida dos outros.
- E essa boca tão grande?
- É para fazer fofoca. – falou a vovó. E dizendo isso, elas começaram a rir e a ler as revistas. E leram tanto que acabaram pegando no sono. (TORERO; PIMENTA, 2017, p. 43)

Figura 24 - Chapeuzinho Lilás e a avó lendo revistas de fofocas.



Fonte: TORERO; PIMENTA, 2017, p. 42- 43.

Quando o Lobo foi a casa e viu as duas dormindo, pensou: “Que bom que não comi essas duas. Assim vou mudar a opinião que as pessoas têm de mim” (TORERO; PIMENTA, 2017, p. 44). Logo, deitou-se na cama com elas e acabou adormecendo. O caçador foi atraído pelo ronco do barulho da barriga do lobo faminto. Ao adentrar a casa, com receio do animal atacá-las, acabou atirando e matando-o.

Todos tornam-se famosos: o caçador porque matou o “perigoso” Lobo, a avó por ter saído no jornal e a menina porque concedeu uma entrevista à televisão. Ao finalizar o conto, temos uma lição para os leitores: “Se falar mal de alguém, deve ser verdade. Será?” (TORERO; PIMENTA, 2014, p. 44).

Figura 25 - Todos se tornaram famosos



Fonte: TORERO; PIMENTA, 2017, p. 45.

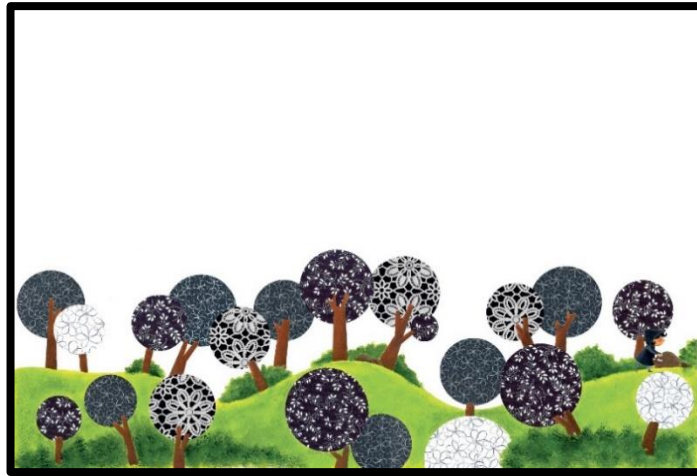
Essa releitura aborda o tema da fama midiática e ostentação. Por meio da personagem principal, que buscava tanto manter a sua fama, percebemos que as pessoas, atualmente, costumam compartilhar em redes sociais tudo que fazem, em busca de seguidores e de visualizações. Outros costumam viver em função do outro e há, também, aqueles que fazem tudo para ficar em evidência, frente aos holofotes. Retrata, ainda, a solidão quando cantarola a menina que quer ser famosa para nunca mais ficar sozinha. Mas, será que todo famoso é feliz e não sente solidão, mesmo cercado de pessoas? Essas são importantes questões para refletirmos. O Lobo acabou pagando com a vida a fama que ele adquiriu nos contos anteriores, mostrando que nem tudo é aquilo que parece.

2.4.6 Chapeuzinho Preto

A última narrativa do livro apresenta uma menina de capinha com capuz preto, que vivia próxima a uma floresta bem escura, de cabelos e olhos negros. Era querida por todos, especialmente pela sua avó. Um dia, a pedido da sua mãe, saiu para levar jabuticabas a sua avó. Não apresentava medo e foi cantando assim:

“Pela estrada afora.
Eu vou depressinha.
Levar essas frutas
Para a vovozinha”.
(TORERO; PIMENTA, 2017, p. 47)

Figura 26 - Chapeuzinho Preto indo visitar a avó

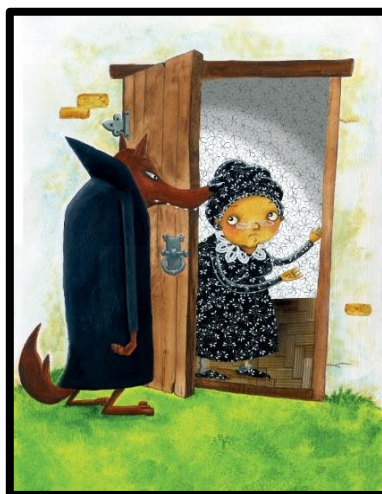


Fonte: TORERO; PIMENTA, 2017, p. 46- 47.

No caminho, encontrou o Lobo que a questionou sobre o que estava trazendo e para onde estava indo. Depois de obter as informações preciosas, sugeriu que a menina seguisse pela trilha mais longa, pois nela Chapeuzinho poderia colher flores, chamadas sempre-vivas, para levar a avó.

Ao chegar à casa da senhora, através da trilha mais curta, o Lobo já era aguardado por ela, que não esboçou nenhuma resistência ao ser engolida. Depois, ele se deitou na cama à espera da menina.

Figura 27 - O Lobo chegando à casa da avó



Fonte: TORERO; PIMENTA, 2017, p. 49.

Quando a Chapeuzinho chegou a casa, percebeu que demorou muito tempo

na floresta, principalmente quando se olhou através do espelho, “viu que estava mais velha. Já era uma mulher” (TORERO; PIMENTA, 2017, p. 51).

Figura 28 - Chapeuzinho Preto olhando no espelho



Fonte: TORERO; PIMENTA, 2017, p. 50- 51.

Chapeuzinho fez as perguntas tradicionais para si mesma e obteve as seguintes respostas:

- Por que eu tenho orelhas tão grandes?
 - E ela se respondeu:
 - Ah, é porque agora já posso usar brincos.
 - E esses olhos tão grandes?
 - É porque agora posso ver mais coisas.
 - E essas mãos tão grandes?
 - É porque agora eu posso alcançar o que antes eu não alcançava.
 - E esse nariz tão grande?
 - É porque agora sou dona do meu próprio nariz.
 - E essa boca tão grande?
 - Acho que é porque já posso falar por mim mesma – falou Chapeuzinho.
- (TORERO; PIMENTA, 2017, p. 51)

Depois, foi em direção ao lobo e questionou-o sobre a avó.

- Ele confirmou que a engoliu:
- E quem é você?
 - Sou o Lobo dos lobos. As pessoas me chamam de Tempo
- (TORERO; PIMENTA, 2017, p. 52).

Chapeuzinho Preto descobriu que seria engolida por ele, mas não agora, ou seja, a morte não estaria próxima e ela acabou aceitando o convite dele em degustar as jabuticabas que seriam para avó.

Figura 29 - Chapeuzinho Preto e o Lobo degustando as jabuticabas



Fonte: TORERO; PIMENTA, 2017, p. 52- 53.

Após a degustação, resolveram tirar uma soneca e, como estavam satisfeitos, acabaram roncando muito alto e um caçador, que estava ali perto, resolveu verificar o que estaria ocorrendo. Tentou atirar com a espingarda na direção do lobo, mas sem sucesso.

Então o Caçador exclamou:

- Lobo maldito! Não consigo vencê-lo!
- Isso é impossível, caro Caçador, mas nós podemos ser amigos.
- Como, se um dia você vai me engolir? (TORERO; PIMENTA, 2017, p. 52)

O Lobo representa o tempo que, fatalmente, acaba engolindo “tudo e todos” e, na história, ele poupa a vida da menina e do Caçador. Essa releitura finaliza afirmando que a Chapeuzinho Preto ficou feliz porque aprendeu uma lição: “Devemos comer as jabuticabas bem devagar e aproveitar cada uma delas” (TORERO; PIMENTA, 2014, p.53).

Nesse conto, o texto apresenta tons mais poéticos que as outras versões. Percebemos que a menina, no início da história, demonstra ser muito corajosa, pois percorre uma floresta muito escura, comprovando amadurecimento. A cor da vestimenta da personagem principal corresponde ao luto, aspectos sombrios, mas a menina é bastante sensível e nota as transformações físicas que ocorreram em seu corpo, pois agora é uma mulher. E, ao dialogar com o malfeitor, mostra que é preciso enfrentar os nossos problemas de frente. Essa releitura, ressalta que temos que aproveitar a vida bem devagar, sem pressa de encontrarmo-nos com o Lobo/Tempo.

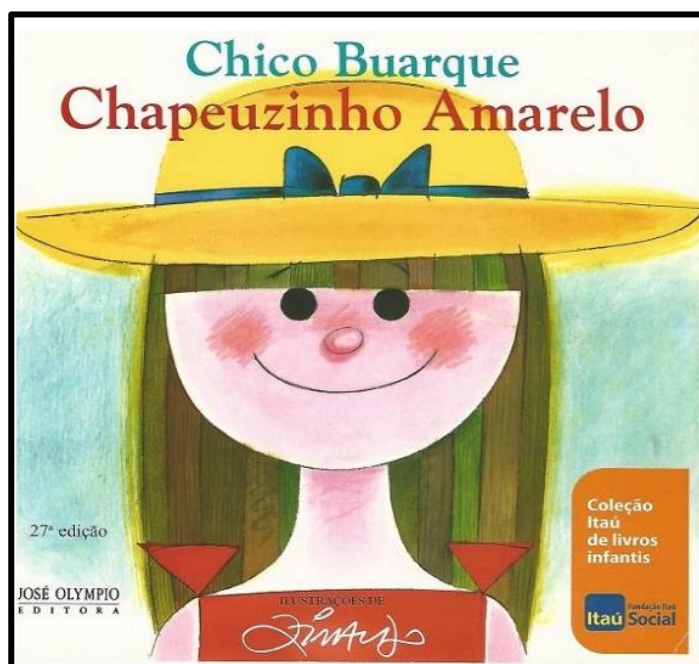
2.5 Chapeuzinho Amarelo

Francisco Buarque de Hollanda nasceu no Rio de Janeiro, em 19 de junho de 1944. Compositor, editou pela primeira vez, em 1970, a obra **Chapeuzinho Amarelo**. Relançou em 1979, com ilustrações do chargista e escritor Ziraldo. O livro recebeu o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro em 1998 e, também, tem o selo de Altamente Recomendável para Crianças da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ). Sua narrativa aborda o diferente, através da via do humor. Consiste num poema narrativo que aborda as aventuras de uma menina que apresentava medo de tudo.

Essa obra contém uma crítica referente ao período de 1960 e 1970, momento em que ocorre o regime da ditadura militar no Brasil, em que as pessoas não podiam manifestar suas ideias contra o governo, pois eram punidas, presas e torturadas. O livro transmite uma mensagem implícita relacionada às questões de liberdade de expressão e conscientização para um discurso de libertar-se das repressões e dos medos. Lajolo e Zilberman (2007, p.156) afirmam que essa obra realiza uma metáfora ao regime da época, pois utiliza como tema a relação da palavra com as coisas e recomenda o poder da linguagem.

Em **Chapeuzinho Amarelo**, as palavras e as imagens tecem e produzem uma leitura poética. A interação verbo-visual possibilita ao leitor entender o texto por intermédio da escrita, ou pelo aspecto visual. As imagens são utilizadas com a finalidade de capturar o leitor para ler a obra. Para Aguiar (2004, p.25), a linguagem divide-se em dois grupos: o verbal refere-se a linguagem articulada, que compõe a língua, ou seja, são as palavras escritas ou faladas e o não verbal corresponde, de formas variadas, a imagens sensoriais como as visuais, auditivas, olfativas, gustativas e cinestésicas, ou seja, os gestos, as cores, as formas, a música, que ocorrem de maneira global. Nessa obra, os dois grupos são bem explorados.

Figura 30 - Capa do livro da Chapeuzinho Amarelo



Fonte: Capa do livro de Chico Buarque, 2011.

Chapeuzinho Amarelo apresenta uma narrativa que gira em torno do advérbio de negação “não”, que transcorre em toda a história, apontando que a protagonista, às vezes, era muito passiva, não manifestava atitude, por demonstrar medo, ou seja, esse estado emocional fazia parte da sua vida diária, muito diferente da “Chapeuzinho” dos Irmãos Grimm que, com seu capuzinho de veludo vermelho, era muito corajosa.

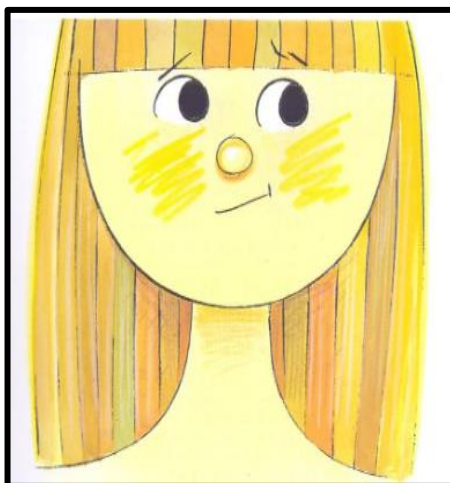
Essa história diferencia-se das demais que foram relatadas, pois fala apenas da menina, do lobo e dos seus medos. Não menciona a mãe, a avó e muito menos o caçador. Destaca uma menina com medos, que amarela de medo, que sente medo de tudo, principalmente do lobo, mas que quando o conhece diminui esse medo e aprende a viver, diminuindo seu sentimento covarde das coisas.

“Era a Chapeuzinho Amarelo.
Amarela de medo.
Tinha medo de tudo,
Aquela Chapeuzinho.
Já não ria.
Em festa não aparecia.
Não subia escada
Nem descia.
Não estava resfriada

Mas tossia.
Ouvia conto de fada
e estremecia.
Não brincava mais de nada,
Nem de amarelinha.”
(BUARQUE, 2011, p.7)

A ilustração inicial da obra, destaca, em close, o rosto amarelo da personagem (figura 31). Ela demonstra um medo, um incômodo.

Figura 31 - Chapeuzinho Amarelo amarelada de medo



Fonte: BUARQUE, 2011, p.7.

De acordo com o **Dicionário on-line de símbolos**, a cor amarela significa a mais quente de todas as cores; em muitos países, ela representa a covardia; na cosmologia mexicana, é parecido ao mistério da renovação.

Figura 32 - Chapeuzinho Amarelo apavorada



Fonte: BUARQUE, 2011, p.8- 9.

O pavor e a aflição da menina são retratados nessa imagem, através do posicionamento da personagem encolhida no canto direito da paginação dupla, retraída pela própria sombra, destaca seus temores imaginários, saltando sobre ela, aranhas e cobras.

Figura 33 - Chapeuzinho Amarelo insegura



Fonte: BUARQUE, 2011, p.11.

A menina apresenta insegurança provocada pelo medo, mas, nessa cena, ela se expõe mais, mostrando o ombro. A cor do chapéu permanece, embora novas cores intensifiquem a imagem.

Figura 34 - Chapeuzinho Amarelo com medo de encontrar com o Lobo

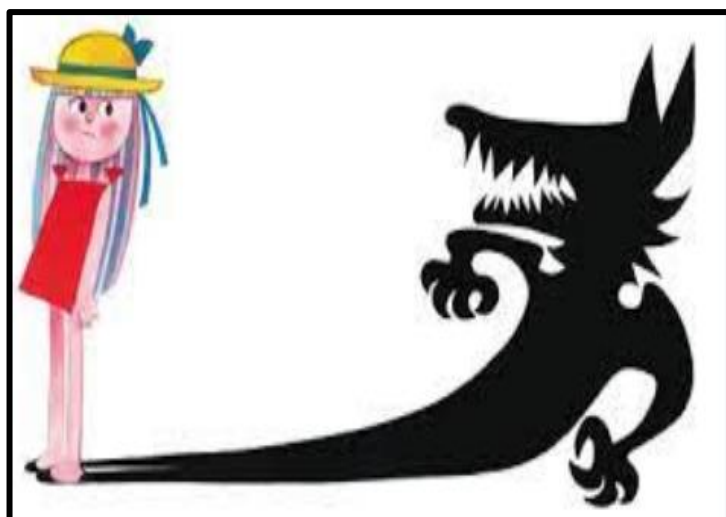


Fonte: BUARQUE, 2011, p.12- 13.

Chapeuzinho apresenta bastante medo de encontrar-se com o lobo. Um lobo que poderia residir em qualquer lugar do mundo, como do outro lado da montanha ou, talvez, no buraco da Alemanha, com muitas teias de aranha, numa terra muito estranha, ou que, talvez, nem existisse. Essa imagem traz alguns elementos relacionados no texto verbal, como teia de aranha, montanhas e buraco. Um buraco escuro em que apontam-se dois olhos com uma expressão cruel, presumindo a presença do lobo.

O autor, ao se referir à Alemanha, realiza uma insinuação direta à nacionalidade dos Irmãos Grimm.

Figura 35 - Medo , do medo de um dia encontrar com o Lobo



Fonte: BUARQUE, 2011, p.14- 15.

“Chapeuzinho tinha cada vez mais medo do medo do medo do medo de um dia encontrar um LOBO. Um LOBO que não existia” (BUARQUE, 2011, p.14). A figura 35 apresenta a menina e a sombra do malfeitor com o corpo todo, prestes a atacá-la. Essa sombra projetada aparenta um medo de um lobo não-existente, uma ameaça aterradora. O medo dela era tão intenso, que vinha do reflexo das histórias que ela conhecia sobre lobo mau contadas pelos adultos. Esse personagem é o mesmo que estava presente nos contos dos irmãos Grimm.

Figura 36 - Encontro da Chapeuzinho Amarelo com o Lobo



Fonte: BUARQUE, 2011, p.16- 17.

A personagem principal está surpresa ao se deparar com o Lobo com a boca aberta com dentes imensos e pontiagudos; com olhos na direção dela e avermelhados, demonstrado assim a sua raiva e ferocidade.

Figura 37 - Chapeuzinho Amarelo e o Lobo se afrontam



Fonte: BUARQUE, 2011, p.18- 19.

Essa cena apresenta uns tons avermelhados no fundo que se referem a um pôr do sol. Tanto a Chapeuzinho quanto o Lobo estão sob o efeito das sombras e se afrontam. A menina apenas o mira, afugentando o medo que tinha, mas o Lobo tem um semblante sério.

Figura 38 - O Lobo triste e murcho



Fonte: BUARQUE, 2011, p.20- 21.

A figura 38 retrata um Lobo desapontado, triste, murcho envergonhado, pois deixa de provocar medo e perde o papel de malfeitor.

Figura 39 - Lobo aborrecido



Fonte: BUARQUE, 2011, p.22- 23.

O Lobo é retratado como descontente e desanimado. Na ilustração é utilizado uma onomatopeia acima da sua cabeça, "Pô", para demonstrar a sua emoção.

Figura 40 - Chapeuzinho Amarelo não teme mais o Lobo

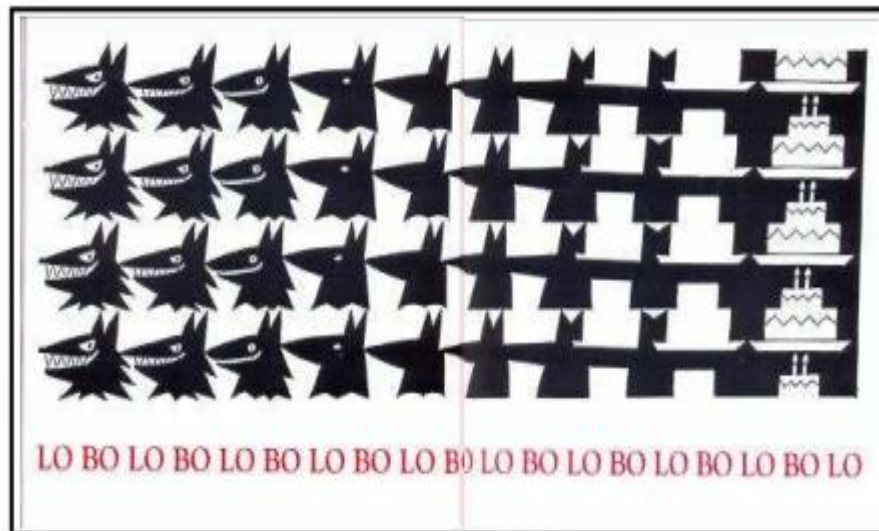


Fonte: BUARQUE, 2011, p.24- 25.

Ele gritou: sou um LOBO!
 Mas a Chapeuzinho, nada.
 E ele gritou: sou um LOBO!
 Chapeuzinho deu risada.
 E ele berrou: EU SOU UM LOBO!!!
 Chapeuzinho, já meio enjoada,
 Com vontade de brincar
 de outra coisa.
 Ele então gritou bem forte
 Aquele seu nome de LOBO
 umas vinte e cinco vezes,
 que era pro medo ir voltando
 e a menininha saber
 com quem não estava falando:
 (BUARQUE, 2011, p.25).

A menina percebe que o animal não é tão amedrontador quanto parecia. Aponta o dedo e dá gargalhadas, mas ele, expondo os dentões para fora, se aborrece em saber que ela não apresenta mais medo e resolve berrar. Utiliza-se para destacar a fala o balão e, também, para emitir o grito bem alto ao leitor. Então, o Lobo a todo custo tentou reacender o medo em Chapeuzinho Amarelo, mas parece que não surtiu efeito.

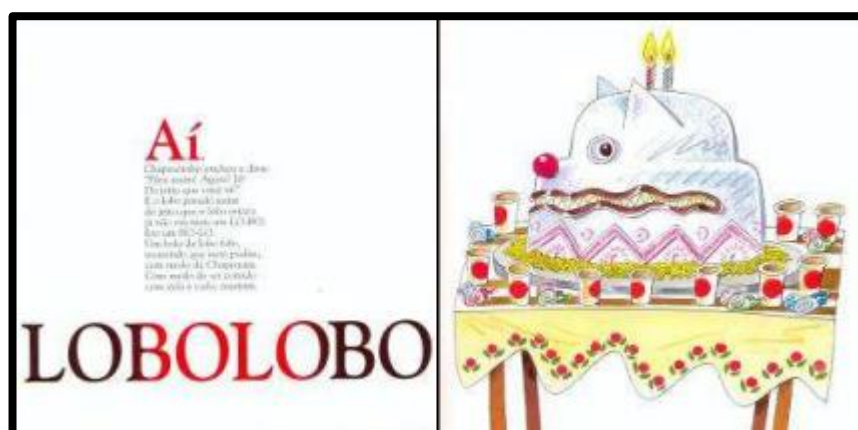
Figura 41- LO-BO, BO-LO



Fonte: BUARQUE, 2011, p.26- 27.

Essa cena, aplica um recurso “figura/fundo”, o qual utiliza figuras entrecruzadas que se alteram, progressivamente, em formas diferenciadas e onde aparece a imagem metamorfoseada de transição do lobo para bolo, ocorrendo, assim, um arranjo fonológico que acaba produzindo um novo sentido para representar o antagonista.

Figura 42 - Bolo de Lobo fofo

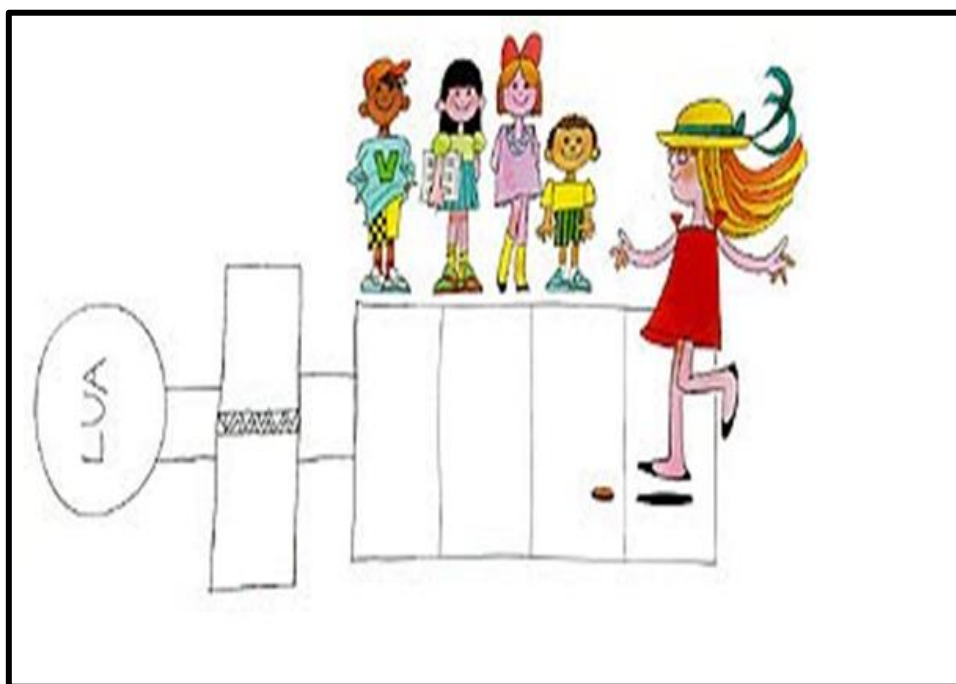


Fonte: BUARQUE, 2011, p.28- 29.

Chapeuzinho perde a paciência e manda o Lobo calar-se, situação que, “semioticamente”, modifica em um bolo divertido de Lobo fofo com vela. Destaca a

repetição da palavra LOBO, a palavra BOLO e aumenta o tamanho da fonte com nuances vermelhas.

Figura 43 - Chapeuzinho Amarelo se divertindo com outras crianças



Fonte: BUARQUE, 2011, p.30- 31.

Cai, levanta, se machuca,
vai à praia, entra no mato,
trepa em árvore, rouba fruta,
depois joga amarelinha
com o primo da vizinha,
com a filha do jornaleiro,
com a sobrinha da madrinha
e o neto do sapateiro.
(BUARQUE, 2011, p.30).

A menina, apesar de ser bastante medrosa durante quase toda a história, enfrenta o problema que assombrava e, a partir desta atitude, a personagem interage com as outras crianças, brinca, passeia, faz travessura, enfim, diverte-se e aproveita a vida. Ela vê que era tudo fantasia da sua imaginação e que agora pode participar de muitas coisas que não se envolvia.

Essa narrativa demonstra que é preciso enfrentarmos nossos medos para que possamos superar nossos obstáculos, só assim poderemos ser ativos no nosso mundo. Chico Buarque ressalta, com sua história, o caráter humanizador da literatura, como ela é importante para modificar a nossa realidade.

2.6 Deu a louca na Chapeuzinho

O filme **“Deu a Louca na Chapeuzinho”** (2005) está inserido nesse contexto de produção, além disso, claramente, inspira-se no conto “Chapeuzinho Vermelho”, especificamente na versão dos Irmãos Grimm. Isso porque Vovó e Chapeuzinho não morrem como na versão de Perrault, mas sobrevivem e, também, surgem vários outros personagens, entre os quais o inspetor Pirueta, o delegado urso, o esquilo, o coelho e seu grupo de capangas. O caçador, aqui, é substituído por um lenhador.

Observando as informações acima, a obra torna-se emocionante, pois apresenta novos elementos em relação ao que já se sabe da história da “Chapeuzinho Vermelho”, convidando o expectador a solucionar o mistério que se menciona e, de certo modo, ao retratar os personagens de forma diferente, remete à ideia de algo novo, ou seja, gerando expectativa. O filme inicia-se com a fala de um narrador, que se ausenta no transcorrer da história. Sua fala é relevante para que se faça a reflexão sobre o propósito da obra.

A narrativa transcorre apresentando a versão do lobo, da Chapeuzinho e da Vovó, para o mesmo ocorrido e agrega um elemento novo, que é o roubo de receitas de doces, cometido pelo Bandido Guloso. No longa-metragem, a Vovó é bastante famosa no local, por ser uma excelente doceira.

Figura 46 - Capa do filme: Deu a louca na Chapeuzinho



Fonte: Cory Edwards, 2006.

Entretanto, a floresta está em crise, pois o Bandido Guloso está roubando as receitas de todas as confeitarias e provocando a falência. Esse acontecimento preocupa tanto Chapeuzinho que ela mesma resolve levar o livro de receitas para a casa de sua avó, na montanha. Nessa jornada, depara-se com o lobo, que não é mau, e sim um repórter investigativo atrás do Bandido Guloso.

Ele desconfia que Chapeuzinho e a avó sejam as ladras das receitas, pois, dessa forma, acabariam com a concorrência. O lobo vai à casa da senhora e chega antes da menina. Nesse momento, a avó já se encontra trancada no armário, depois de um acidente em um pouso com paraquedas. Ele coloca uma máscara da avó, material promocional da confeitaria que estava guardado na casa, e espera pela menina.

Ela fica em silêncio, enquanto ouve o delegado tirar conclusões iniciais sobre o fato ocorrido, ou seja, acusando o lobo pelo roubo das receitas. Mas, quando ele a observa e indaga se ela não deveria estar na escola, a menina apresenta um raciocínio rápido e defende-se respondendo com outro questionamento: “Onde está o meu advogado?”

Através de sua fala, nota-se que a menina coloca-se em condição de igualdade com o delegado. Seu semblante expressa a ironia no tom de sua fala e sua resposta, demonstra saber cuidar-se. O fato de responder à pergunta questionando, demonstra que a menina sabe que deveria estar na escola.

Chapeuzinho Vermelho, no filme “Deu a Louca na Chapeuzinho”, é tratada como um mini-adulto, que é independente, principalmente pela ausência da mãe. Algumas vezes, a avó tenta proteger a neta, mas ela representa ser bem mais idosa e, no início da trama, mesmo sendo a única pessoa da família da menina, fica distante.

A menina depara-se com o seu amigo coelho Boingo. Ela acredita no que ele fala, sobre a sua perda do emprego e, para agradá-lo, oferece um pãozinho de cenoura. A personagem, aqui, representa ser muito amável e atenciosa.

Assim como no conto de fadas em que Chapeuzinho é enganada pelo lobo, na animação, a personagem é enganada pelo amigo coelho. Na verdade, o coelho enganou a todos e, no final do filme, é a menina quem primeiro percebe que ele é o bandido.

A novidade do filme está no novo vilão, um ser tão fofinho, e na fala da Chapeuzinho, “ainda tenho muita coisa pra fazer”, representando que a menina trabalha nas entregas da avó, novamente tratada como adulto, tendo responsabilidade

em cumprir com os compromissos.

Chapeuzinho fica desapontada em descobrir que a sua avó pratica esportes radicais e leva uma vida agitada, o que não condiz com a sua aparência física. A menina decepciona-se com a avó por ter uma vida emocionante, enquanto ela leva uma vida pacata. Há uma inversão de papéis, ela é responsável e a avó não.

Ao final dessa cena, Chapeuzinho tira o capuz vermelho e joga-o no chão, enfatizando o seu sentimento de decepção. Porém, para compreender esse gesto, é preciso recorrer ao conto de fadas, no qual o filme inspira-se, para perceber que o capuz é dado pela avó. Essa atitude simboliza um rompimento dessa relação.

No final do filme, elas fazem as pazes. Chapeuzinho é amorosa e a avó menciona que havia aprendido com ela, mostrando, assim, a importância da neta em sua vida. A menina não é mais uma simples entregadora de doces, pois passou por uma aventura enfrentando o Bandido Guloso.

Percebemos que no conto a personagem principal é ingênua e obediente, se seguir as orientações do adulto estará segura. Já no filme de animação, as suas vestimentas e suas atitudes representam independência, pois é uma menina que apresenta autonomia para agir, sendo questionadora.

3. ASPECTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentamos os aspectos metodológicos que nortearam o trabalho. Nele, o percurso da pesquisa é descrito a partir dos seguintes tópicos: caracterização da escola, espaço do estudo; caracterização dos sujeitos envolvidos na pesquisa, os docentes alfabetizadores da escola e os participantes (alunos de um 1º ano do Ensino Fundamental I).

3.1 Metodologia

O estudo realizado ocorreu por meio da abordagem qualitativa, caracterizando-se como do tipo exploratório, de cunho interventivo. Para Gil (2007), esse tipo de estudo tem a finalidade de esclarecer e mudar conceitos e ideias, proporcionando uma visão geral de um fato específico, obtendo maior familiaridade com o problema e estabelecendo hipóteses.

A pesquisa qualitativa volta-se a investigar e estabelecer as ações realizadas pelo homem, bem como buscar significados, pois esse movimento dinâmico possibilita verificar que os elementos imersos nela apontam dados para que se construam afirmações no seu decorrer.

Segundo Bortoni-Ricardo (2008, p.46), "o professor pesquisador não se vê apenas como um usuário de conhecimento produzido, mas se propõe também a produzir conhecimentos sobre seus problemas profissionais, de forma a melhorar sua prática". Dessa forma, a pesquisa educacional apoia-se na prática educativa e nas ações realizadas no ambiente escolar.

Para a realização deste trabalho, adotamos uma metodologia de caráter qualitativo, pois não procuramos medir eventos, e sim obter dados descritivos no intuito de entender a situação estudada. Utilizamos um *corpus* documental de livros de Literatura Infantil, com narrações produzidas em diferentes épocas, do século XVII ao século XXI. O conto foi escrito por autores em contextos histórico-sociais diferentes e conseqüentemente, em condições de produção diferentes.

Em diversos momentos do desenvolvimento das atividades, lançamos mão das rodas de conversa, como forma de promoção não somente do exercício da fala, mas também da escuta, inclusive, da parte da professora pesquisadora, para registro das observações e oficinas com produção de conto de fadas **Chapeuzinho**

Vermelho, ora na modalidade oral, ora na modalidade escrita, com apoio de professor escriba ou de aluno avançado na hipótese de escrita alfabética.

A roda de conversa possibilitou a produção de dados em que o pesquisador inseriu-se como sujeito, pela participação na conversa e, ao mesmo tempo, produziu dados para discussão. Trata-se, desse modo, de um instrumento que permite a socialização de experiências e o desenvolvimento de reflexões sobre as práticas educativas dos sujeitos em um processo mediado pela interação com os pares, por meio de diálogos internos e do silêncio observador e reflexivo.

Para Creswell (2010), a roda de conversa permite compreender o significado que os indivíduos, ou os grupos, conferem a um determinado problema. As rodas de conversa oportunizam, dessa maneira, encontros dialógicos e criam oportunidades para partilha de opiniões, em que os participantes colocam em exercício tanto a escuta quanto a fala.

Além disso, parte dos estudos exploratórios podem ser definidos como pesquisas bibliográficas. A principal vantagem dessa pesquisa consiste no fato dela permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Segundo Gil (2007), numa pesquisa bibliográfica é necessário um número grandes de fontes, pois, dessa forma, poderá evitar os erros.

Este estudo sustentou-se pelo princípio da leitura literária, por meio do método criativo, cuja prática investigativa ocorreu no contexto educacional de um primeiro ano, de escola pública da cidade de Ourinhos, Estado de São Paulo, com a regênciada professora pesquisadora.

O Método Criativo, proposto por Bordini e Aguiar (1988), está ligado às práticas artísticas e é por intermédio dele que adquirimos conhecimentos e conseguimos transformar a realidade de maneira motivante. Segundo as estudiosas, quando planejamos primeiramente suas atividades, permitimos que isso ocorra.

Esse método usado para ensinar a ler literatura aborda três fatores constituintes, quais sejam: a) o sujeito criador, com seu aparelho cognitivo, afetivo e motor; b) o processo de criação; c) o contexto cultural e histórico.

Levando em conta esses fatores, o foco da metodologia criativa para a literatura deve ser o aluno, com os seguintes objetivos educacionais:

- 1) Estabelecer relações significativas entre componentes do eu e do mundo, em especial da cultura literária.
- 2) Perceber potencialidades expressivas da literatura e de outros meios de comunicação em relação ao eu e ao mundo.
- 3) Organizar as relações estabelecidas, valendo-se de códigos culturais, em especial do código linguístico.
- 4) Materializar tais relações em linguagens diversas, com ênfase na verbal, produzindo textos bem formados (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 66).

Esses objetivos auxiliam na expressão individualizada do aluno, propiciam o constante desenvolvimento e amadurecimento de uma postura crítica e ativa diante da realidade, sem obrigar ou impor à criança nada além de seus limites.

O processo de criação é fundamentado “na captação de uma carência e na busca de desordenada de maneiras para recuperá-la e superá-la”. Bordini e Aguiar (1988, p.66) afirmam que sua avaliação acontece por meio de duas etapas: a primeira, de fichas que possuem a carência dos educandos e a segunda, com a finalização, que acontece por meio de uma produção textual.

Ao aplicarmos o método criativo no ensino da literatura, seguimos seis etapas:

- 1) Constatação de uma carência, podendo ser individual ou coletiva entre os educandos;
- 2) Coleta desordenada de dados, quando se observa aquilo que de significativo lhes oferece o mundo, sem um roteiro preparado;
- 3) Elaboração interna dos dados, quando a mente acomoda os dados obtidos, de maneira a restabelecer o estado de equilíbrio rompido pela carência;
- 4) Constituição do projeto criador - etapa que antecipa os esforços a serem desenvolvidos em busca da supressão final da carência por intermédio de uma ação criadora;
- 5) Elaboração de material - responsável por dar substância física ao *insight*, fazendo as operações previstas;
- 6) Divulgação do trabalho - corresponde à prestação de contas que o criador faz determinada pela sociedade, ou seja, o resultado do seu esforço deixa de ter um caráter individual e começa a ser dividido com todos.

Na constatação de uma carência, a intervenção do professor acontece quando oportuniza estímulos que beneficiam a tomada de consciência dos alunos, de acordo com suas necessidades, ou seja, quando percebe e considera as suas dificuldades. Para que isso ocorra, pode propor uma brincadeira ou um desafio, que revelem suas emoções, seus problemas e seus desejos.

A coleta desordenada de dados acontece a partir do momento em que a carência é notada, quando o professor procura encorajar as crianças a buscarem uma solução para aquele problema. Os registros podem ser realizados através de fichas livres, comentários, observações pessoais, desenhos, pinturas, entre outros.

Os setores da realidade a serem examinados na busca de elementos para solucionar a carência encontrada podem ser os mais diversos, desde que, entre eles, se incluam os textos literários. A literatura, sendo uma simulação do mundo, é também, uma contrapartida das necessidades expressas pelas crianças e jovens ao se conscientizarem de suas carências. (BORDINI; AGUIAR, 1988, p.68).

Conforme há um processamento dos dados, a coleta de materiais disponibiliza um caminho para a organização das ideias. Com a acessoria do professor, a criança deve trazer textos literários que se articulem com a necessidade inicial. À medida que o material for significativo para a criança, acontece a elaboração interna dos dados. Nessa fase, o aluno não pode ser pressionado, pois isso pode prejudicar a sua criatividade: ele precisa elaborar meios para diminuir sua carência, ou seja, deve analisar a trajetória que realizou até o presente momento e compreender como deve agir em busca de uma solução.

Quando o aluno demonstra esse *insight*, está consciente da decisão que pretende tomar. Assim, ele poderá planejar os próximos passos para a sua consecução, momento em que acontece a constituição do projeto criador. Nessa etapa, os dados obtidos são selecionados, os recursos materiais fundamentais e o roteiro de execução servirá de apoio para a elaboração do material. O professor deve estimular e oferecer aos alunos técnicas de trabalho e atividades criativas que sejam capazes de buscar uma solução para o problema inicial.

O resultado do projeto criativo poderá ou não ser um texto literário, mas a divulgação do trabalho acontece em sala de aula, com outros colegas, com a família ou com a comunidade. Esse método criativo auxilia o aluno a desenvolver seu potencial linguístico, sua sensibilidade, sua intuição e sua criticidade.

Já a teoria da Estética da Recepção, anunciada no ano de 1967, pela primeira vez na Universidade de Constança na Alemanha, por Hans Robert Jauss, que criticou, rigorosamente, a teoria literária anterior e contemporânea a ele, ressalta que a qualidade ou o valor de uma obra literária não são medidos ou apreciados por meio das condições históricas ou biográficas de origem, muito menos do lugar que ocupa

no desenvolvimento de um gênero.

Segundo ele, a “a qualidade, a categoria estética de um texto vêm dos critérios de recepção, do efeito produzido pela obra e de sua fama junto à posteridade” (JAUSS, 1994, p.7). O valor estético de um texto é medido por intermédio da recepção inicial das pessoas com outras obras que já foram lidas, observando-lhe a singularidade e, dessa forma, adquirindo um novo parâmetro para obras futuras, criando um novo horizonte de expectativas.

Para Jauss (1994), à medida que nos deleitamos com a literatura, aprendemos algo e, ao mesmo tempo em que aprendemos, adquirimos um prazer estético de ler um texto literário. O autor publica sete teses, que descrevem uma metodologia que inclui a compreensão histórica da recepção e o efeito estético de um texto como itens essenciais para uma nova proposta de leitura literária.

A primeira tese ressalta que o texto existe apenas diante do leitor, por intermédio da relação do leitor com a obra. Segundo Jauss (1994, p.24), a historicidade da literatura não “repousa numa conexão de ‘fatos literários’, estabelecida post factum, mas no experimentar dinâmico da obra literária por parte de seus autores”. A obra só existe após o contato do leitor, ou seja, o professor precisa oportunizar o contato com esses livros e, assim, propiciar vida a essas histórias.

A segunda tese está relacionada com a bagagem literária, cognitiva e social do leitor. Ele apresenta um “saber prévio, que funciona como conjunto de saberes tanto literários quanto da própria vida, com base no qual o novo de que tomamos conhecimento faz-se experienciável, ou seja legível” (JAUSS, 1994, p.28). Nessa tese, o leitor utiliza seu saber para a leitura de diversos gêneros literários e percebe em um determinado gênero algo que ele já sabia.

A terceira tese aborda o horizonte de expectativas de uma obra, mostrando o que pode ser reconstruído ou demarcado de maneira objetiva, ou seja, o horizonte de expectativas irá preceder à leitura ao longo do seu ato. Para Jauss, esse processo refere-se à noção de distância estética, quando o leitor rompe a leitura de uma obra específica e o que foi proposto pelo autor. É imprescindível que o professor medeie os educandos, fazendo questionamentos sobre quais eram as suas expectativas e o que esperavam ter acontecido, pois, por meio dessas questões, poderão ter diversas interpretações de um texto e, conseqüentemente, ampliarão seus horizontes.

A quarta tese confirma que as diversas leituras feitas no decorrer do tempo, por vários leitores, mantêm o texto vivo. A essa altura, o leitor irá nutrir o texto a partir

das inquietações que o provocaram.

Segundo a quinta tese, a história literária não deve ser delineada apenas de acordo com um período histórico. Para o autor, uma obra precisa de um tempo necessário para ser compreendida. Essa tese compreende o caráter diacrônico de seu projeto de história literária, ou seja, na predisposição de novas leituras no decorrer do tempo.

Jauss (1994, p. 43) destaca que:

[...] a história literária baseada no critério recepcional não é um processo linear, sequencial, de obras literárias, mas um conjunto aberto de possibilidades, já que sentidos novos podem ser vistos em textos antigos, o que permite um constante reavaliar de textos literários.

A sexta tese menciona o aspecto sincrônico, quando as obras são lidas partindo das histórias de recepções; ou seja, por meio das leituras feitas realiza-se um confronto entre as atuais ideias. Jauss recomenda que sejam realizados cortes no antes e depois da diacronia para entender que os textos literários foram feitos em diferentes momentos históricos.

Por sua vez, a sétima tese refere-se à relação entre a literatura e a sociedade a qual o leitor pertence, observando os aspectos diacrônico e sincrônico, percebendo os efeitos da literatura na vida dos interlocutores.

Assim, pautada nos pressupostos teóricos da Estética da Recepção, esta pesquisa pretendeu motivar os leitores iniciantes e possibilitar que sejam capazes de entender e relacionar-se com texto literários.

3.2 Campo de pesquisa

A pesquisa foi aplicada em uma escola pública municipal, de um bairro considerado periférico da cidade de Ourinhos, estado de São Paulo. O público motivador trata-se de um primeiro ano do Ensino Fundamental (alunos de 6 a 7 anos de idade). A proposta utilizada realizou oficinas que abordassem o Método Criativo e a Estética da Recepção, em que o leitor pudesse de ampliar seus horizontes de expectativas, tendo uma nova visão da realidade que o cerca, passando a ser crítico e consciente de seu papel na sociedade, além de desenvolver a sua oralidade.

3.2.1 Escola

A escola pública, chamada EMEF Jardim Anchieta, mudou de nome em quatro de maio de 2009 e passou a ser denominada EMEF Georgina Amaral Santos Lopes, em homenagem a uma contadora⁵ já falecida, moradora da cidade. A escola atende seus alunos no prédio instalado no Centro de Atendimento Integral à Criança e ao Adolescente (CAIC), localizado à Rua Maria Pucinelli Pelegrino, 590, Jardim Anchieta, Ourinhos – SP, ocupando uma área total de 6.232,55 m², sendo 4.681,24 m², de área construída, recebendo o nome Ayrton Senna da Silva, em homenagem ao grande piloto mundial, inaugurado em 15 de dezembro de 1994, atendendo alunos do 1º ao 5º anos do Ensino Fundamental, contando atualmente com 746 alunos.

Figura 47 - Visão aérea da escola em 1994



Fonte: Acervo da escola.

A EMEF Georgina Amaral Santos Lopes recebe alunos dos seguintes bairros: Jardim Europa, Jardim Anchieta, Jardim Eldorado, Flamboyant, Vila Adalgisa, Conjunto Habitacional Profª. Helena Vendramini, CDHU, Regina Brizola, Oswaldo Brizola, e Recanto dos Pássaros.

⁵ Dedicou-se ao aprendizado de contabilidade na Escola Superior de Comércio de Botucatu a qual lhe conferiu, em 1927, o diploma da Società Italiana di Beneficenza, com grau 9,5

Figura 48 - Fachada da escola



Fonte: Página da EMEF Georgina Amaral Santos Lopes no Facebook. ⁶

Quanto à estrutura física, a escola possui, além das 19 salas de aula, 6 salas para Projetos de Recuperação Paralela (R.P.) ou G.A.I (Grupo de Alfabetização Intensiva), uma sala de Arte, um auditório, onde são realizadas reuniões pedagógicas e palestras para a comunidade, uma sala de vídeo, uma sala de informática, uma quadra coberta e uma descoberta, campo de futebol, refeitório, um banheiro adaptado a pessoas portadoras de necessidades especiais, outros dois espaços abertos destinados a atividades recreativas/lúdicas com alunos e um parque destinado aos alunos dos primeiros e segundos anos.

Figura 49 - Visão externa da escola



Fonte: Acervo pessoal da professora-pesquisadora

A escola oferece aos alunos a Recuperação Paralela de Português e de

⁶ <https://www.facebook.com/emefgeorginaa.slopes>. Acesso em: 05 abr.2023

Matemática, além de atividades de Informática, Karatê e o Projeto Xadrez. Conta ainda com uma sala de Atendimento Educacional Especializado (sala de recursos).

De acordo com a pesquisa, registrada no arquivo da escola, feita por ocasião da elaboração do *Projeto Político Pedagógico* (PPP, 2022), a comunidade possui características típicas da população brasileira: renda econômica média baixa, poucas opções de lazer, cultura e problemas sociais.

A maioria dos alunos mora com os pais, sendo um pequeno percentual de alunos criados pelos avós. Grande porcentagem das famílias possui diversos tipos de eletrodomésticos, tais como: DVD, aparelho de som, celular, rádio, geladeira, etc. A maioria delas possui uma renda de 3 a 9 salários mínimos nacionais e apenas 27% das famílias recebem algum tipo de ajuda de programas e políticas públicas do governo.

Em relação à vida escolar, a maioria dos pais ou responsáveis diz acompanhar e orientar seus filhos sempre. Além disso, a maioria considera a escola de ótima qualidade. No ano de 2023, a escola contava com 746 alunos, em 36 turmas, assim distribuídas:

Quadro 1- Alunos matriculados

Turma	Quantidade
Primeiro Ano	129
Segundo Ano	158
Terceiro Ano	143
Quarto Ano	162
Quinto Ano	154

Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa.

No que se refere aos índices de Língua Portuguesa, tomamos como base a escala de proficiência da Prova Brasil⁷, realizada no ano de 2021 e aplicada aos

⁷A Prova Brasil é uma avaliação para diagnóstico, em larga escala, desenvolvida pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC). Tem o objetivo de avaliar a qualidade do ensino oferecido pelo sistema educacional brasileiro a partir de testes padronizados e questionários socioeconômicos. Nos testes aplicados na Quarta e Oitava séries (Quinto e Nono Anos) do Ensino Fundamental, os estudantes respondem a itens (questões) de Língua Portuguesa, com foco em leitura. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/prova-brasil>. Acesso em maio de 2023.

alunos do Quinto ano do Ensino Fundamental, disponível no endereço eletrônico do INEP:

Nível 0 (2,62%) – os alunos ainda não exprimem habilidades muito elementares que deveriam ter nessa fase escolar.

Nível 1 (9,06%) – os estudantes provavelmente são capazes de: Localizar informações explícitas em textos narrativos curtos, informativos e anúncios. Identificar o tema de um texto. Localizar elementos como o personagem principal. Estabelecer relação entre partes do texto: personagem e ação; ação e tempo; ação e lugar.

Nível 2 (6,48%) – além das habilidades anteriormente citadas, os estudantes provavelmente são capazes de: Localizar informação explícita em contos. Identificar o assunto principal e a personagem principal em reportagens e em fábulas. Reconhecer a finalidade de receitas, manuais e regulamentos. Inferir características de personagem em fábulas. Interpretar linguagem verbal e não verbal em tirinhas.

Nível 3 (17,70%) - além das habilidades anteriormente citadas, os estudantes provavelmente são capazes de: Localizar informação explícita em contos e reportagens. Localizar informação explícita em propagandas com ou sem apoio de recursos gráficos. Reconhecer relação de causa e consequência em poemas, contos e tirinhas. Inferir o sentido de palavra, o sentido de expressão ou o assunto em cartas, contos, tirinhas e histórias em quadrinhos como apoio de linguagem verbal e não verbal.

Nível 4 (24,13%) - além das habilidades anteriormente citadas, os estudantes provavelmente são capazes de: Identificar informação explícita em sinopses e receitas culinárias. Identificar assunto principal e personagem em contos e letras de música. Identificar formas de representação de medida de tempo em reportagens. Identificar assuntos comuns a duas reportagens. Identificar o efeito de humor em piadas. Reconhecer sentido de expressão, elementos da narrativa e opinião em reportagens, contos e poemas. Reconhecer relação de causa e consequência e relação entre pronomes e seus referentes em fábulas, poemas, contos e tirinhas, inferir sentido decorrente da utilização de sinais de pontuação e sentido de expressões em poemas, fábulas e contos. Inferir efeito de humor em tirinhas e histórias em quadrinhos.

Nível 5 (17,93%) - além das habilidades anteriormente citadas, os estudantes provavelmente são capazes de: Identificar assunto e opinião em reportagens e contos. Identificar assunto comum a cartas e poemas. Identificar informação explícita em letras de música e contos. Reconhecer assunto em poemas e tirinhas. Reconhecer

sentido de conjunções e de locuções adverbiais em verbetes, lendas e contos. Reconhecer finalidade de reportagens e cartazes. Reconhecer relação de causa e consequência e relação entre pronome e seu referente em tirinhas, contos e reportagens. Inferir elementos da narrativa em fábulas, contos e cartas. Inferir finalidade e efeito de sentido decorrente do uso de pontuação e assunto em fábulas. Inferir informação em poemas, reportagens e cartas. Diferenciar opinião de fato em reportagens. Interpretar efeito de humor e sentido de palavra em piadas e tirinhas.

Nível 6 (13,18%) - além das habilidades anteriormente citadas, os estudantes provavelmente são capazes de: Identificar opinião e informação explícita em fábulas, contos, crônicas e reportagens. Identificar informação explícita em reportagens com ou sem o auxílio de recursos gráficos. Reconhecer a finalidade de verbetes, fábulas, charges e reportagens. Reconhecer relação de causa e consequência e relação entre pronomes e seus referentes em poemas, fábulas e contos. Inferir assunto principal e sentido de expressão em poemas, fábulas, contos, crônicas, reportagens e tirinhas. Inferir informação em contos e reportagens. Inferir efeito de humor e moral em piadas e fábulas.

Nível 7 (5,41%) - além das habilidades anteriormente citadas, os estudantes provavelmente são capazes de: Identificar assunto principal e informações explícitas em poemas, fábulas e letras de música. Identificar opinião em poemas e crônicas. Reconhecer o gênero textual a partir da comparação entre textos e assunto comum a duas reportagens. Reconhecer elementos da narrativa em fábulas. Reconhecer relação de causa e consequência e relação entre pronomes e seus referentes em fábulas, contos e crônicas. Inferir informação e efeito de sentido decorrente do uso de sinais gráficos em reportagens e em letras de música. Interpretar efeito de humor em piadas e contos. Interpretar linguagem verbal e não verbal em histórias em quadrinhos.

Nível 8 (3,50%) – além das habilidades anteriormente citadas, os estudantes provavelmente são capazes de: Identificar assunto principal e opinião em contos e cartas do leitor. Reconhecer sentido de locução adverbial e elementos da narrativa em fábulas e contos. Reconhecer relação de causa e consequência e relação entre pronomes e seus referentes em fábulas e reportagens. Reconhecer assunto comum entre textos de gêneros diferentes. Inferir informações e efeito de sentido decorrente do uso de pontuação em fábulas e piadas.

Diante dos dados obtidos pelos alunos do Quinto Ano da escola, em 2021, é possível constatar que, somados os níveis de 6 a 8, 22,09% dos alunos do quinto ano do Ensino Fundamental conseguem maior entrosamento com o texto, sendo capazes de diferenciar os gêneros textuais: fábula, conto, crônica, poema, tirinha, charge, reportagem, piada, além de perceber sua utilidade, inferir informações e, compreender a sua intencionalidade através de elementos gramaticais. Porém, notamos que a maioria dos estudantes se encontram nos níveis de 1 a 5, pois são classificados como capazes de observar informações da superfície do texto, sendo as explícitas a maior característica desse grupo, ou seja, são capazes de localizar informações explícitas em vários tipos de textos narrativos curtos, informativos, anúncios, contos, reportagens, propagandas, sinopses e receitas culinárias.

Os dados, aqui apresentados, apesar de pertencerem ao Quinto Ano, se confirmam pelo fato de não terem nenhuma avaliação externa que contemple o Primeiro Ano do Ensino Fundamental e presumimos que possam ser utilizados como parâmetro para refletir sobre a formação inicial. Assim, pautados nos pressupostos teóricos da Estética da Recepção e do Método Criativo, este trabalho pretendeu incentivar os leitores iniciantes à prática de leitura, ao desenvolvimento da oralidade e a vivenciar momentos onde serão capazes de compreender e relacionar-se com texto literários de maneira crítica.

3.2.2 Docentes alfabetizadores da escola

O objetivo dessa seção é apresentar um diagnóstico em conjunto com os professores alfabetizadores da escola - campo, que lecionam no primeiro ano, sobre como trabalham textos literários em sala de aula. Para alcançarmos tal fim, decidimos aplicar um questionário de única pergunta (Apêndice A), destinado aos professores (identificados como P1, P2, sucessivamente), que são efetivos, lotados na referida escola, e que possuem curso superior em Pedagogia. A seguir, apresenta-se o resultado desse diagnóstico, obtido mediante as respostas de seis professores.

P1: O texto literário é importante ser trabalhado para o despertar do interesse pela leitura, para acionar estratégias de leitura, para perceber rimas, aliterações e sequência narrativa. Trabalho o texto literário em sala, na maioria das vezes, lendo em voz alta para as crianças (leitura deleite), quando alfabetizados as poesias curtas já podem ser lidas pelos próprios alunos. Durante as leituras procuro acionar as estratégias de leitura descritas

por Giroto e Souza (2012). Acredito que a leitura seja aliada para o processo de aquisição do código, portanto, os textos literários devem fazer parte da aula.

P2: Primeiramente, priorizo a leitura fruição, como uma maneira do aluno apreciar a leitura/escuta de textos como deleite, desenvolvendo o gosto de ler e ouvir textos. Num segundo momento, escolho textos, que além de fruição, direciono para a contextualização com os conteúdos de alfabetização; relação letras/sons (rimas, aliterações, pares mínimos), que promovam a compreensão do nosso sistema de escrita, a fim de que meus alunos se apropriem das habilidades de leitura e escrita convencional.

P3: Existem várias maneiras para trabalhar textos literários em sala de aula, leio todos os dias no início das aulas para meus alunos, muitas vezes leituras deleite, em outras vezes textos para estimular a curiosidade, rimas, discussão e argumentos, mas o texto que mais gosto é o que apresenta enredo acumulativo, onde trabalho além da memorização também a interpretação do texto, roda de conversa entre outros.

P4: Todos os dias, faço leitura de texto, textos literários para os alunos, apresento vários gêneros para que eles conheçam. Também deixo um momento livre para manuseio, leitura de obras literárias, e assim eles começam a fazer a leitura para os amigos da sala. Gosto muito de contos, pois assim as crianças viajam na imaginação.

P5: Trabalho textos literários através da leitura deleite feita diariamente pelo professor, com sequências didáticas, empréstimos de livros da biblioteca para leitura deleite do aluno e também através do projeto "Maleta viajante", onde o aluno leva a maleta para casa, faz a leitura para seus familiares e posteriormente faz a leitura em voz alta para os colegas de sala. Se a criança ainda não lê convencionalmente, ela poderá recontar a história lida por alguém.

P6: Por se tratar de anos iniciais do Ensino Fundamental, quando pensamos em literatura em sala de aula, referimo-nos à leitura de textos literários, além do acesso à literatura também pela experiência de criação escrita, e às oportunidades de familiaridade com esses textos para os leitores em formação. Para a maioria dos meus alunos a escola é o principal ambiente para terem acesso a tais textos, ou seja, é a via privilegiada de democratização de acesso à literatura e, por isso, considerando que há bons textos para todas as idades, procuro proporcionar uma boa relação entre literatura e infância, mesmo para alunos que não leem com autonomia, em processo de alfabetização. Assim como alfabetizamos, podemos, e devemos, conduzir o conhecimento e a aprendizagem da leitura de textos literários. Amparada nisso, em sala de aula com alunos do 1º ano do Ensino Fundamental, procuro explorar e experienciar a leitura e a escrita literária em diferentes modalidades, que vão além do deleite, e proporcionam dialogar, debater, compartilhar, produzir e negociar sentidos, questionando e transformando conhecimentos, procedimentos e atitudes na formação do leitor literário. Em todas as modalidades, evito a abordagem "pedagogizante", "alfabetizadora" e "moralizante" com que, muitas vezes, a literatura é tratada na escola. Selecionando boas obras e investindo em diferentes práticas, costumo mobilizar: -A leitura mediada, seguindo as etapas da mediação de leitura, para além da fruição, explorando o modelo de leitor mais experiente, proporcionando visualizar o comportamento leitor, além disso, com a escolha de boas obras, a prática por meio da leitura dialógica, instiga as crianças a

observarem, desconfiarem, criticarem e construirem sentidos. Um exemplo de obra que gosto muito para essa modalidade é “A mulher que matou os peixes” (Clarice Lispector), um pouco extensa e, por isso, pode ser lida em mais dias, que abala as certezas infantis sobre crime e castigo, instigando um olhar crítico. No início do ano, gosto de propor a obra “É um livro”(Lare Smith) que instiga uma discussão sobre o que é o livro, o que é ler, o que é leitor, etc. Uma boa reflexão para os pequenos que vão mergulhar no processo de alfabetização. Como no Ensino Fundamental a criança está em direção à aprendizagem da leitura e da escrita, há de se proporcionar experiências nas quais ela deixa de depender do adulto para ler e contar, em busca daquilo que ela deseja ler. Nesse caso, exploro também as modalidades: -Leitura individual (experimentado a autonomia), em voz alta ou silenciosa (como cada criança prefere) para lerem diferentes obras da nossa biblioteca de sala e colocarem em prática o que antes visualizavam em leitores mais experientes, dialogando e estabelecendo trocas entre os colegas; -Leitura compartilhada: momento no qual podemos, juntos, ler, explorar, debater, construir e negociar sentidos. Momento planejado para que eu possa mediar. -Leitura diária de bons textos, principalmente poemas e narrativas curtas muito aceitos pelos pequenos leitores, para além de fruição, estabelecendo diálogo e debate. No início, a prática acontece mais pela voz do professor, mas os alunos leitores começam a se arriscar na experiência de ler para o outro, ler para todos e mesmo os que não leem, gostam de participar de textos de memória. -Escrita literária: momentos em que reescrevemos textos literários, dramatizamos e, principalmente produzimos nossos textos (poemas, histórias, livros). Dessa maneira, o acesso à literatura se dá também pela escrita. Essas práticas são parte da nossa rotina da sala, são frequentes e, além dessas, também vamos à biblioteca da escola emprestar livros para lerem em casa, compartilhamos essa experiência nas rodas de leitura; temos um “clubinho do livro” (tertúlia) para trocar anotações e observações; fazemos rodas de debate de obras; participamos de Saraus; levamos a leitura literária para compartilhar com colegas de outras salas; compartilhamos nossas produções com a comunidade.

Por meio das respostas dos professores, percebemos que os textos literários são utilizados em sala com a finalidade de desenvolver a competência literária dos alunos, estimulando a imaginação das crianças, ampliando a sua visão de mundo e alargando seus horizontes cognitivos e emocionais.

Nota-se que o P6 possibilita que seus alunos tenham uma participação ativa do sujeito como leitores, fazendo deles seres críticos, reflexivos, capazes de elaborar suas próprias interpretações. Ao ler o texto literário de várias formas, trabalhamos com os alunos a fruição literária, pois, a cada leitura, novas interpretações são comentadas por eles.

Já P5 costuma trabalhar com sequências didáticas, nas quais os alunos participam de situações de leitura e de escrita com diferentes graus de complexidade, possibilitando ampliar o contato com vários tipos de textos literários.

3.2.3 Participantes

A turma investigada contava com 22 alunos, no período da pesquisa, sendo 11 do sexo masculino e 11 do sexo feminino. Um dos alunos do sexo masculino possuía diagnóstico de Espectro Autista ainda em investigação de nível intelectual, comórbido com Transtorno de Déficit de atenção com Hiperatividade do tipo combinado e Transtorno de Ansiedade.

Quanto às hipóteses da escrita dos alunos descritas por Emília Ferrero e Ana Teberosky (1985), podem ser classificados em:

Quadro 2- Nível linguístico da turma⁸

Hipóteses de escrita	Quantidade
Pré-silábica	1
Silábica sem valor sonoro	0
Silábica com valor sonoro	2
Silábico-alfabética	4
Alfabética	15

Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa.

Como regente da turma e professora pesquisadora, foi possível constatar que, apesar de haver um número considerável de alunos na hipótese alfabética, na data da realização das oficinas, havia sete alunos que não estavam ainda nessa hipótese. Os alunos alfabéticos liam com maior fluência e conseguiam interpretar o texto lido. A

⁸ Ferreiro, Teberosky (1985) dividem a aprendizagem da leitura e escrita em cinco níveis: **Pré-silábico**: não consegue relacionar as letras com os sons da língua falada, não possui a noção de que a palavra possui unidades menores (sílabas); **Silábico sem valor sonoro**: Reconhece que há unidades menores na palavra (sílabas) interpreta a letra a sua maneira, atribuindo valor de sílaba a cada uma, no entanto, essa letra não tem relação com o seu som convencional; **Silábico com valor sonoro**: consegue identificar o som da letra, geralmente o som predominante da sílaba e o registra; **Silábico-alfabética**: Grafa algumas sílabas completas e outras incompletas (com uma só letra por sílaba). Usa as hipóteses dos níveis silábico e silábico-alfabético ao mesmo tempo; **Alfabética**: domina, enfim, o valor das letras e sílabas escrevendo convencionalmente.

criança com maior dificuldade de aprendizagem encontrava-se na hipótese pré-silábica e havia sido transferida há pouco tempo para a escola.

Figura 50 - Sala de aula



Fonte: Acervo pessoal da professora-pesquisadora.

Os alunos gostavam de ler livros de literatura infantil, principalmente os contos de fadas, e faziam empréstimo semanais na biblioteca. Todos os dias, a professora pesquisadora fazia a leitura deleite, priorizando o texto literário adequado à faixa etária dessas crianças e, na maioria das vezes, utilizava o acervo pessoal. Para preservar a identidade dos alunos, respeitando a ordem alfabética, referimo-nos a eles conforme tabela abaixo:

Quadro 3 - Indicador de faixa etária

Alunos	Idade
ALUNO 1	6 anos
ALUNO 2	7 anos
ALUNO 3	6 anos
ALUNO 4	7 anos
ALUNO 5	6 anos
ALUNO 6	7 anos
ALUNO 7	7 anos
ALUNO 8	7 anos
ALUNO 9	7 anos
ALUNO 10	7 anos
ALUNO 11	6 anos
ALUNO 12	6 anos
ALUNO 13	6 anos
ALUNO 14	6 anos

ALUNO 15	7 anos
ALUNO 16	7 anos
ALUNO 17	7 anos
ALUNO 18	6 anos
ALUNO 19	7 anos
ALUNO 20	7 anos
ALUNO 21	6 anos
ALUNO 22	7 anos

Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa.

Em relação ao espaço físico, a sala era muito espaçosa em formato de L; as carteiras eram dispostas para que os alunos sentassem em duplas, no entanto, dependendo da atividade proposta essa configuração poderia ser alterada; havia um quadro negro, três ventiladores, quatro armários na lateral, uma prateleira aberta, onde ficavam dispostos os livros didáticos, cadernos das disciplinas de Arte e de Inglês e, no corredor da sala, existia uma estante pequena com livros, além de dois baús grandes com acervos literários e três caixas de materiais para encaixar e empilhar.

4 SEQUÊNCIA DIDÁTICA - INTERVENÇÕES

Bordini e Aguiar (1988, p. 36) descreveram as aulas de literatura nas escolas brasileiras como “atividades estáticas ditadas pelo próprio livro didático”. Na tentativa de romper com esse modelo de ensino de literatura, apresentamos, neste último capítulo, as oficinas que foram desenvolvidas em sala de aula, mostrando as análises das obras do conto “Chapeuzinho Vermelho” e as propostas de recepção, além das etapas do método criativo. As oficinas ocorreram em treze encontros no quarto bimestre, conforme descritos a seguir.

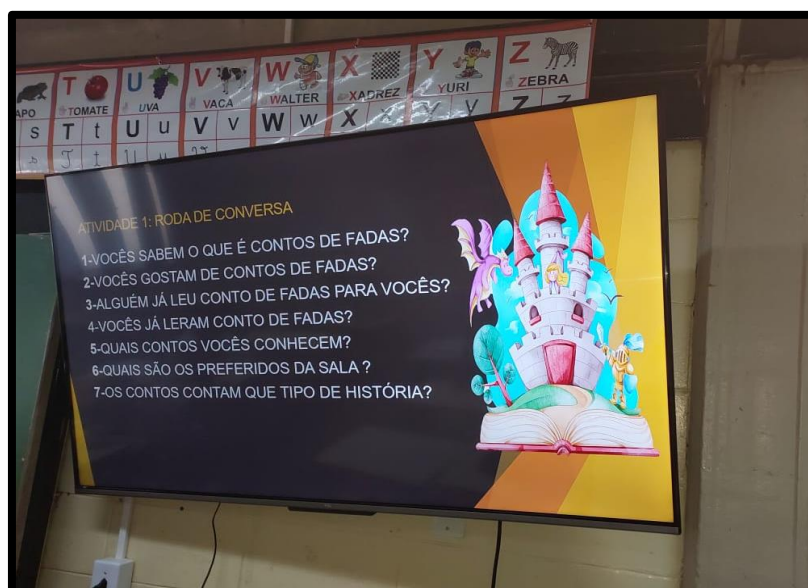
4.1 Oficina 1

Duração: 3h

Alunos participantes: 19

Esta oficina iniciou-se com a professora fazendo uma roda de conversa com os alunos e projetando, na televisão da sala, imagens para levantar os conhecimentos prévios deles, pois ela gostaria de coletar o que eles sabiam sobre o gênero contos de fadas.

Figura 51 - Atividade 1- Roda de Conversa



Fonte: Acervo pessoal da professora-pesquisadora.

Nesta oficina, priorizamos atividades orais, por meio da leitura de imagens, para que os alunos pudessem compartilhar seus conhecimentos; ora eles falavam, ora ouviam os colegas.

A participação na roda permitiu que os alunos aprendessem a olhar e a ouvir os colegas, trocando experiências e aprendendo as atitudes corretas de ouvinte e de falante. O Referencial Curricular Nacional ressalta que:

[...] a roda de conversa é o momento privilegiado de diálogo e intercâmbio de ideias. Por meio desse exercício cotidiano as crianças podem ampliar suas capacidades comunicativas, como a fluência para falar, perguntar, expor suas idéias, dúvidas e descobertas, ampliar seu vocabulário e aprender a valorizar o grupo como instância de troca e aprendizagem (1998, vol. 3, p. 138).

Nessa perspectiva, a roda de conversa, é uma atividade indispensável em sala de aula, pois permite que todos dialoguem.

Professora: - Hoje vamos estudar um novo gênero textual, que são os Contos de fadas, pois nós já estudamos as listas, as parlendas e as cantigas. Mas primeiro, gostaria de saber o que vocês sabem sobre os Contos. Vejam a televisão e observem as imagens. Nessa primeira imagem que é a Roda de conversa, o que vocês estão vendo?

Aluno 13: - Eu vejo um livro com um castelo e uma princesa.

Aluno 2: - Tem um cavaleiro e um dragão.

Professora: - O que vocês acham que é o conto de fadas?

Aluno 15: - São histórias com príncipes e princesas.

Professora: - Vocês gostam de contos de fadas?

Alunos em coro: - Sim.

Professora: - Alguém já leu conto de fadas para vocês?

Aluno 21: - Minha mãe.

Professora: - Vocês já leram Contos de fadas?

Alunos 7, 8, 12, 16 e 19: - Sim, já li.

Professora: - Quais os contos vocês conhecem?

Aluno 6: - Os três porquinhos.

Aluno 5: - Cinderela.

Aluno 7: - Branca de Neve.

Aluno 8: - João e o pé de feijão.

Aluno 12: - Pinóquio.

Alunos 16 e 19: - Bela Adormecida.

Professora: - Quais são os preferidos da sala?

Alunos: - Os três porquinhos e Branca de Neve.

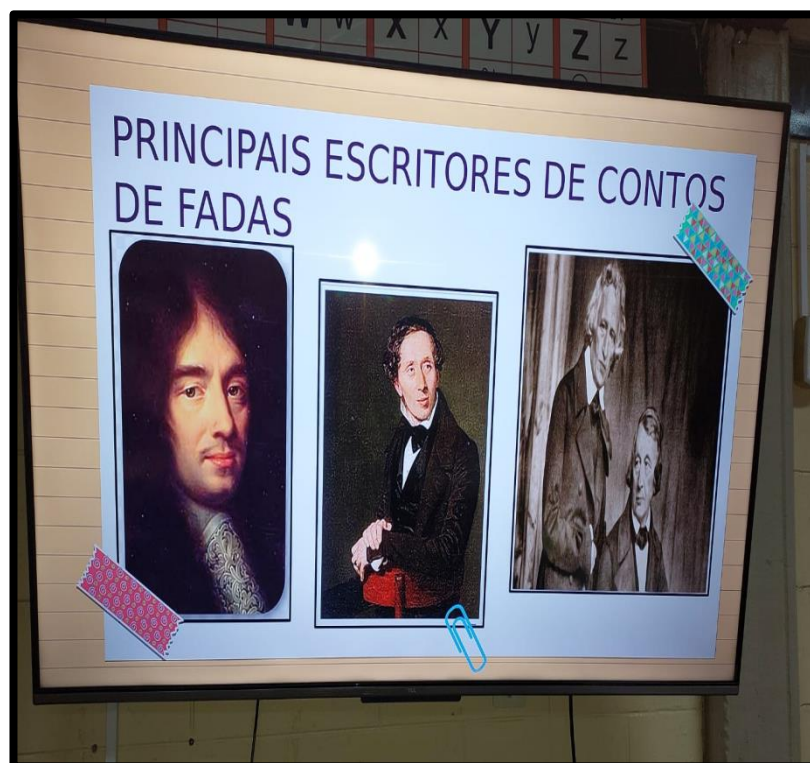
Professora: - Os contos contam que tipos de histórias?

Aluno 22: - De fadas.

Professora: - Os contos de fadas são uma variação do conto popular, nos quais o herói ou heroína tem de enfrentar grandes obstáculos antes de vencer o mal. Podem ter algum tipo de magia, mas apesar do nome, são mais comuns os animais falantes do que as fadas.

Depois desses questionamentos feitos pela professora, ela projetou outra imagem e explicou sobre os principais escritores de contos de fadas.

Figura 52 - Principais escritores dos Contos de fadas



Fonte: Acervo pessoal da professora-pesquisadora.⁹

A seguir, a professora lançou um desafio para a sala, apresentando uma outra imagem e perguntou se eles sabiam qual conto iriam estudar:

Professora: - Olhando para esta imagem, que conto estudaremos?

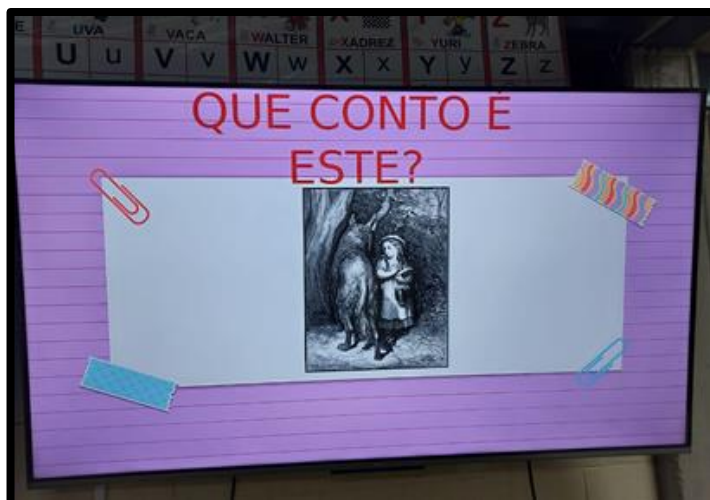
Aluno 3: - A menina e o cachorro.

Professora: - A menina está feliz?

Aluno 11: - Não está!

⁹ Imagens disponíveis em: New World Encyclopedia, Wikipédia e do National Geographic. Acesso em 08 abr. 2023.

Figura 53 - Chapeuzinho e o lobo na floresta



Fonte: Acervo pessoal da professora-pesquisadora. ¹⁰

Professora: - E se olharmos para esta imagem, que conto estudaremos?

Alunos em coro: - Chapeuzinho Vermelho.

Professora: - Como vocês descobriram?

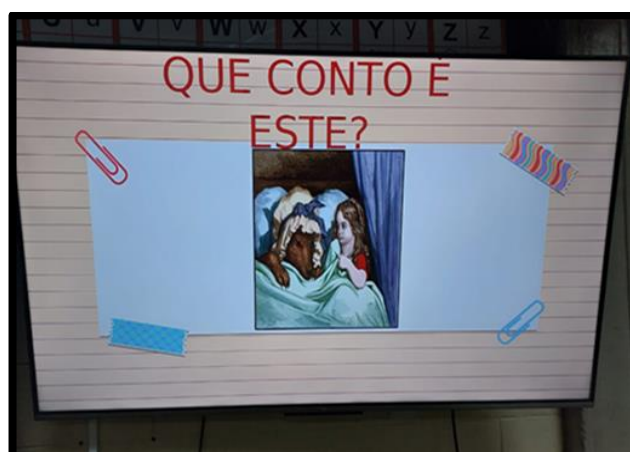
Aluno 15: - Pela roupa do lobo e da menina.

Professora: - Como está a cara da Chapeuzinho Vermelho?

Aluno 12: - Preocupada.

Depois, ela mostrou a seguinte imagem.

Figura 54 - O lobo e a Chapeuzinho Vermelho na cama



Fonte: Modificada de Arte em Arte.

¹⁰Imagens das figuras 53 e 54 – Disponíveis em : <https://deniseludwig.blogspot.com/2012/10/a-arte-e-os-contos-infantis-parte-2.html>. Acesso em: 08 abr. 2023.

Após os alunos responderem sobre as imagens apresentadas e a professora fez a brincadeira do “Telefone sem fio”, na qual eles teriam que mencionar o título de um conto que seria trabalhado em sala. Depois, ela leu o conto “Chapeuzinho Vermelho”, de Charles Perrault, do livro **Ler e escrever** do aluno.

Foi iniciada a leitura e todos ouviram atentamente. Ela foi realizada com o livro virado para os alunos, sendo comentado antes que atentassem para os detalhes da história, pois não haveria imagens para visualizarem. A professora leu com entonação adequada, ou seja, pausada, e com fluência. A partir desse momento, teve como principal preocupação a oralização do texto. Para isso, preparou a leitura antecipadamente, memorizando a história, pois, assim, ela saberia em que trechos da contação deveria mudar o tom de voz.

Bordini e Aguiar (1988) afirmam que o professor necessita fazer uma leitura prévia e compreensiva do texto se quiser oferecer a seus alunos momentos de fruição e conhecimento da história literária e da obra.

Para Betty Coelho (1999), nem toda a história lida está “pronta” para ser contada, a entonação de voz, os gestos e a maneira de contá-la alteram significativamente a sua compreensão. O professor, tendo em suas mãos uma boa versão da história, precisa valorizar cada detalhe da trama para que os ouvintes utilizem a imaginação para criar um determinado cenário da história.

Ao finalizar a história, a professora proporcionou momentos de diálogo aberto, nos quais ela levou em conta não apenas a opinião dos alunos, mas além disso, seus sentimentos e suas impressões da história.

De acordo com Marcuschi (2010), tanto a oralidade quanto a escrita sempre serão uma grande atividade de comunicação e expressão, e nunca serão substituídas pela tecnologia. Em sala de aula, é imprescindível o trabalho com a oralidade, para que os alunos se tornem indivíduos falantes, participativos e críticos.

Professora: - O que acharam da história?

Aluno 4: - Não gostei, porque a Chapeuzinho e a vovó morrem.

Aluno 10: - Não tem caçador para salvar a Chapeuzinho e a vovó.

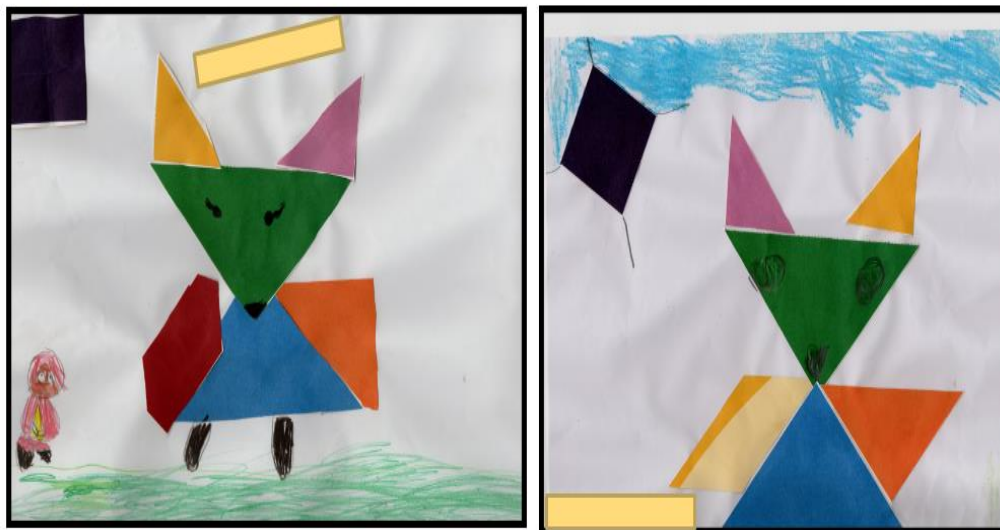
Professora: - Qual parte da história chamou mais atenção de vocês?

Aluno 14: - Nessa história, a menina não leva doces para a vovó.

Aluno 17: - A parte que a Chapeuzinho fala que como são grandes as pernas da vovó.

E, para encerrar essa oficina, os alunos, com o auxílio da professora, confeccionaram um lobo com tangram¹¹.

Figura 55 - Tangram do lobo



Fonte: Acervo pessoal da professora-pesquisadora.

4.2 Oficina 2

Duração: 2h30min

Alunos participantes: 16

Esta oficina iniciou-se com a roda de conversa, na qual a professora mencionou aos alunos que iria fazer a leitura do conto da “Chapeuzinho Vermelho”, dos Irmãos Grimm, versão que pertencia ao livro de textos: **Ler e escrever** do aluno, era para eles prestarem atenção na história e percebessem o que havia de semelhante ou de diferente nela em comparação com a da oficina anterior .

Os alunos relataram para a professora que ela contaria a história escrita pelos escritores que eram irmãos gêmeos. A professora comentou que eles eram irmãos, mas não gêmeos. Então, a leitura foi feita com o livro virado para os alunos, com entonação adequada, pausada e com fluência. Nessa história, a professora também preparou a leitura antecipadamente, memorizando a , pois, assim, ela saberia em que trechos da contação deveria mudar o tom de voz.

¹¹ Tangram é um antigo quebra-cabeça chinês, que consiste na formação de figuras e desenhos por meio de sete peças (cinco triângulos, um quadrado e um paralelogramo).

Ana Maria Machado (2002) enfatiza que o professor, quando realiza a leitura de um conto clássico para seus alunos, compartilha com eles um tesouro humano, oportunizando aos ouvintes uma experiência inesquecível, que o tempo não apagará. O clássico auxilia na formação do leitor dentro e fora da escola, pois é uma obra de qualidade estética que retrata uma cultura.

Após a leitura, a professora apresentou uma caixinha contendo papéis com perguntas que foram respondidas, livremente, pelos alunos. Solicitou que algumas crianças retirassem o papel e leu a questão para a sala.

Professora: - O que vocês acharam da história?

Aluno 10: - Eu gostei, porque a Chapeuzinho e a vovó saem da barriga do lobo.

Aluno 3: - Também gostei, porque nessa história, a vovó e a Chapeuzinho não morrem.

Professora: - Que parte da história vocês mais gostaram?

Aluno 19: - Da parte que o lobo afunda e a Chapeuzinho, a vovó e o caçador se escondem.

Aluno 17: - Quando o caçador salva a Chapeuzinho e a vovó.

Professora: - Se você fosse o caçador o que faria com o lobo?

Aluno 22: - Eu prenderia o lobo.

Aluno 6: - Eu atiraria no lobo.

Professora: - O que a Chapeuzinho aprendeu nessa história?

Alunos: - Não conversar com estranhos e obedecer a mamãe.

Professora: - O que tem de parecido com a outra história? E o que tem de diferente?

Aluno 16: - Nessa história tem de parecido: a mamãe, a vovó e o lobo. De diferente: o caçador.

Aluno 12: - Parecido a vovó doente e a mãe pede para Chapeuzinho visitar. De diferente, que elas não morrem, só o lobo.

Aluno 8: - De parecido a Chapeuzinho conversa com o lobo na floresta e de diferente, o caçador cortar a barriga e colocar pedras.

Depois, os alunos confeccionaram uma dobradura da personagem principal, juntamente com as orientações da professora.

Figura 56 - Dobradura da Chapeuzinho Vermelho



Fonte: Acervo pessoal da professora-pesquisadora.

4.3 Oficina 3

Duração: 2h

Alunos participantes: 20

A oficina iniciou-se com a roda de conversa, na qual a professora mencionou aos alunos que faria a leitura do conto da “Chapeuzinho Vermelho”, dos Irmãos Grimm, traduzida por Tatiana Belinky. Explicou quem era a autora e que já havia escrito vários livros, como a obra: Os dez saczinhos, que eles já conheciam, pois já havia sido lido em sala, em agosto. Primeiramente, ela mostrou a capa do livro e questionou o que eles estavam vendo. Os alunos foram dando as opiniões do que observavam.

Figura 57 - Capa e contracapa do livro: Os contos de Grimm



Fonte: Capa e contracapa dos Contos de Grimm, com tradução de Tatiana Belinky, 2014.

Professora: - O que vocês estão vendo na capa do livro?

Aluno 13: - A Chapeuzinho está preocupada, olhando lá longe para casa da vovó.

Aluno 16: - Acho que ela está com medo de ir sozinha na floresta.

Aluno 19: - A Chapeuzinho parece que está andando.

Professora: - Por que você acha isso?

Aluno 19: - Porque atrás do livro continua a capa da Chapeuzinho e tem os desenhos das outras histórias que tem no livro.

Aluno 12: - A palavra Grimm está grande e é vermelha que nem a Chapeuzinho.

Professora: - Por que vocês acham que ela foi escrita dessa cor e desse tamanho?

Aluno 18: - Porque são os autores da história Chapeuzinho Vermelho.

Aluno 10: - Tem uma fada em cima da árvore perto da Chapeuzinho.

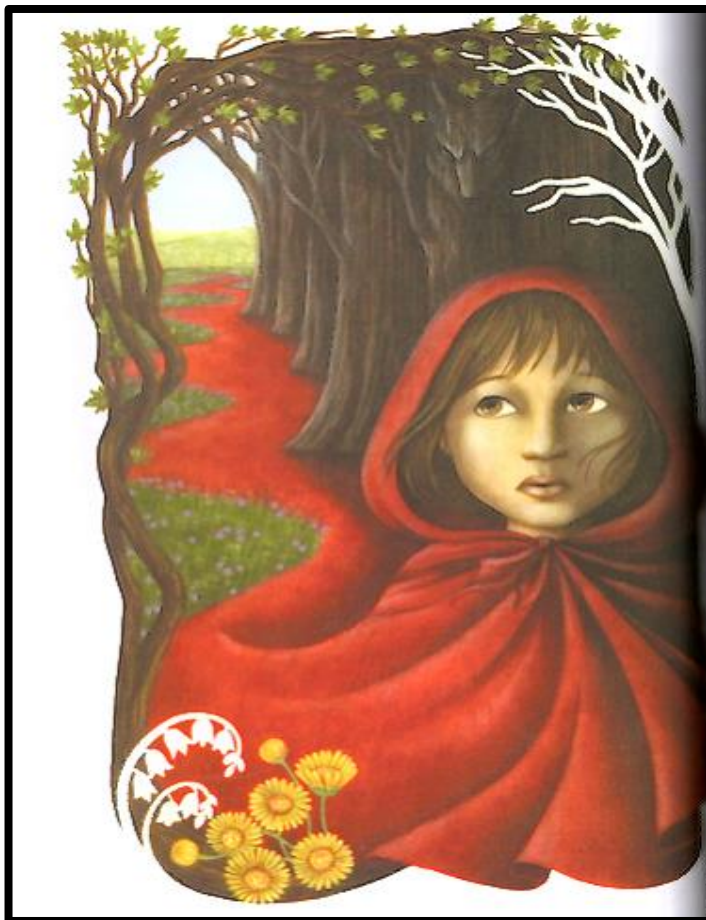
Professora: - Por que será que tem uma fada no canto dessa árvore?

Aluno 7: - Porque é um conto de fadas.

Para Bordini e Aguiar (1988) é muito importante o professor familiarizar o leitor com a obra literária, pois provoca uma inclinação à leitura. A Literatura Infantil é de grande valia, pois aguça a imaginação da criança, ajudando-a a perceber melhor a estrutura do seu eu, ela também proporciona ao aluno que amplie sua visão de mundo e, dessa maneira, alargue seus horizontes cognitivos e emocionais. Apenas o prazer que a obra literária acarreta permite que o leitor desenvolva seu imaginário.

Então, dispostos em círculo, foi iniciada a leitura pela professora, com o livro virado para os alunos, usando a entonação adequada, pausada e com fluência. Com antecedência essa história foi memorizada por ela, pois dessa forma, o livro serviu apenas como apoio, mostrando a ilustração para os alunos apreciarem, após a leitura de cada página.

Figura 58 - Ilustração de Chapeuzinho Vermelho – Contos de Grimm



Fonte: Livro Contos de Grimm, com tradução de Tatiana Belinky, 2014, p. 136.

Ao mostrar a única ilustração existente no conto, os alunos manifestaram suas opiniões do que observaram nessa página.

Aluno 13: - Olha, professora! A roupa da Chapeuzinho está junto com o caminho da floresta.

Professora: - Sim, por que será que a ilustradora fez desse jeito?

Aluno 10: - Parece um rio vermelho.

Professora: - A água do rio é dessa cor?

Aluno 19: - Não, é por causa da floresta ser perigosa com o lobo!

Aluno 2: - A árvore que está em cima da cabeça da Chapeuzinho Vermelho tem uma cara que dá medo.

Professora: - Como está a Chapeuzinho?

Aluno 15: - Parece assustada!

Aluno 12: - Ela está vendo o caminho da floresta.

Professora: - Gostei da opinião de vocês. Parabéns para todos!

Aguiar (2004, p. 31) ressalta que é através da imagem que a criança estabelece contato com o mundo, muito antes da aprendizagem da palavra. A criança começa a se apropriar do código verbal quando inicia a sua fala e interage com mundo que ao seu redor.

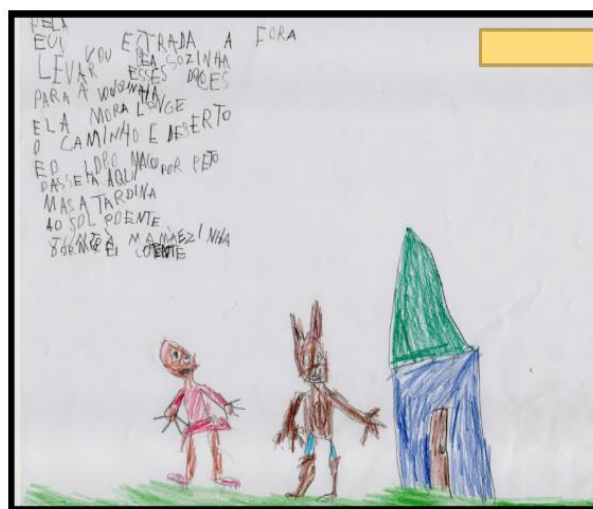
As imagens presentes em algumas obras alcançam grande encantamento nos leitores, deixando-os curiosos ao virar de cada página, além de despertar a reflexão e ativar a imaginação. Por isso, é muito relevante o professor selecionar obras literárias de qualidade para abordar na sala de aula.

Ao finalizar essa leitura, os alunos puderam mencionar qual das três histórias eles haviam gostado mais, se era a versão da “Chapeuzinho Vermelho” do escritor Charles Perrault, da versão dos Irmãos Grimm, que pertencia ao livro **Ler e escrever**, ou a traduzida pela autora Tatiana Belinky. E foi uma unanimidade, todos apreciaram a versão dos Irmãos Grimm traduzida, principalmente por causa das ilustrações da capa e do livro.

Eles destacaram que, na versão do **Ler e escrever**, a Chapeuzinho leva broas para a vovó, já na versão traduzida, ela leva bolo e vinho. Explicitaram, também, que a explicação da Chapeuzinho ao descrever onde morava a vovó era um pouco diferente, em uma versão a vovó morava no interior da mata, numa casa com venezianas verdes, logo após o velho engenho de açúcar e, na outra, a vovó morava debaixo dos três grandes carvalhos, próximos às moitas de avelã.

Após essa análise, os alunos assistiram ao vídeo da música “Pela estrada afora” (Chapeuzinho Vermelho)¹² e, depois, ilustraram a parte que mais gostaram da história.

Figura 59 - Ilustrações de Chapeuzinho Vermelho feitas pelos alunos



Fonte: Acervo pessoal da professora-pesquisadora.

¹²Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=skatdnyr0K0> Acesso em: 7 nov. 2023

4.4 Oficina 4

Duração: 1h20min

Alunos participantes: 16

Esta oficina iniciou-se com os alunos dispostos em círculo, juntamente com a professora, na biblioteca da escola, onde a mesma explicou que leria para eles o livro “Chapeuzinhos Coloridos”, dos autores José Roberto Torero e Marcus Aurelius Pimenta, com ilustrações de Marília Pirillo. Avisou que o livro possuía seis versões diferentes da original, nas quais a personagem principal viveria situações do dia-a-dia. Explicou, ainda, que a cada oficina seria contada uma versão diferente e que os alunos teriam que observar, primeiramente, a capa do livro e socializar suas opiniões, um de cada vez.

Figura 60 - Leitura na biblioteca escola



Fonte: Acervo pessoal da professora-pesquisadora.

Professora: - Olhando a capa do livro, o que vocês observam?

Aluno 18: - Três meninas em cima e três meninas embaixo com as mãos dadas.

Aluno 2: - Elas estão vestidas cada uma de uma cor diferente.

Aluno 6: - Tem menina de roupa branca, de roupa verde, de roupa roxa, de roupa azul, de roupa laranja e de roupa preta.

Aluno 3: - O fundo é de bolinhas coloridas.

Aluno 16: - O nome da história está perto das meninas, bem no meio com letras amarelas.

Professora: - Isso mesmo, as letras do título da história são amarelas com o fundo vermelho (sinalizando com o indicador da mão esquerda o local do título).

Aluno 22: - Professora, as bordas do livro são vermelhas!

Professora: - Por que será que a ilustradora usou essa cor?

Aluno 17: - Por causa da história Chapeuzinho Vermelho.

Professora: - Sim, você está certo! As meninas são todas iguais?

Aluno 7: - Não, elas estão vestidas de cores diferentes e a menina de verde tem um laço perto do pescoço dela.

Professora: - Todas as meninas são do mesmo jeito? Tamanho? Cor de cabelo?

Aluno 1: - Tem menina com o cabelo branco, com o cabelo marrom, com o cabelo preto e com o cabelo laranja de tranças.

Aluno 18: - Elas parecem ter o mesmo tamanho, mas a menina de laranja é gordinha e a menina de branco é magra.

Professora: - As personagens desta história não são todas iguais, os autores mostram aqui nessa história que todas as meninas podem ser a personagem principal. Vocês viram onde está escrito o nome dos autores?

Aluno 12: - Em cima da menina de branco, da menina de verde e da menina de roxo.

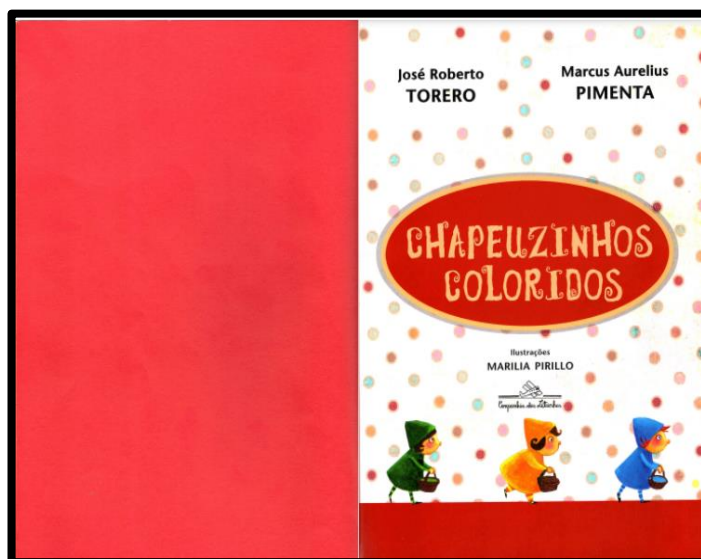
Professora: - O nome da ilustradora está aqui embaixo da Chapeuzinho vestida de laranja, bem no meio, também tem embaixo do nome da ilustradora um desenho de um avião com o nome da editora: Companhia das Letrinhas e perto dos nomes dos autores tem um desenho de uma fábrica saindo a fumaça e dentro da fumaça está escrito Fábrica de Fábulas. Alguém saberia dizer o que seria fábulas?

Alunos em silêncio.

Professora: - Fábulas são histórias que no final traz uma moral, uma mensagem, um ensinamento e os animais nessas histórias tem as características humanas, eles conversam, agem como se fossem pessoas.

Ao folhear o livro para iniciar a leitura, os alunos puderam notar que a segunda capa era vermelha, fazendo uma referência à versão de origem, o conto “Chapeuzinho Vermelho”, e, também na terceira capa, havia o título em destaque no centro da folha. Embaixo, constava o nome da ilustradora e da editora. Havia uma barra horizontal vermelha, na qual caminhavam três meninas, trajadas com capa e capuz, uma atrás da outra, mostrando a ordem da história, ou seja, que a primeira seria a da ‘Chapeuzinho Azul’, a segunda da ‘Chapeuzinho Cor de Abóbora’ e a terceira ‘Chapeuzinho Verde’. O fundo da imagem era de bolinhas coloridas e, na parte superior da página, havia o nome dos autores, com destaque no sobrenome, pois havia sido escrito em caixa alta, diferente dos primeiros nomes em imprensa.

Figura 61 - Segunda e terceira capa do livro



Fonte: TORERO; PIMENTA, segunda e terceira capa, 2017.

Após ler a história da Chapeuzinho Azul, a professora fez algumas indagações para seus alunos que, prontamente, participaram com respostas:

Professora: - O que vocês acharam da história?

Aluno 10: - Eu não gostei, a Chapeuzinho e a vovó foram muito malvadas com o lobo.

Aluno 19: - Eu também não gostei, porque elas foram soltas.

Aluno 8: - Eu fiquei com pena do Lobo.

Os demais alunos também concordaram com os amigos.

Professora: - O que vocês acharam da atitude da Chapeuzinho Azul em enganar o Lobo?

Aluno 21: - Aqui nessa história ela é mentirosa!

Aluno 13: - A Chapeuzinho Azul canta a música para enganar o Lobo.

Aluno 17: - É errado, a Chapeuzinho Azul fazer maldade.

Professora: - E o comportamento da avó é certo ou errado?

Aluno 2: - É errado, porque a vovó come o Lobo assado.

Aluno 19: - A vovó é malvada, tinha que ficar presa!

Aluno 10: - A vovó usa arma e dá risada de bruxa.

Aluno 16: - É errado comer carne de Lobo, coitado!

Professora: - Qual a mensagem que aparece no final da história?

Aluno 19: - Que não podemos matar os animais.

Aluno 12: - A minha tia na chácara come porco e não vai presa?

Aluno 10: - Porque essa carne pode comer.

Professora: - O que a Chapeuzinho Azul e a avó fizeram é errado, pois o Lobo é um animal selvagem, que está em extinção. Podemos se alimentar com carne de vaca, de peixe, de frango, de pato, de carneiro e de porco. Esses animais são permitidos. No Brasil, o lobo-guará corre risco de extinção, de desaparecer, por isso precisamos protegê-lo.

A contação de histórias pode ser feita em diversos espaços escolares, como a biblioteca, por exemplo; não precisando acontecer apenas na sala de aula. Para Bajard (2002), a escola possibilita situações em que as crianças se apropriam desse universo da riqueza literária como um bem precioso da cultura humana entre os diversos espaços. Segundo Cosson (2018), a leitura de literatura pode ocorrer em todo lugar, pois não existem limites temporais ou espaciais para um mundo constituído de palavras.

Nesta oficina, os alunos perceberam que quase todas as páginas dessa história tinham o fundo azul, de acordo com a personagem principal, e que, na primeira ilustração, as árvores pareciam estampadas de tecidos azuis, além de notarem que a vovó estava vestida de azul.

4.5 Oficina 5

Duração: 2h20min

Alunos participantes: 19

Esta oficina iniciou com a leitura da história “Chapeuzinho Cor de Abóbora”. Sentados em círculos na sala de aula, a leitura foi feita com a entonação adequada. Conforme surgia uma ilustração, era mostrada para que todos observassem e, após a leitura, as crianças participaram, respondendo alguns questionamentos feitos.

Professora: - O que vocês acharam da história?

Aluno 13: - Professora não gostei do final da história é muito triste.

Aluno 7: - Coitada da vovó, da Chapeuzinho e do Caçador, não mereciam morrer.

Aluno 22: - Isso tudo aconteceu, porque o Lobo foi muito guloso!

Aluno10: - Nessa história, a Chapeuzinho foi enganada pelo Lobo.

Aluno 8: - Na outra história o Lobo que foi enganado pela Chapeuzinho Azul e pela vovó.

Aluno 12: - É tudo laranja como a Chapeuzinho!

Professora: - Isso mesmo, algumas páginas de fundo são laranja!

Aluno 19: - Tem uma página que o fundo são frutas.

Aluno 13: - É quando a Chapeuzinho fala com o Lobo na floresta.

Aluno 16: - No começo da história as árvores parecem feitas de pano.

Professora: - Vocês perceberam que a Chapeuzinho Cor de Abóbora é gordinha?

Aluno 1: - E bochechuda.

Professora: - A Chapeuzinho Cor de Abóbora gostava muito de comer e era gordinha. Vocês acham que as pessoas gordinhas recebem algum apelido maldoso por serem desse jeito?

Aluno 3: - Sim, são xingadas de gordos, ficam tristes e choram.

Aluno 10: - Se a pessoa fica gordinha pode ir ao médico, a minha mãe foi.

Aluno 19: - Pode ir à academia para emagrecer, o meu pai vai.

Aluno 2: - Se a pessoa fica gordinha tem diabetes igual a minha vó.

Aluno 20: - Se a pessoa fica muito magrinho, morre de fome.

Professora: - O que devemos comer para termos uma alimentação saudável?

Aluno 7: - Comer frutas.

Professora: - Podemos comer só frutas?

Aluno 22: - Não, salada é boa para a saúde.

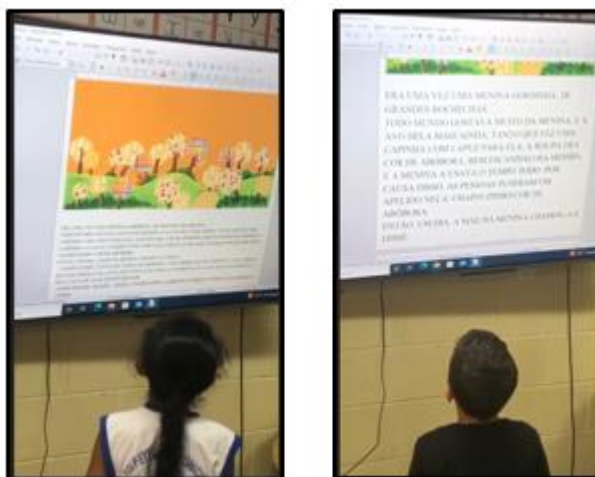
Aluno 19: - Legumes são bons, eu como cenoura para enxergar melhor.

Professora: - Qual a mensagem que essa história traz quando termina?

Aluno 9: - Que não pode ser guloso, se não morre igual ao Lobo.

Após as socializações das opiniões dos alunos, realizamos, em sala, a leitura compartilhada, momento em que algumas crianças iam até a TV, um de cada vez, para ler a história.

Figura 62 - Leitura compartilhada



Fonte: Acervo pessoal da professora-pesquisadora.

Para Lajolo :

[...] a literatura é importante no currículo escolar: o cidadão, para exercer plenamente sua cidadania, precisa apossar-se da linguagem literária, alfabetizar-se nela, tornar-se seu usuário competente, mesmo que nunca vá escrever um livro: mas porque precisa ler muitos (2001, p. 106).

A leitura literária permite a descoberta de sentidos mais abragentes e possibilita entendermos o mundo, para depois atuarmos nele. Assim, o professor mediador precisa oferecer obras com qualidade estética e, ao questionar frequentemente seus alunos, aguçar-lhes a vontade de expressarem suas opiniões acerca de uma obra, de maneira autônoma e crítica.

Zilberman (2012) considera que o professor não tem apenas a missão de ensinar a criança a ler corretamente, de alfabetizá-la, mas a tarefa de auxiliar o aluno no deciframento e na compreensão do texto, através de estímulo à verbalização da leitura procedida.

4.6 Oficina 6

Duração: 1h20min

Alunos participantes: 16

Nesta oficina, a professora leu “Chapeuzinho Verde”. Com entonação adequada e fluência, as crianças puderam acompanhar as ilustrações conforme surgiam. No final, os alunos puderam manifestar seus pensamentos referentes à história lida.

Professora: - Crianças, vocês gostaram dessa história?

Aluno 16: - Sim, porque a Chapeuzinho e a vovó foram salvas.

Aluno 9: - Não, porque o Caçador foi interesseiro!

Aluno 6: - Ele não quis salvar a vovó e a Chapeuzinho.

Aluno 20: - A Chapeuzinho gostava muito de dinheiro, pega até as moedas da fonte.

Professora: - Nessa história, só a Chapeuzinho e o Caçador gostam de dinheiro?

Aluno 15: - A vovó gostava de guardar dinheiro e ter muitas joias.

Aluno 13: - A vovó da Chapeuzinho não gostava de gastar dinheiro para ser rica.

Aluno 12: - As páginas dessa história são verdes.

Aluno 17: - Professora até a roupa do Caçador é verde.

Aluno 10: - As árvores parecem feitas de pano.

Professora: - Qual mensagem a história traz quando termina?

Aluno 8: - Quem tem dinheiro não é feliz.

Professora: - Isso mesmo, que o dinheiro não traz felicidade e que atrai muitas pessoas interesseiras, como o Caçador. Nessa história a única pessoa que faz alguma coisa sem interesse é a mamãe, que pede para Chapeuzinho levar a torta para a vovó que pode estar muito magra.

Cosson (2018) salienta que uma das principais funções da escola é compartilhar a leitura. Para incentivar o aluno para a leitura, o ensino de literatura necessita de ser democrático. Para que isso ocorra, o professor precisa possibilitar que seus alunos possam ter contato com diversos textos literários. Com o objetivo de propiciar o alargamento do horizonte de expectativa, o professor mediador pode utilizar como leitura textos narrativos curtos, como os contos. Dessa maneira, esse texto pode ser lido, analisado e discutido, coletivamente, durante uma atividade programada.

Segundo Eliane Aparecida Galvão Ribeiro Ferreira (2009), a interação dos alunos com diversas histórias permite que eles percebam que a leitura é uma prática

social, que se refere a outros textos e a outras leituras, de maneira dialógica.

4.7 Oficina 7

Duração: 1h20min

Alunos participantes: 18

Esta oficina iniciou com a leitura da história “Chapeuzinho Branco”. A professora, lendo com fluência e entonação adequadas, segurava o livro para que os alunos pudessem visualizar as ilustrações. Quando encerrou a narrativa, as crianças puderam realizar comentários a respeito da obra.

Professora: - Crianças, vocês gostaram dessa história?

Aluno 20: - No começo, eu não gostei porque a Chapeuzinho Branco era uma menina triste sem pai, mas no final tudo mundo ficou feliz.

Aluno 1: - Eu gostei, porque nessa história ninguém morreu.

Aluno 9: - Eu gostei porque a Chapeuzinho e a vovó dela iam morar juntas.

Aluno 15: - Eu gostei porque o Lobo vai morar com o Caçador, com a mamãe da Chapeuzinho e com a vovó.

Aluno 7: - Eu gostei porque a vovó e a Chapeuzinho não são mais tristes.

Professora: - Chapeuzinho Branco era uma menina triste porque era órfã. O que é ser órfã?

Aluno 13: - É não ter pai, porque ele morreu.

Professora: - Isso mesmo, órfã pode ser sem pai ou sem mãe. A avó da Chapeuzinho Branco, era triste porque morava sozinha. E a vovó de vocês moram sozinhas ou com alguém?

Aluno 18: - A minha vó mora em Minas Gerais com meu vô.

Aluno 16: - A minha vovó mora em São Paulo com a minha tia e com meus primos.

Aluno 14: - A minha vovó não fica sozinha porque eu fico com ela de tarde, porque a minha mãe e meu pai trabalham.

Aluno 20: - Eu moro com a minha vó.

Aluno 22: - Eu estou morando com a minha vó, porque na minha casa está morando outra pessoa.

Aluno 19: - Eu e a minha irmã ficamos com a minha vó e meu vô, enquanto meu pai e minha mãe trabalham juntos.

Aluno 13: - Minha vó mora em Lençóis Paulista com meu vô.

Aluno 2: - Eu vou à casa da minha vó todo domingo.

Aluno 17: - Eu moro perto da minha vovó.

Aluno 11: - Eu visito a minha vó sempre.

Professora: - Chapeuzinho Branco escolheu a trilha mais longa porque se sentia só e queria brincar com outras crianças. E vocês que são filhos únicos se sentem sós?

Aluno 3: - Eu não sinto só, porque brinco com meus primos.

Aluno 8: - Eu sinto só, queria ter um irmão para brincar.

Aluno 1: - Eu queria ter uma irmã.

Aluno 7: - Eu não gosto de ser filha única.

Professora: - Qual a mensagem que esta história traz?

Aluno 16: - Que ninguém gosta de ficar sozinho.

De acordo com Antonio Candido (1995), a literatura possui a função formadora, pois contribui com o “conhecimento do mundo e do ser”. Em concordância, Zilberman (2012) afirma que a literatura infantil impulsiona a escola à ruptura de uma educação tradicional e permite que o leitor se torne crítico e conhecedor da sua realidade.

Nessa perspectiva, é obrigação do professor desenvolver nos alunos o senso crítico e despertar o gosto pela literatura. Somente quando um professor conhece o potencial do seu aluno e de um livro, e acredita na interação dos dois, a aprendizagem ocorre.

Para Neusa Macedo (2005), o professor deve aproveitar todos os momentos para levar o aluno a praticar a leitura, nos diversos aspectos, e proporcionar momentos para ler a vida ao seu redor, entendendo, assim, o social e o cultural.

4.8 Oficina 8

Duração: 1h20min

Alunos participantes: 16

A oficina deste dia iniciou com a leitura da história “Chapeuzinho Lilás”. A professora, lendo com fluência e entonação adequada, segurava o livro para que os alunos pudessem visualizar as ilustrações. Ao finalizar a narrativa, as crianças puderam comentar a respeito da obra abordada.

Professora: - Vocês gostaram dessa história?

Aluno 14: - Eu gostei, porque a Chapeuzinho Lilás, a vovó e o Caçador ficaram famosos.

Aluno 12: - Eu não gostei, porque o Lobo morreu e ele não queria ser mais mau.

Aluno 1: - Eu gostei, porque a Chapeuzinho e a vovó não morreram.

Aluno 9: - Eu gostei, porque o Caçador ficou famoso, eu também quero ser famoso, quero ser Youtuber.

Aluno 17: - Eu gostei da história, porque quero ser famosa, ser cantora.

Aluno 21: - Eu quero ser jogador de futebol.

Professora: -Chapeuzinho Lilás e a avó gostam de ler revistas de fofocas. É certo fazer fofoca?

Aluno 20: -Não, é errado!

Aluno 18: - Essa história a Chapeuzinho não leva nada de comer para a vó dela. Ela tinha que levar uvas.

Aluno 2: - Professora, a roupa da vovó era roxa igual a Chapeuzinho.

Professora: - Se fosse para mudar o final da história, o que vocês mudariam?

Aluno 19: - Eu mudaria de o Lobo ir embora para casa dele.

Aluno 22: - Ele ficaria vivo.

Professora: - Qual a mensagem dessa história?

Aluno 16: - Que devemos falar a verdade.

Segundo Cosson (2014), o grande segredo da literatura é o envolvimento único que ela nos permite em um mundo constituído de palavras. Para Zilberman (2012, p.154), a Literatura Infantil pode “representar em objeto de conhecimento, ampliando e renovando o horizonte de percepção de seu leitor”. Ela contribui para a humanização dos leitores e, através dela, os alunos podem mergulhar no mundo dos contos e no mundo da sua própria cultura. A aprendizagem da criança, diante disso, ocorre quando ela reorganiza e reformula sua base para o crescimento como pessoa e leitor.

4.9 Oficina 9

Duração: 2h

Alunos participantes: 19

Esta oficina iniciou com a leitura da história “Chapeuzinho Preto”, lida pela professora, com fluência e entonação adequada, a mesma segurando o livro para que os alunos pudessem visualizar as ilustrações. Ao finalizar a narrativa, as crianças puderam socializar as suas opiniões a respeito da obra abordada.

Professora: - Vocês gostaram dessa história?

Aluno 5: - Eu não gostei da história, porque a vovó foi comida pelo Lobo.

Aluno 19: - Eu gostei porque a Chapeuzinho não morre.

Aluno 13: - A Chapeuzinho nessa história demora tanto para chegar à casa da vó que vira moça.

Aluno 10: - Nessa história a Chapeuzinho faz as perguntas para o espelho e não para o Lobo e nem para a vovó.

Aluno 3: - Eu não gostei porque ela ficou amiga do Lobo.

Professora: - Como era a Chapeuzinho Preto?

Aluno 8: - Chapeuzinho Preto não era criança como nas outras histórias.

Aluno 14: - Chapeuzinho Preto era corajosa porque comeu jabuticabas com o Lobo.

Aluno 18: - Ela era corajosa porque foi sozinha na floresta escura visitar a vovó.

Professora: - Essa história traz a mensagem que devemos aproveitar a vida bem devagar.

Aluno 16: - Professora, a roupa do Lobo e da vovó eram pretas como a Chapeuzinho Preto.

Aluno 9: - As árvores eram pretas e o que a Chapeuzinho levava na cesta também.

Depois disso, os alunos comentaram suas opiniões sobre a história, a professora mostrou a página 54, que tinha a ilustração enfatizando que para ser a personagem principal não há um padrão específico, que todas as meninas poderiam ser a Chapeuzinho e que não precisam usar apenas uma roupa de determinada cor.

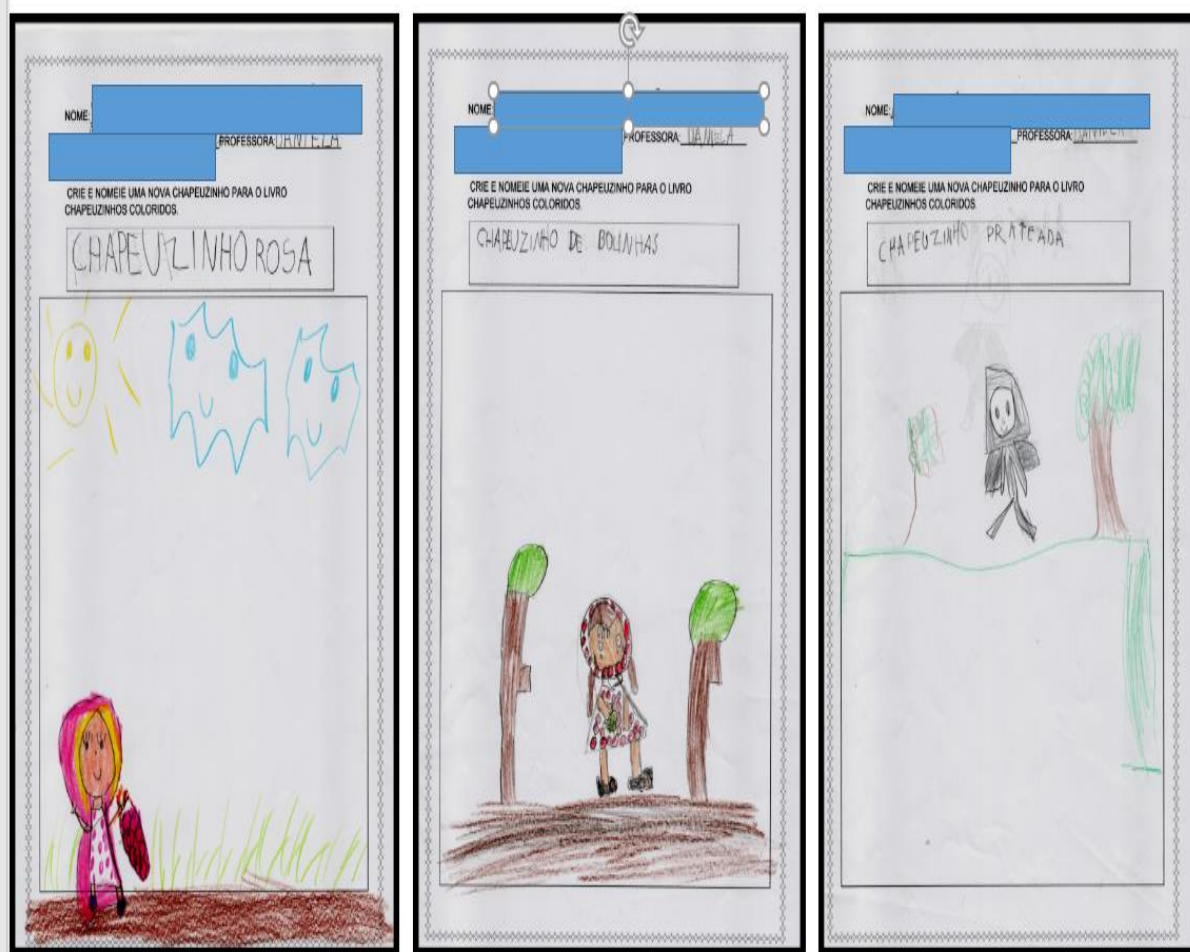
Figura 63 - Todas as meninas podem ser a personagem principal



Fonte: TORERO; PIMENTA, 2017, p. 54.

Após mostrar essa ilustração para os alunos, foi pedido para que criassem uma outra personagem, de acordo com a sua criatividade, e explicassem como seria.

Figura 64 - Ilustração de uma nova personagem dos Chapeuzinhos Coloridos



Fonte: Acervo pessoal da professora-pesquisadora.

Para Bordini e Aguiar (1988), o ensino da literatura deve atender os interesses do leitor, despertando novos interesses que estimulem o senso crítico e, conseqüentemente, o caráter lúdico do jogo literário. Cosson (2014) enfatiza que o professor necessita explorar com seus alunos o texto literário na sua totalidade, levando em consideração as suas potencialidades. Além disso, é importante oferecer condições para que o encontro do aluno com a literatura faça plenamente sentido, para ele próprio e para a sociedade em que esteja. Assim, o aluno perceberá o professor como um parceiro que estimula os conhecimentos que o leitor tem sobre o assunto e suas expectativas. E, dessa forma, o aluno poderá adquirir mais conhecimentos com outros que o adulto possui.

4.10 Oficina 10

Duração: 4h

Alunos participantes: 20

A oficina desse dia iniciou com a leitura da história **“Chapeuzinho Amarelo”**. A professora, lendo com fluência e entonação adequada, segurava o livro para que os alunos pudessem visualizar as imagens, todavia, antes, foi solicitado que eles comentassem o que estavam vendo na capa. As crianças comentaram que viam uma menina feliz com chapéu amarelo e blusa ou vestido vermelho e que o nome do autor e o título da história estavam em cima do chapéu. Observaram, ainda, que a roupa e o título eram vermelhos, por causa da versão de “Chapeuzinho Vermelho”.

Professora: - Vocês gostaram dessa história?

Aluno 2: - Eu gostei da história, porque a Chapeuzinho antes tinha muito medo do lobo e de tudo, ficava encolhida, sem se mexer. Depois, ela fica corajosa.

Aluno 15: - Eu gostei porque a Chapeuzinho brinca com as outras crianças e inventa brincadeiras com os nomes dos monstros.

Aluno 7: - Quando o lobo grita com a Chapeuzinho e ela ri da cara dele, depois ele vira um bolo de lobo.

Aluno 1: - Eu gostei da Chapeuzinho quando ela está feliz e o lobo triste, porque não consegue assustar.

Os alunos gostaram muito dessa história e apreciaram muito as suas ilustrações. Puderam identificar as semelhanças e as diferenças que havia nessa história em relação as outras versões. Perceberam que nessa versão não havia nem vovó e nem caçador, apenas a Chapeuzinho Amarelo e o lobo, e que, ao enfrentá-lo, a menina liberta-se de todos os outros medos que possuía.

Nessa obra, a equivalência entre texto e imagem estabelece uma relação de complementaridade. A imagem permite que o leitor consiga antecipar o significado, enquanto o texto tem função elucidativa e permite uma única interpretação, além de harmonizar palavra e imagem.

Aguiar (2004) ressalta que o verbal e o imagético suscitam ideias e emoções. Através desse processo interativo, significante e significado relacionam-se para o alcance da significação. Assim, a função estética possibilita que os alunos desenvolvam o prazer de ler, a fruição do texto e a ampliação dos horizontes de expectativas, com a finalidade de enriquecer suas experiências de vida.

Após a leitura, foi pedido que eles nomeassem e ilustrassem um medo que possuíam.

Figura 65 - Ilustração do medo



Fonte: Acervo pessoal da professora-pesquisadora.

Depois que os alunos fizeram essa atividade, eles realizaram uma dramatização com fantoches da história: “Chapeuzinho Vermelho”, da versão dos Irmãos Grimm, traduzida pela autora Tatiana Belinky.

Figura 66 - Dramatização com fantoches



Fonte: Acervo pessoal da professora-pesquisadora.

Todos os alunos participaram dessa atividade, até os mais tímidos quiseram contar a história por meio da dramatização com fantoches. Mas, vale ressaltar que a contação de histórias, independentemente dos recursos usados, proporciona aos ouvintes o contato com o gênero, além da apreciação do texto literário e da identificação e do momento de deleite. Bordini e Aguiar (1988) enfatizam que a linguagem é muito importante na comunicação, pois é por intermédio dela que acontecem as interações sociais.

4.11 Oficina 11

Duração: 4h

Alunos participantes: 19

A oficina iniciou com a professora, sendo a escriba dos alunos e reescrevendo na lousa, coletivamente, com o auxílio deles, o final da história “Chapeuzinho

Vermelho”.

Ao trabalhar com esse gênero, o professor leva para sala de aula histórias atemporais, que se iniciam com expressões como “Era uma vez”, mostrando que os fatos narrados ocorreram há muito tempo. Quando trabalhamos essas características, os alunos começam a refletir sobre quais expressões deveram usar e consequentemente melhoram as suas produções textuais.

Figura 67 - Reescrita coletiva tendo a professora como escriba



Fonte: Acervo pessoal da professora-pesquisadora.

Após os alunos reescreverem coletivamente a história, assistiram ao vídeo “Deu a louca na Chapeuzinho”¹³, e puderam constatar as semelhanças e as diferenças dessa história quanto às versões de Charles Perrault e dos Irmãos Grimm.

Os alunos perceberam que o lobo é bom e é jornalista, que a Chapeuzinho usa roupas modernas e trabalha para a vovó fazendo entregas, que a vovó pratica esportes radicais, que o lenhador é um ator e que o animal mais fofinho, o coelho, na verdade, é o vilão que cometeu o crime de roubar as receitas de todas as confeitarias.

O momento de conversa contribui para uma ampla compreensão e singular

¹³Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X49esBpm-T0>. Acesso em: 23 nov.2023.

do texto, pois permite que os alunos aprofundem e reflitam os temas abordados. Quando a criança se expressa oralmente, amplia seus horizontes de comunicação, socializa-se, exercita o pensar, expressa suas ideias, emoções e sentimentos, desenvolvendo a argumentação. De acordo com Marcuschi (2010), em sala de aula, é imprescindível o trabalho com a oralidade, para que os alunos se tornem indivíduos falantes, participativos e críticos na sociedade. A oralidade constitui uma habilidade fundamental no convívio social.

Para encerrar a oficina, os alunos receberam um quebra-cabeça da cena do vídeo e puderam montá-lo. O nível de dificuldade era de acordo com a quantidade de peças.

Figura 68 - Quebra-cabeça¹⁴



Fonte: Acervo pessoal da professora-pesquisadora.

4.12 - Oficina 12

Duração: 2h

Alunos participantes: 17

Nesta oficina, os alunos dramatizaram o conto: “Chapeuzinho Vermelho”. Eles

¹⁴Quebra-cabeça: variação de quantidade de peças (4 e 20 peças). Apenas o aluno que possui diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista, com comprometimento intelectual, ainda em investigação de nível intelectual, comórbido com Transtorno de Déficit de atenção com Hiperatividade do tipo combinado e Transtorno de Ansiedade montou o quebra-cabeça com quatro peças.

atuaram como os personagens. Todos participaram, até mesmo os mais acanhados.

O domínio de linguagem oral e a fluência verbal ocorrem quando o professor cria, em sua sala de aula, um ambiente acolhedor e tranquilo, que estimule a expressão de ideias, em que pratique o respeito mútuo. As relações pessoais acontecem sem repressões, o aluno utiliza a palavra em várias ocasiões, percebendo, assim, a função da linguagem, além de vencer a timidez e de desenvolver habilidades de falante eficaz e de bom ouvinte.

Figura 69 - Dramatização do conto: Chapeuzinho Vermelho



Fonte: Acervo pessoal da professora-pesquisadora.

De acordo com Bordini e Aguiar (1988), o método criativo está associado ao teatro, expressões artísticas, música e literatura, quando aplicado em sala, auxilia na apropriação e na transformação da realidade, provocando o prazer e conhecimento de maneira não exclusiva. Nesse método, o aluno começa a se postar criticamente diante da realidade, sempre que é solicitado, e busca maneiras concretas de satisfazer as suas necessidades pessoais e coletivas.

Após a dramatização, os alunos, agrupados em duplas, jogaram o jogo da memória das Chapeuzinhos¹⁵, ou seja, receberam um baralho com 17 cartas (oito ilustrações de Chapeuzinhos, oito pistas sobre a personagem e uma com o título do jogo). De um lado, ficavam as ilustrações com as cartas viradas para baixo e, do outro, as cartas das pistas das personagens, viradas também para baixo. Cada participante, na sua vez, virou uma carta de cada lado e verificou – se as cartas viradas formavam um par, deixando o seu adversário observar as posições das cartas. Caso formasse par, o participante recolhia essas duas cartas para si e jogava novamente. Se não formasse, as cartas eram viradas novamente e passava a vez. O objetivo desse jogo foi encontrar o maior números de pares.

Figura 70 – Jogo da memória das Chapeuzinhos



Fonte: Acervo pessoal da professora-pesquisadora.

¹⁵Elaborado pela professora pesquisadora com as imagens dos livros: **Contos de Grimm, Chapeuzinhos Coloridos e Chapeuzinho Amarelo.**

4.13 Oficina 13

Duração: 2h

Alunos participantes: 17

A oficina desse dia iniciou com os alunos reunidos em duplas ou individuais, dependendo da hipótese de escrita que se encontrava, para que produzissem o final da história. Os alunos que estavam agrupados em dupla, um era o escriba e o outro relatava os episódios. Até mesmo os alunos que não sabiam ler e escrever, convencionalmente, participaram ditando.

Figura 71 - Em duplas produzindo reescrita



Fonte: Acervo pessoal da professora-pesquisadora.

Soares (2020, p. 266) afirma que “quando as crianças estão aprendendo a usar a língua escrita para escrever textos, é natural que escrevam como falam.” A reescrita é imprescindível no processo de produção textual, por intermédio desse tipo de atividade que o aluno começa a desenvolver como autor, ou seja, como sujeito principal do texto, manifestando seus pensamentos por meio da apropriação da escrita. Produzir textos em duplas possibilita aos alunos uma maior atenção à

estrutura e ao funcionamento do texto, além de oportunizar a interação entre os pares e a troca de conhecimentos.

A correção da reescrita ocorreu de maneira individual, em que a professora pediu diretamente para que cada aluno ou dupla lesse a sua produção e percebesse o que estava faltando na história. Nesse momento, não foram corrigidas a ortografia, as normas gramaticais e de estruturação frasal. Seguem algumas produções de final de conto dos alunos:

Figura 72 - Reescrita individual do final do conto - Aluno: 16

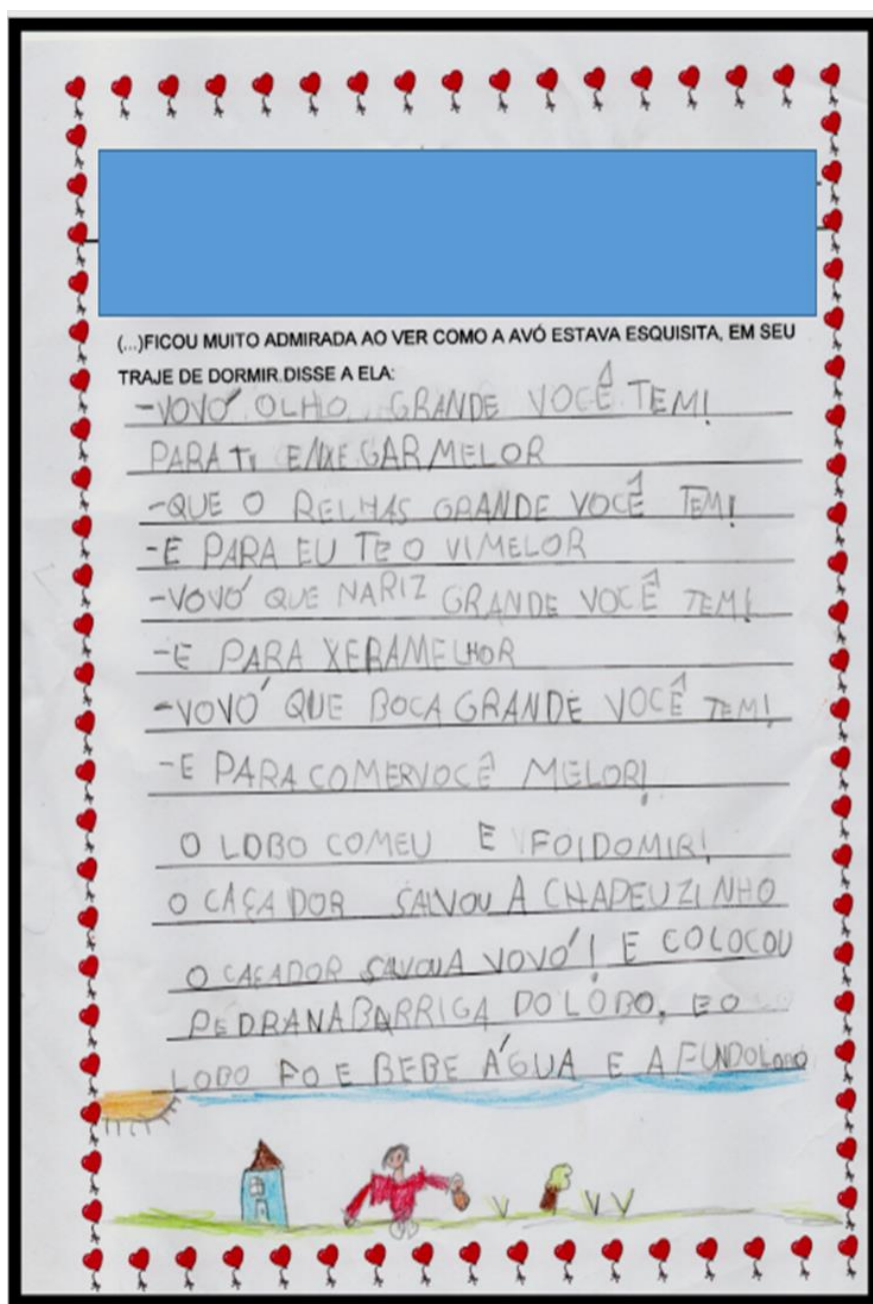
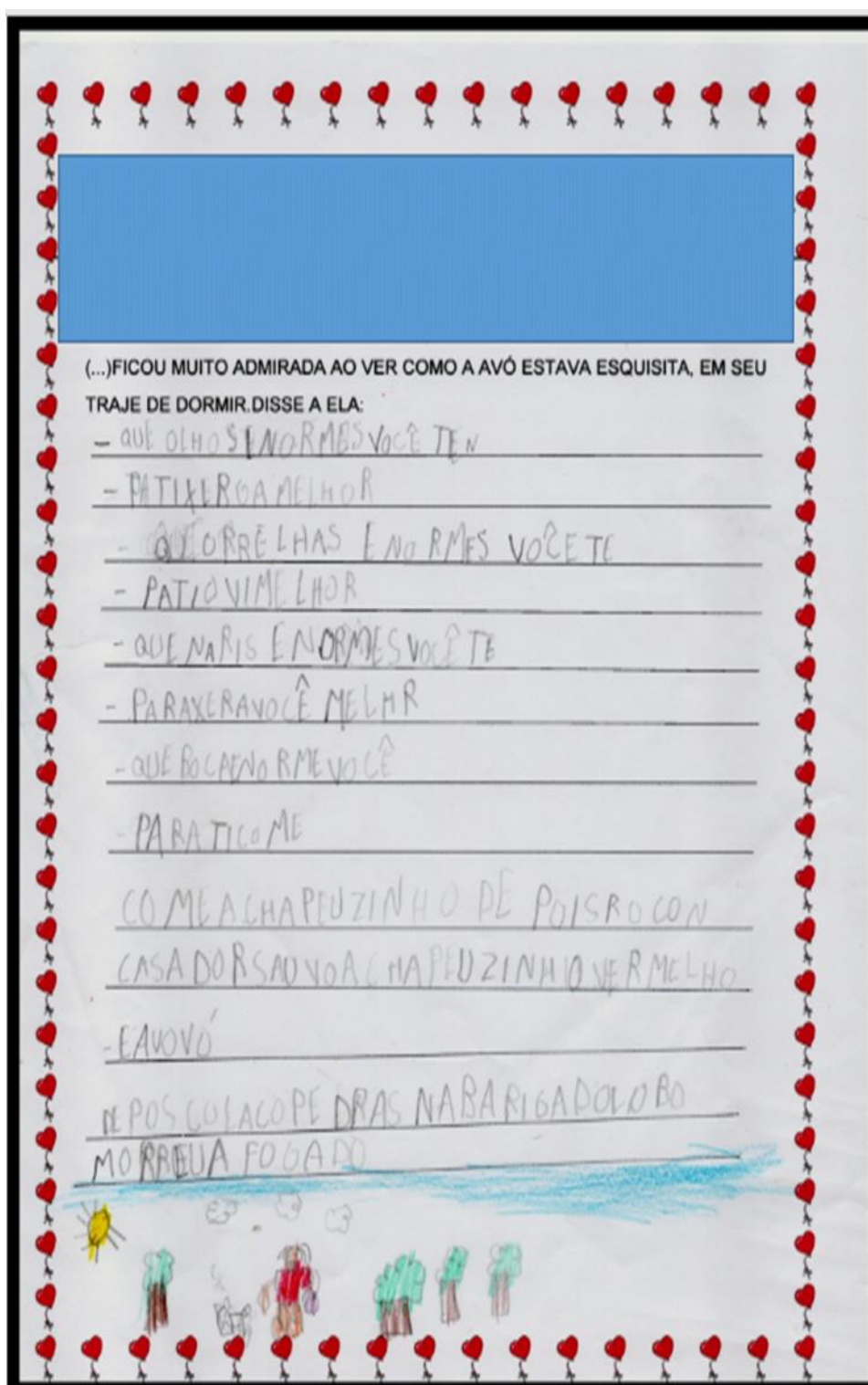
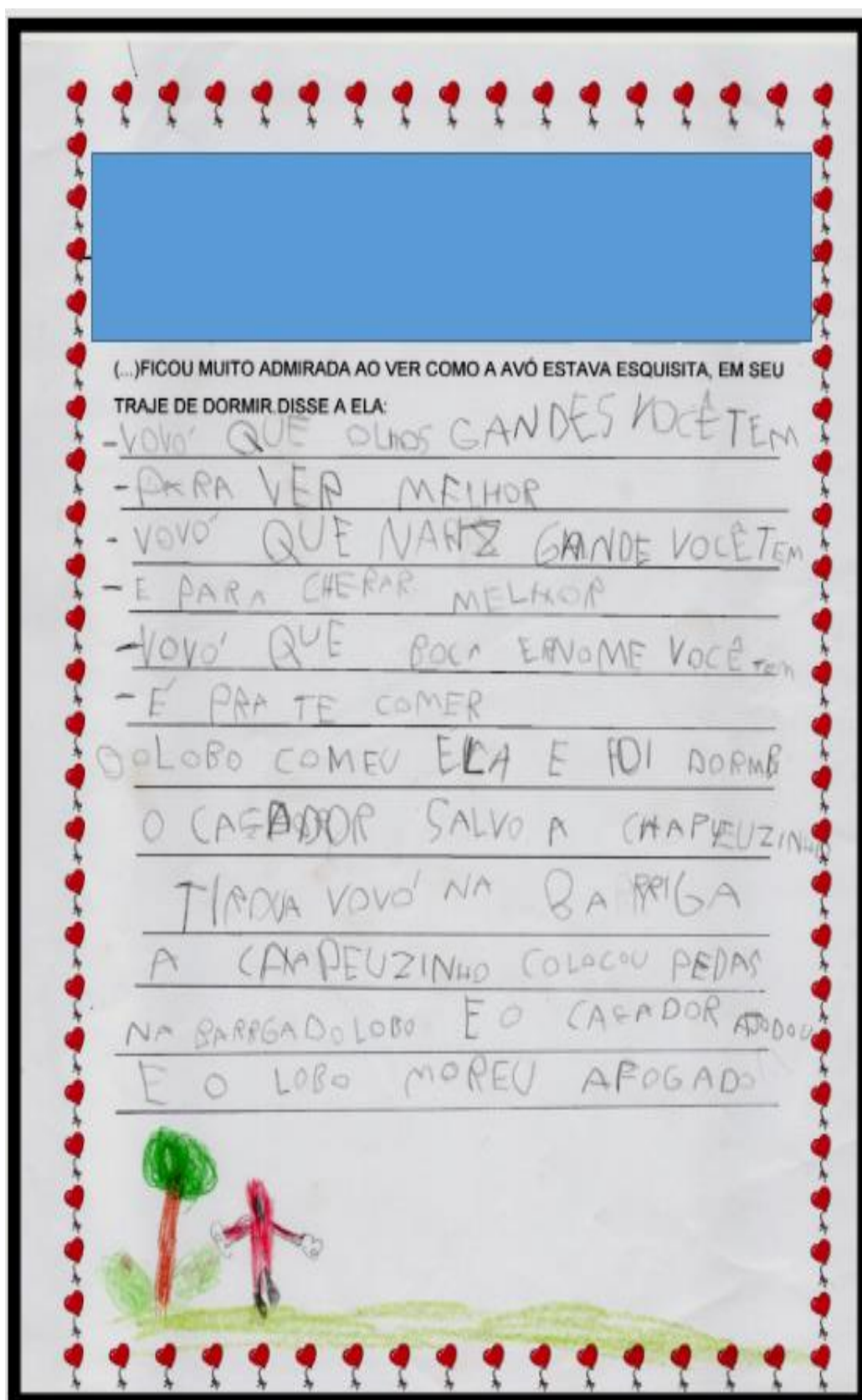


Figura 73 - Reescrita individual do final do conto - Aluno 10



Fonte: Acervo pessoal da professora-pesquisadora.

Figura 74 - Reescrita em duplas do final do conto - Alunos 9 e 20.



Fonte: Acervo pessoal da professora-pesquisadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta dissertação apresentamos uma reflexão sobre a importância da leitura em sala de aula. Nosso caminho, complexo por natureza, se marcou por diversas problemáticas. Inicialmente, para a realização deste trabalho, foi preciso procurarmos referências teóricas a fim de compreender as concepções de leitura.

Segundo Lajolo (2000), a leitura é considerada uma prática circular e infinita, ou seja, uma fonte de prazer e de sabedoria que inicia a sedução na escola, mas não finaliza nela. Por intermédio da leitura, entendemos melhor as relações humanas e o mundo que nos cerca. Então, quanto mais circundante for a concepção de mundo, mais profundamente faremos nossas leituras dele.

Ao longo do estudo, vimos em Cosson (2014) que a leitura só é significativa quando o leitor abre uma porta entre seu mundo e o mundo do outro:

O bom leitor, portanto, é aquele que agencia com os textos os sentidos do mundo compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo. Por isso, o ato físico de ler pode ser até solitário, mas nunca deixa de ser solidário (COSSON, 2014, p. 27).

Nossos pressupostos se ancoram em Bordini e Aguiar (1988) e, com elas, compreendemos que a leitura de uma obra literária permite que o leitor coloque de lado a sua realidade e comece a viver, por intermédio da imaginação, todas as dificuldades das personagens da ficção, aceitando o mundo criado como um mundo plausível para si. Esse mundo envolve lacunas que são completadas pelo leitor conforme sua experiência:

À medida que o sujeito lê uma obra literária, vai construindo imagens que se interligam e se completam – e também se modificam – apoiado nas pistas verbais fornecidas pelo escritor e nos conteúdos de sua consciência, não só intelectuais, mas também emocionais e volitivos, que sua experiência vital determinou (BORDINI; AGUIAR, 1988, p. 17).

Em suma, durante a pesquisa, concluímos que a literatura possibilita aos leitores iniciantes o desenvolvimento da criticidade, fazendo com que indaguem a si mesmos e ao meio que os rodeia. Por isso, torna-se essencial para a formação cultural do ser humano e deve ser inserida desde a tenra idade. Sua função estética proporciona aos alunos a motivação de ler, a fruição do texto e a ampliação dos horizontes de expectativas, enriquecendo suas experiências de vida. Lajolo afirma

que:

Leitor maduro é aquele que, em contato com o texto novo, faz convergir para o significado de todos os textos que leu. E, conhecedor das interpretações que um texto já recebeu, é livre para aceitá-las ou recusá-las, e capaz de sobrepor a elas a interpretação que nasce de seu diálogo com o texto (2000, p. 107).

Portanto, a literatura infantil exerce a função de estimular a imaginação do aluno, permitindo que conheça a melhor estrutura do seu eu e também alargue sua visão do mundo, consequentemente, de seus horizontes cognitivos e emocionais.

Ao longo desta dissertação discorreremos, também, sobre uma breve trajetória da Literatura Infantil, desde seu surgimento na França, no século XVII até XXI no Brasil. Levantamos pressupostos teóricos adequados e necessários para sustentação do estudo. Além disso, acessamos informações sobre práticas docentes voltadas para a literatura infantil nos anos de alfabetização.

A opção deste estudo pela abordagem da literatura e da leitura literária no contexto escolar vem ao encontro do fato de que, para a maioria dos alunos, o ambiente escolar é o único lugar em que podem ter contato direto com os livros, por isso, é ponderoso que o professor mobilize e oportunize experiências com obras dotadas de valor estético, para que as crianças sejam estimuladas o quanto antes.

Mas, para formar leitores é necessário, antes, que existam professores leitores, que sejam apaixonados por literatura e conhecedores dos benefícios que ela propicia para os alunos. Esses professores percebem que é essencial permitir aos alunos que sejam protagonistas do saber em sala de aula.

Bordini e Aguiar (1988) afirmam que para que a escola tenha um ensino eficiente de leitura literária de uma obra deve ter programas voltados ao incentivo à literatura, composto de professores leitores com uma boa fundamentação teórica e metodológica e acesso a uma biblioteca bem organizada, na área de literatura, além de uma interação democrática entre professor e alunos. Cosson enfatiza:

Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação dos hábitos de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito de linguagem (2014, p. 30).

Vale destacar que, especialmente para os anos de alfabetização do Ensino Fundamental, o trabalho em sala de aula com a oralidade é de imensa importância, pois a fala é parte integrante de nossa vida, além da porta de acesso inicial para as histórias. Portanto, o desenvolvimento da linguagem oral acontece através da vivência de experiências ricas, diversificadas, envolvendo os usos possíveis da linguagem oral, e cabe aos professores planejarem a ação pedagógica de maneira a garantir, na sala de aula, atividades sistemáticas de fala, escuta e reflexão sobre a língua.

Por esse motivo, enquanto profissional, é necessário trabalhar com os alunos em sala na perspectiva da fala e na produção de textos orais, principalmente de contos de fadas. Segundo Marcuschi (2010), a fala corresponde a uma maneira de produção textual discursiva, na qual os indivíduos comunicam-se sem ser preciso uma tecnologia, apenas o aparato próprio da pessoa. Sendo assim, a fala sustenta a prática da oralidade, pois garante que os enunciados tenham significado e transitem, de maneira expressiva, o objeto de comunicação.

Desta forma, as histórias infantis possibilitam elementos favoráveis para que os alunos se organizem internamente. Através da sua própria estrutura com: começo, meio e fim, permitem que o leitor crie caminhos para compreender o gênero abordado e resolver seus conflitos, medos e angústias. Por intermédio dos contos de fadas, os alunos encontram estratégias para a superação de conflitos infantis (BORDINI; AGUIAR, 1988). A eterna luta entre o bem contra o mal, presente nas histórias, e os finais felizes são relevantes na construção da identidade. Para Bettelheim (2002), os contos de fadas são verdadeiras obras de arte, em que a criança, conforme seus interesses ou necessidades, irá extrair significados distintos. Ela voltará ao mesmo conto quando conseguir ampliar os velhos significados ou substituí-los por novos.

Nossa escolha recaiu sobre a história de **“Chapeuzinho Vermelho”** por ser uma das histórias que maior número de versões apresenta. Para concretizar o trabalho, selecionamos algumas das muitas versões narradas e publicadas ao longo do tempo, mas que nem sempre recebem o mesmo título. As versões foram selecionadas para constituir o *corpus* e, em seguida, foram examinadas. Começamos pelo registro escrito mais antigo encontrado, **“Chapeuzinho Vermelho”**, de Perrault que, junto com a história do mesmo nome, dos Irmãos Grimm, constitui as primeiras versões e, também, a versão traduzida por Tatiana Belinky. Também abordamos os contos **“Chapeuzinhos Coloridos”**, de José Roberto Torero e Marcus Aurelius

Pimenta e **“Chapeuzinho Amarelo”**, de Chico Buarque de Hollanda, além do filme **“Deu a louca na Chapeuzinho”**.

O desenvolvimento deste trabalho colabora, nesse sentido, para a formação da própria pesquisadora, enquanto professora, pois traz conhecimentos sobre o Método Criativo, apresentado por Bordini e Aguiar (1988). A pesquisa favorece relacionar a teoria à prática, compreendendo as etapas do Método e a maneira de usá-lo em sala de aula. Dessa forma, oportuniza aos alunos uma aprendizagem mais motivante e significativa, na qual eles podem manifestar suas opiniões na análise das obras abordadas.

O Método Criativo (Bordini; Aguiar, 1988) mostrou-se bastante significativo no trabalho com a literatura nos anos iniciais, pois relaciona a leitura literária às práticas artísticas, como teatro, pintura, entre outras. Composto por seis etapas, o método possibilita que o professor constate a carência dos alunos e utilize as rodas de conversas e a interação para superá-las. Por meio desse Método, o aluno expressa suas emoções, socializa seus saberes e interage tanto com o texto, quanto com as pessoas ao seu redor.

Além disso, pautamo-nos, ainda, nos pressupostos teóricos da Estética da Recepção, de Jauss (1994), que abordam a relevância da interação dinâmica entre leitor e o texto. Por intermédio dele, os alunos tornam-se protagonistas do seu aprendizado e edificam e ampliam seus repertórios, social e cultural, o que veio ao encontro das intenções do trabalho desenvolvido neste estudo.

Quanto aos docentes alfabetizadores participantes, verificamos que todos sabem da valia de trabalhar com textos literários no processo de alfabetização, pois percebem que a literatura inicia a criança na palavra, no ritmo e na memória, desenvolvendo, assim, a sua competência leitora. Embora cada um aplique a leitura literária de uma maneira, em modalidades diversificadas, notamos que, entre os entrevistados, a literatura é presença cotidiana na sala de aula.

Sobre a pesquisa em sala de aula, as aplicações das oficinas temáticas foram de suma importância para os alunos, pois proporcionou momentos únicos de interação, de construção coletiva, de trocas de experiência por meio de relatos orais. Também, contribuiu para o desenvolvimento dos alunos participantes da pesquisa, que no início apresentaram dificuldade de expor-se oralmente, mas com a participação nas oficinas, conseguiram fazer o reconto para a turma, por meio de relatos orais e escritos.

As conversas, após a história, permitiram explorar e aprofundar elementos relevantes no conto, estabelecendo relações com outras histórias, ampliando o entendimento dos alunos ao escutar as ideias dos colegas e a criar um espaço onde possam falar livremente e serem ouvidos pela professora.

Portanto, finalmente, é ponderoso salientar que o trabalho com a Literatura Infantil foi motivador, pois auxiliou na formação do aluno, intelectual e socialmente. As obras literárias aplicadas proporcionaram uma experiência enriquecedora de aprendizado, contribuindo com a capacidade leitora das crianças. Para isso, tivemos a preocupação de envolver cada participante nas práticas leitoras, levando em consideração suas necessidades de criar, fantasiar e de atender aos interesses e curiosidades dos leitores iniciantes. O Método Criativo e os conceitos da Estética da Recepção vieram ao encontro dos propósitos do estudo.

Ademais, o apoio de um leitor experiente foi de grande valia para a formação leitora dos alunos, estimulando-os a manifestarem suas opiniões e observações sobre as obras lidas e/ou assistida. O texto verbal e visual, foi um fator imprescindível para que eles demonstrassem interesses pelos contos. Sendo assim, os pressupostos e método utilizados favoreceram a aplicação da proposta de trabalho com estudantes em processo de alfabetização para o acesso e leitura de textos literários, explorando tais textos por meio do lúdico e da criatividade, sem deixar de evidenciar especificidades da linguagem literária, conforme as necessidades dos pequenos leitores em formação.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil**: Gostosuras e Bobices. São Paulo: Spicione, 1997.

AGUIAR, Vera Teixeira de; BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: A formação do leitor**: alternativas metodológicas. Porto Alegre. Mercado Aberto, 1988.

AGUIAR, Vera Teixeira de. **O verbal e o não verbal**. São Paulo: UNESP, 2004.

AGUIAR, Vera Teixeira de. **O saldo da leitura**. In: DALVI, Maria Amélia; REZENDE, Neide Luzia de; FALEIROS, Rita Jover. (Orgs.). **Leitura de literatura na escola**. São Paulo: Parábola, 2013.

AGUIAR, Vera Teixeira de. **A formação do leitor**. In: FERREIRA, Aparecida Galvão Ribeiro et. al (Org.). **Formação de mediadores de Leitura**: módulos 1 e 2. Assis. ANEP- Associação Núcleo Editorial Proleitura, 2015.

ALVES, Aletéia Eleutério; ESPÍNDOLA, Ana Lúcia; MASSUIA, Caroline Sanches. **Oralidade, fantasia e infância**: há lugar para os contos de fadas na escola. In: SOUZA, Renata Junqueira; FEBA, Berta Lúcia Tagliari (orgs.) **Leitura literária na escola**: reflexões e propostas na perspectiva do letramento. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.p. 97-121.

BAJARD. Élie. **Caminhos da escrita**: espaço de aprendizagem. São Paulo: Cortez, 2002.

BAMBERGER, Richard. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 2006.

BELINTANE, Claudemir. **Oralidade e alfabetização** – uma nova abordagem da alfabetização. São Paulo: Cortez, 2013.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

BISSOLI, Michelle de Freitas; CHAGAS, Lilane Maria de Moura. **Infância e Leitura: formação da criança leitora e produtora de texto**. Manaus: Valer, 2012.

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3 ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris et al. Introdução. In: BORTONI-RICARDO, Stella Maris et. al. (Org.). **Leitura e mediação pedagógica**. São Paulo: Parábola, 2012, p 7 -16.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília, 1997.

BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**, 1998.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. **Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

BUARQUE, Chico. **Chapeuzinho Amarelo**. 27 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

BURLAMAQUE, Fabiane. Verardi; MARTINS, Kelly Cristina Costa; ARAUJO, Mayara dos Santos. **A leitura do livro de imagem na formação do leitor**. In: SOUZA, Renata Junqueira; FEBA, Berta Lúcia Tagliari (orgs.) **Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011. p. 75-95.

CADEMARTORI, Ligia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CARVALHO, Robson Santos de; FERRAREZI Jr, Celso. **Oralidade na educação básica: o que saber, como ensinar**. São Paulo: Parábola, 2018.

CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 3 ed. ver. e ampl. São Paulo: Duas cidades, 1995.

COELHO, Betty. **Contar Histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 1999.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas**. 3 ed. São Paulo: Ática, 1998. Série Princípios.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise e didática**. São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, Nelly Novaes. **O conto de fadas: símbolos, mitos, arquétipos**. 4 ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: a leitura literária na escola**. São Paulo: Global, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

COSSON, Rildo. **Círculos de leitura e letramento literário**. São Paulo: Contexto, 2018.

COUTINHO, Érica de Souza. **O lugar da Oralidade em Livros Didáticos de Letramento e Alfabetização Linguística: Reflexões sobre a Produção de Texto Oral**. São Paulo: Dialética, 2021.

CRESWELL, John Ward. **Projeto de pesquisa:** método qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2010.

Deu a louca na Chapeuzinho. Direção de Cory Edwards. Estados Unidos: The Weinstein Company, 2006. 1 vídeo do Youtube (01:21min). Publicado pelo canal: Power Filmes:3. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=X49esBpm-T0>
Acesso em: 23 nov. 2023.

DICIONÁRIO de símbolos. Disponível em <https://www.dicionariodesimbolos.com.br/>
Acesso em 9 abr. 2023.

FÁVERO, Leonor Lopes, Andrade, Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira, AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira. **Oralidade e Escrita: Perspectivas para o ensino da língua materna.** São Paulo: Cortez, 2007.

FERNANDES, Frederico Augusto; LEITE, Eudes Fernando. **Oralidade e Literatura.** Paraná: Eduel, 2007.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**, 5 ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro. **A leitura dialógica como elemento de articulação no interior de uma biblioteca vivida.** In: SOUZA, Renata Junqueira (org.). Biblioteca escolar e práticas educativas: O mediador em formação. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

FILHO, José Nicolau Gregorin. **Literatura infantil: múltipla linguagem na formação de leitores.** São Paulo: Melhoramentos, 2009.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte.** 9 ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** SP: Cortez, 1982.

GERALDI, João Wanderley. **Linguagem e ensino: exercícios de militância e divulgação.** Campinas: Mercado de Letras, 1996.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOMES, Lenice; MORAES, Fabiano. **Alfabetizar letrando com a tradição oral.** São Paulo: Cortez, 2013.

GREGORIN FILHO, José Nicolau. **Literatura Infantil: múltiplas linguagens na formação de leitores.** São Paulo: Melhoramentos, 2009.

GRIMM, Irmãos. **Chapeuzinho Vermelho.** In: Os contos de GRIMM. Tradução Tatiana Belinky. São Paulo: Paulus, 2014.

JAUSS, Hans Robert. **A estética da recepção**: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa. **A Literatura e o leitor**: textos de estéticas da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. Tradução Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2000.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: Leitores & Leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: histórias e histórias. 6 ed. São Paulo: Ática, 2007.

LAJOLO, Marisa; Zilberman, Regina. **Literatura infantil brasileira**: uma nova outra história. Curitiba: PUCPRESS, 2017.

LAJOLO, Marisa. **Literatura: ontem, hoje, amanhã**. São Paulo: Unesp, 2018.

MACEDO, Neusa Dias de. **Biblioteca escolar brasileira em debate**: da memória profissional a um fórum virtual. São Paulo: SENAC; Conselho Regional de Biblioteconomia - 8ª região, 2005.

MACEDO, Stella Maris Moura de. **Cultivando o Prazer da Leitura**: o prazer de ler desde pequeno. In: Salto para o Futuro: Ensino fundamental / Secretaria de Educação à Distância. Brasília: Ministério da Educação, SEED, 1999.

MACHADO, Ana Maria. **Como e por que ler os clássicos universais desde cedo**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MACHADO, Regina. **Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias**. São Paulo: DCL, 2004.

MAGALHÃES, Izabel; MARTINS, André Ricardo.; RESENDE, Viviane de Melo. **Análise de Discurso Crítica: um método de pesquisa qualitativa**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2017.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Oralidade e ensino de língua**: uma questão pouco — falada. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva, BEZERRA, Maria Auxiliadora (orgs). O livro didático de Português: múltiplos olhares. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a reescrita**: atividades de retextualização. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

OLIVEIRA, Ana Arlinda de; SPINDOLA, Arilma Maria de Almeida. **Linguagens na Educação Infantil III**: Literatura Infantil. Cuiabá: Edufimt, 2005.

PAVA, Aparecida de. **Alfabetização e Leitura literária. A leitura literária no processo de alfabetização: a mediação do professor.** In: BRASIL, Ministério da Educação. Alfabetização e Letramento na infância. Boletim 09/Secretaria de Educação Básica–Brasília: MEC/SEB, 2005.

PELA ESTRADA A FORA, 2019. 1 vídeo (00:28 s). Publicado pelo canal: Cia Era uma vez. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=skatdnyr0K0> Acesso em: 7 nov. 2023

PPP – **Projeto Político Pedagógico.** EMEF Georgina Amaral Santos Lopes, Ourinhos, 2022.

SANTOS, Sandoval Nonato Gomes Santos. **A exposição oral nos anos iniciais do Ensino Fundamental.** São Paulo: Cortez, 2012.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Ler e Escrever: livro de texto do aluno.** 7ed. São Paulo: FDE, 2013, p. 88-93.

SILVA, Vera Maria Tieztmannn Silva. **Literatura infantil brasileira: um guia para professores e promotores de leitura.** 2.Ed.- rev. Goiânia: Cânone Editorial, 2009.

SOARES, Magda Becker. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever.** São Paulo: Contexto, 2020.

SOUZA, Renata Junqueira; FEBA, Berta Lúcia Tagliari (orgs.). **Leitura literária na escola: reflexões e propostas na perspectiva do letramento.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

TENDEIRO, Gisele Recco. **A importância da leitura de textos literários na educação infantil.** 3 ed. São Paulo: Edicon, 2016.

TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo.** Tradução de Caio Meira. Rio De Janeiro: Difel, 2017.

TORERO, José Roberto; PIMENTA, Marcus Aurelius. **Chapeuzinhos coloridos.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2016. 56 p.

ZANCHETTA JÚNIOR, Juvenal; FERREIRA, Eliane Aparecida Galvão Ribeiro. **Leitura na escola: reflexões e estratégias para mediadores.** 1 ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

ZILBERMAN, Regina. **A Literatura infantil na escola.** São Paulo: Global, 2012.

APÊNDICE A - Questionário para professores do 1º ano

Nome completo: _____

1- Como você trabalha textos literários em sala de aula?

APÊNDICE B – Termo de consentimento livre e esclarecido para os professores

Título da Pesquisa: “A LEITURADA LITERATURA INFANTIL E A ORALIDADE COMO PRÁTICAS EDUCATIVAS NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL”

Nome da Pesquisadora: Daniela do Carmo Juliano Venancio

Nome do Orientador: Marco Antônio Domingues Sant’Anna

Natureza da pesquisa: o Sra. (Sr.) está sendo convidada (o) a participar desta pesquisa que tem como finalidade verificar a possibilidade de abordagem da oralidade e da Literatura Infantil em sala de aula de alfabetização, enquanto prática pedagógica, bem como quais as vantagens desse trabalho para o desenvolvimento das práticas de leitura e escrita, da formação leitora e dos aspectos social, emocional e cognitivo da criança.

1. **Participantes da pesquisa:** *participarão da pesquisa todos os seis professores alfabetizadores do 1ºano de uma escola Municipal na cidade de Ourinhos.*
2. **Envolvimento na pesquisa:** *ao participar deste estudo a sra (sr) permitirá que a pesquisadora Daniela do Carmo Juliano Venancio utilize dados coletados para o estudo que desenvolve. A sra(sr.) tem liberdade de se recusar a participar e ainda se recusar a continuar participando em qualquer fase da pesquisa, sem qualquer prejuízo para a sra (sr.). Sempre que quiser poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone da pesquisadora do projeto e, se necessário, através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa, que é o órgão que avalia se não há problemas na realização de uma pesquisa com seres humanos.*
3. **Sobre as entrevistas:** *Os participantes responderão um questionário com uma pergunta, o tempo de duração para responder esta questão será de trinta minutos. Cujo objetivo é possibilitar um discurso mais livre por parte do sujeito pesquisado, incitado por proposição e não imposição. A questão de tal procedimento será aberta e múltipla, garantindo o início e a condução da situação de comunicação, mantendo foco nos objetivos que se deseja alcançar por meio dessa, de maneira a estar livre de possíveis constrangimentos.*
4. **Riscos e desconforto:** *a participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e éticas, havendo, por isso, riscos e desconfortos mínimos, como cansaço ou aborrecimento ao responder a questão; constrangimento ao se expor no questionário; desconforto, constrangimento ou alterações de comportamento; alterações na autoestima provocadas pela evocação de memórias ou por reforços na conscientização a respeito do tema tratado; alterações de visão de mundo, de relacionamentos e de comportamentos em função de reflexões sobre o tema proposto. No caso de eventuais acontecimentos desta natureza, a pesquisadora interromperá a pesquisa, retirará da pesquisa o participante e estará à disposição para prestar assistência através do seu contato sempre que for necessário. Por fim, os procedimentos adotados na pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução no. 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde e oferecem riscos mínimos à sua dignidade.*
5. **Confidencialidade:** *todas as informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Somente a pesquisadora e seu orientador terão conhecimento de sua identidade e nos comprometemos a mantê-la em sigilo ao publicar os resultados da pesquisa.*
6. **Benefícios:***ao participar da pesquisa a sra, (o) (sr.) terá oportunidade de contribuir*

com suas experiências de leitura e de formador de leitores para o desenvolvimento de estudos que objetivam conhecer melhor o cotidiano escolar, de maneira a compartilhar reflexão e compreensão para outros docentes. Esperamos que o estudo traga informações importantes sobre as representações docentes a respeito de leitura, literatura e formação de leitores literários, de forma que o conhecimento que será construído a partir da pesquisa possa revelar a relação de tais representações com as práticas adotadas, onde o pesquisador se compromete a divulgar os resultados obtidos, respeitando-se o sigilo das informações coletadas, conforme previsto no item anterior.

7. **Pagamento:** a sra, o (sr.), não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa. Portanto, preencha, por favor, os itens que se seguem: Confiro que recebi uma via deste termo de consentimento, e autorizo a execução do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos neste estudo.

Obs.: Não assine este termo se ainda tiver dúvida a respeito.

DECLARAÇÃO DO PARTICIPANTE

Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, _____,
_____,
de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa.

Assinatura do Participante da Pesquisa

Assinatura do Pesquisador

Assinatura do Orientador

Pesquisadora: DANIELA DO CARMO JULIANO VENANCIO (14)996552975

Orientador: MARCO ANTÔNIO DOMINGUES SANT'ANNA (18)997040040

CEP/Unesp - Assis - Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da UNESP: Coordenadora: Prof.^a Regiani Aparecida Santos Zacarias Telefone do CEP: (18)3302-5607/3302-5830–e-mail: cep@assis.unesp.br.

APÊNDICE C - Termo de assentimento livre e esclarecido – alunos do 1º ano

IDENTIFICAÇÃO DA PESQUISA	
Pesquisa: A LEITURADA LITERATURA INFANTIL E A ORALIDADE COMO PRÁTICAS EDUCATIVAS NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Orientador: Marco Antônio Domingos Sant' Anna	Instituição/Departamento: UNESP/ASSIS – Programa de Pós- Graduação em Letras- Mestrado Profissional
Telefone: (18)997040040	E-mail: marco-antonio.santanna@unesp.br
Aluno responsável: Daniela do Carmo Juliano Venancio	Instituição/Departamento: UNESP/ASSIS – Programa de Pós-Graduação em Letras- Mestrado Profissional
Telefone: (14)996552975	E-mail: daniela.cj.venancio@unesp.br
Comitê de Ética em Pesquisa: Endereço: Av. Dom Antônio, nº 2100 - Parque Universitário, CEP: 19806-900, Assis-SP, Telefone: (18) 3302-5607 ou (18) 3302-5830, E-mail: cep.assis@unesp.br Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", UNESP-Assis/SP - Faculdade de Ciências e Letras	
IDENTIFICAÇÃO DO PARTICIPANTE	
Nome do participante:	
Nome do responsável:	
RG:	
 OLÁ, EU SOU A PESQUISADORA PROFESSORA DANIELA! NESTE MOMENTO ESTOU FAZENDO MESTRADO. HOJE VOU PRECISAR MUITO DA SUA AJUDA. EU VOU PREENCHER UM QUESTIONÁRIO COM SEUS DADOS PESSOAIS. É BEM SIMPLES, SEU NOME, IDADE, SÉRIE EM QUE VOCÊ ESTUDA E EU VOU LER PARA VOCÊ E SEUS COLEGAS DE SALA O CONTO DA CHAPEUZINHO VERMELHO E SUAS DIFERENTES VERSÕES. CADA DIA CONTAREI UMA: DOS IRMÃOS GRIMM, CHARLES PERRAULT, TRADUZIDA POR TATIANA BELINKY CHAPEUZINHO AMARELO DE CHICO BUARQUE E CHAPEUZINHOS COLORIDOS DE JOSÉ ROBERTO TORERO E MARCUS AURELIUS PIMENTA. SERÃO TREZE OFICINAS, NAS QUAIS VOCÊ, SE QUISER, PODERÁ PARTICIPAR DANDO SUA OPINIÃO QUANDO FOR PERGUNTADO.	

LEMBRANDO QUE NÃO TEM CERTO OU ERRADO.



OUVINDO
COM
MUITA
ATENÇÃO

VOCÊ TAMBÉM SERÁ CONVIDADO EM PARTICIPAR DE JOGOS, RODAS DE CONVERSA; DE DRAMATIZAÇÕES DE UMA DAS VERSÕES DO CONTO CHAPEUZINHO VERMELHO; NA CONFEÇÃO DE UMA DOBRADURA DA PERSONAGEM PRINCIPAL (CHAPEUZINHO) , NA MONTAGEM DE UM LOBO COM TANGRAM E NAS ILUSTRAÇÕES DO CONTO QUE MAIS GOSTOU, DE UMA NOVA PERSONAGEM DOS CHAPEUZINHOS COLORIDOS E DO MEDO QUE TEM.



JUNTOS IREMOS ASSISTIR O VÍDEO DA MÚSICA PELA ESTRADA AFORA E O FILME DEU A LOUCA NA CHAPEUZINHO. TAMBÉM VOCÊ E SEUS COLEGAS PODERÃO ME AJUDAR A ESCREVER O FINAL DO CONTO NA LOUSA E EM OUTRO MOMENTO VOCÊ FORMARÁ DUPLA, COM UM COLEGA E JUNTOS PODERÃO ESCREVER O FINAL DE CONTO NA FOLHA, ONDE UM DITARÁ PARA O OUTRO ESCREVER.



DURANTE AS OFICINAS , EU VOU PRECISAR ANOTAR, GRAVAR E FOTOGRAFAR.



ENTÃO, EU GOSTARIA DE SABER SE VOCÊ QUER OU NÃO PARTICIPAR?

VOCÊ ME AJUDA?



VOCÊ NÃO VAI PAGAR NADA E NEM RECEBER NADA POR PARTICIPAR.



NINGUÉM VAI FICAR BRAVO SE VOCÊ NÃO PARTICIPAR.

SE VOCÊ ACEITAR PARTICIPAR, NÃO FALAREMOS PARA OUTRAS PESSOAS INFORMAÇÕES SOBRE SUA VIDA.

VOCÊ PODE DIZER “**SIM**” AGORA E DEPOIS MUDAR DE IDEIA E TUDO CONTINUARÁ BEM E PODEREMOS PARAR A QUALQUER MOMENTO. TAMBÉM PODERÁ CONVERSAR E TIRAR SUAS DÚVIDAS COMIGO SEMPRE.

E SE VOCE SE SENTIR DESCONFORTÁVEL EM ALGUM MOMENTO, QUANDO EU ESTIVER REALIZANDO AS OFICINAS PODE ME FALAR, QUE EU POSSO TE AJUDAR, PARAREMO-NAS E EU CUIDAREI DE VOCÊ.

EU ENTENDI QUE A PESQUISA É SOBRE O CONTO CHAPEUZINHO VERMELHO E SUAS DIFERENTES VERSÕES.

SEI QUE POSSO PERGUNTAR SE OUTRAS DÚVIDAS SURGIREM EQUE O RESPONSÁVEL POR MIM PODE MUDAR DE IDEIA QUANDO QUISER.

JÁ QUE MEU RESPONSÁVEL ACEITOU E EU LI, ENTENDI E TIREI MINHAS DÚVIDAS; CONCORDO EM PARTICIPAR DA PESQUISA.

OURINHOS, ____ / ____ / ____

ASSINATURA

APÊNDICE D - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido dos pais ou responsáveis

O (A) _____ está sendo convidado(a) para participar, como voluntário, em uma pesquisa. Para que ele (a) possa participar, é necessário que ele(a) aceite participar e você dê sua autorização. Por isso, preciso lhe informar como será a pesquisa. Caso você não autorize, não há problema algum. Você não precisa me explicar o porquê, e não haverá nenhum problema por isso. Você tem todo o direito de não querer autorizar a participação de _____ no estudo/pesquisa.

Caso você concorde com a participação dele (a), eu irei te informar como será realizada a pesquisa. Depois de passar a você todas as informações e você autorizar a participação dele(a), será necessário que você assine todas as folhas deste documento. Eu também irei assinar todas as folhas dele, assim como você. São duas cópias deste documento, uma cópia é sua e a outra é minha.

A pesquisa, chamada **“A leitura da literatura infantil e a oralidade como práticas educativas no primeiro ano do Ensino Fundamental”**, tem por objetivo que o aluno (a): aprenda as características específicas dos contos tradicionais: tipo de linguagem mais usual e expressões utilizadas e de que forma a oralidade e a leitura literária podem facilitar o processo de formação do leitor literário.

Durante o período da pesquisa, o (a) aluno (a) ouvirá a leitura de contos da Chapeuzinho Vermelho e suas diferentes versões feitas pela professora; poderá opinar no decorrer das oficinas, quando for solicitado nas rodas de conversa, lembrando que não terá certo ou errado; participará de jogos, das dramatizações de um conto com a professora e com os outros alunos; desenhará o conto que mais gostou, uma nova personagem das Chapeuzinhos Coloridos e o medo que tem; fará a dobradura da personagem principal (Chapeuzinho); montará a figura do lobo com o tangram; ajudará a professora a reescrever o final do conto na lousa; depois em duplas, com um colega reescreverá o final do conto e também assistirá um vídeo da música “Pela estrada afora” e o filme: “Deu a louca na Chapeuzinho” junto com a professora e com os colegas. A participação neste estudo é voluntária, portanto, não há nenhum tipo de remuneração, e nenhuma despesa com a pesquisa, garantindo à criança o direito à indenização nos termos da lei conforme Resolução CNS Nº466 de 2012. O estudo será desenvolvido no período de treze oficinas com a realização das atividades já descritas anteriormente. A coleta de dados e as informações serão mantidas em sigilo, somente a professora-pesquisadora e o seu professor orientador terão conhecimento destes dados, garantindo a segurança e a privacidade das informações sobre as crianças.

A participação nesta pesquisa não infringe as normas legais e ética, havendo, por isso, riscos e desconfortos mínimos, como timidez nas participações orais, aborrecimentos ou cansaço em realizar as atividades, caso a criança, por algum motivo, não queira participar das atividades, ela poderá recusar-se em fazê-la sem

nenhum prejuízo, então a pesquisa será parada e a professora-pesquisadora prestará assistência, cuidando e sempre que a criança tiver dúvidas durante as oficinas poderá esclarecê-las. A pesquisa obedece aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Conselho Nacional de Saúde, Resolução 466/2012 e Resolução Nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. Esta pesquisa tem como benefícios contribuir à aprendizagem da leitura e escrita por parte do (a) aluno (a), para garantir que ele(a) seja promovido(a) à série seguinte com os conhecimentos necessários. É garantido o direito à informação a qualquer tempo sobre a pesquisa, bem como o contato com a professora-pesquisadora pelos contatos: e-mail daniela.cj.venancio@unesp.br/ celular: (14) 996552975.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – Faculdade de Ciências e Letras – Campus de Assis – (UNESP), caso persistam dúvidas, sugestões e/ou denúncias após os esclarecimentos do pesquisador o Comitê de Ética está disponível para atender. Consultar a Secretaria do CEP, pelo endereço eletrônico cep.assis@unesp.br ou pelo telefone (18)3302-5607 ou (18)3302-5830, também atendimento pelo WhatsApp Business no número (18)3302-5830.

CONSENTIMENTO DE PARTICIPAÇÃO

Eu, _____, abaixo assinado, concordo com a participação de _____ no presente estudo como participante. A pesquisadora me informou sobre tudo o que vai acontecer na pesquisa, o que ele (a) deverá fazer, inclusive, me garantiu que ele (a) poderá sair da pesquisa a qualquer momento e que eu poderei retirar meu consentimento, sem que tenhamos que dar alguma explicação, e que esta decisão não nos trará nenhum prejuízo.

Local e data: Nome do Pesquisador Responsável: Daniela do Carmo Juliano Venancio

Assinatura do Pesquisador Responsável: _____

Telefone(s)/ e-mail para contato: (14)996552975 daniela.cj.venancio@unesp.br

Assinatura do Pai ou responsável pelo menor: _____

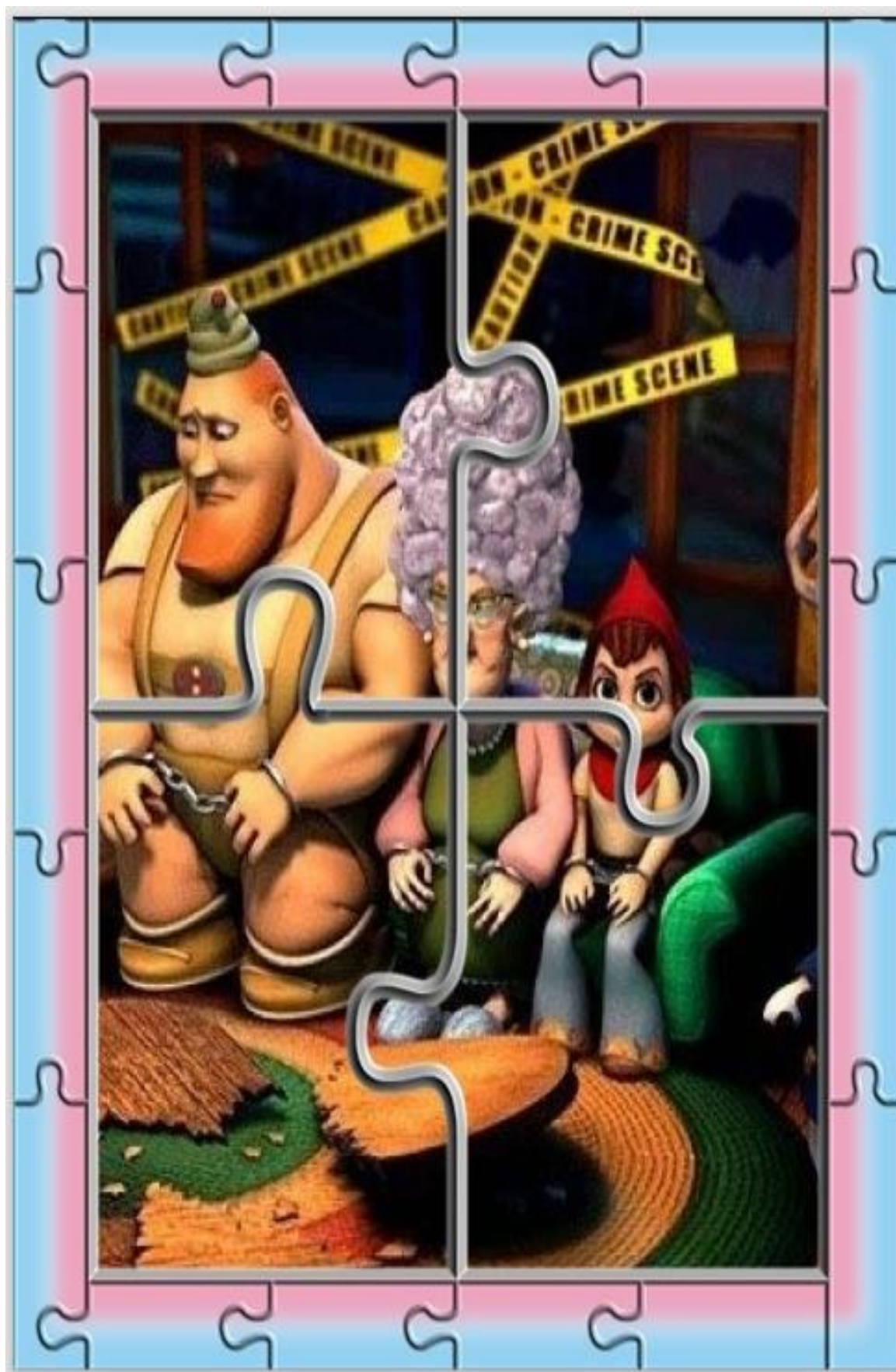
Telefone para contato: _____

APÊNDICE E - JOGO DA MEMÓRIA CHAPEUZINHOS

PELA ESTRADA AFORA, EU VOU TÃO TRISTINHA. NÃO TENHO MAIS PAI SOU UMA ORFÃOZINHA.	QUERIA SER FAMOSA, BEM CONHECIDINHA. AI NÃO ANDARIA NUNCA MAIS SOZINHA.
...AQUELA CHAPEUZINHO. JÁ NÃO RIA. EM FESTA NÃO APARECIA. NÃO SUBIA ESCADA NEM DESCIA. NÃO ESTAVA RESFRIADA MAS TOSSIA... OUVIA CONTO DE FADA E ESTREMECIA.	PELA ESTRADA AFORA, EU VOU DEPRESSINHA, LEVAR ESSAS FRUTAS PARA A VOVÓZINHA.
JOGO DA MEMÓRIA CHAPEUZINHOS	

		PELA ESTRADA AFORA, EU VOU TÃO MESQUINHA, E PEDIREI MAIS GRANA PARA A VOVOZINHA.	PELA ESTRADA AFORA, EU VOU TÃO SOZINHA, TÃO DESPROTEGIDA AI DE MIM, TADINHA.
		ALMOCEI AGORA, MAS JÁ ESTOU COM FOMINHA. PENA QUE ESSE DOCE É PARA A VOVOZINHA.	PELA ESTRADA AFORA, EU VOU BEM SOZINHA, LEVAR ESSES DOCES PARA A VOVOZINHA.
			

APÊNDICE F - QUEBRA – CABEÇA (4 PEÇAS).



APÊNDICE G - QUEBRA – CABEÇA (20 PEÇAS).



ANEXOS

ANEXO A - Chapeuzinho Vermelho –Irmãos Grimm



CHaPEUZInHO vERmELHO

Irmãos Grimm

Era uma vez, numa pequena cidade às margens da floresta, uma menina de olhos negros e louros cabelos cacheados, tão graciosa quanto valiosa.

Um dia, com um retalho de tecido vermelho, sua mãe costurou para ela uma curta capa com capuz; ficou uma belezinha, combinando muito bem com os cabelos louros e os olhos negros da menina.

Daquele dia em diante, a menina não quis mais saber de vestir outra roupa senão aquela e, com o tempo, os moradores da vila passaram a chamá-la de “Chapeuzinho Vermelho”.

Além da mãe, Chapeuzinho Vermelho só tinha uma avó bem velhinha, que nem conseguia mais sair de casa. Morava numa casinha no interior da mata.

De vez em quando ia lá visitá-la com sua mãe, e sempre levavam alguns mantimentos.

Um dia, a mãe da menina preparou algumas broas das quais a avó gostava muito, mas, quando acabou de assar os quitutes, estava tão cansada que não tinha mais ânimo para andar pela floresta e levá-las para a velhinha.

Então, chamou a filha:

— Chapeuzinho Vermelho, vá levar estas broinhas para a vovó. Ela gostará muito. Disseram-me que há alguns dias ela não passa bem e, com certeza, não tem vontade de cozinhar.

— Vou agora mesmo, mamãe.

— Tome cuidado, não pare para conversar com ninguém e vá direitinho, sem desviar do caminho certo. Há muitos perigos na floresta!

— Tomarei cuidado, mamãe, não se preocupe.

A mãe arrumou as broas em um cesto e colocou também um pote de geleia e um tablete de manteiga. A vovó gostava de comer as broinhas com manteiga fresquinha e geleia.

Chapeuzinho Vermelho pegou o cesto e foi embora. A mata era cerrada e escura. No meio das árvores somente se ouvia o chilrear de alguns pássaros e, ao longe, o ruído dos machados dos lenhadores.

A menina ia por uma trilha quando, de repente, apareceu-lhe na frente um lobo enorme, de pelo escuro e olhos brilhantes.

Olhando para aquela linda menina, o lobo pensou que ela devia ser macia e saborosa. Queria mesmo devorá-la num bocado só. Mas não teve coragem, temendo os cortadores de lenha que poderiam ouvir os gritos da vítima. Por isso, decidiu usar de astúcia.

— Bom dia, linda menina! — disse com voz doce.

— Bom dia! — respondeu Chapeuzinho Vermelho.

— Qual é seu nome?

— Chapeuzinho Vermelho.
 — Um nome bem certinho para você. Mas diga-me, Chapeuzinho Vermelho, onde está indo assim tão só?
 — Vou visitar minha avó, que não está muito bem de saúde.
 — Muito bem! E onde mora sua avó?
 — Mais além, no interior da mata.
 — Explique melhor, Chapeuzinho Vermelho.
 — Numa casinha com as venezianas verdes, logo após o velho engenho de açúcar.

O lobo teve uma ideia e propôs:

— Gostaria de ir também visitar sua avó doente. Vamos fazer uma aposta, para ver quem chega primeiro. Eu irei por aquele atalho lá abaixo, e você poderá seguir por este.

Chapeuzinho Vermelho aceitou a proposta.

— Um, dois, três e já! — gritou o lobo.

Conhecendo a floresta tão bem quanto seu nariz, o lobo escolheu para ele o trajeto mais breve, e não demorou muito para alcançar a casinha da vovó.

Bateu à porta o mais delicadamente possível, com suas enormes patas.

— Quem é? — perguntou a avó.

O lobo fez uma vozinha doce, doce, para responder:

— Sou eu, sua netinha, vovó. Trago broas feitas em casa, um vidro de geleia e manteiga fresca.

A boa velhinha, que ainda estava deitada, respondeu:

— Puxe a tranca e a porta se abrirá.

O lobo entrou, chegou ao meio do quarto com um só pulo e devorou a pobre avozinha, antes que ela pudesse gritar.

Em seguida, fechou a porta, enfiou-se embaixo das cobertas e ficou à espera de Chapeuzinho Vermelho.

A essa altura, Chapeuzinho Vermelho já tinha esquecido do lobo e da aposta sobre quem chegaria primeiro. Ia andando devagar pelo atalho, parando aqui e acolá: ora era atraída por uma árvore carregada de pitangas, ora ficava observando o voo de uma borboleta, ou ainda um ágil esquilo. Parou um pouco para colher um maço de flores do campo, encantou-se a observar uma procissão de formigas e correu atrás de uma joaninha.

Finalmente, chegou à casa da vovó e bateu de leve na porta.

— Quem está aí? — perguntou o lobo, esquecendo de disfarçar a voz.

Chapeuzinho Vermelho se espantou um pouco com a voz rouca, mas pensou que fosse porque a vovó ainda estava gripada.

— É Chapeuzinho Vermelho, sua netinha. Estou trazendo broinhas, um pote de geleia e manteiga bem fresquinha!

Mas aí o lobo se lembrou de afinar a voz cavernosa antes de responder:



ANEXO B- Chapeuzinho Vermelho-Charles Perrault



CHaPEUZInHO vERmELHO

Charles Perrault

Era uma vez uma menina que vivia numa aldeia; era a coisa mais linda que se podia imaginar. Sua mãe era louca por ela, e a avó mais louca ainda. A boa velhinha mandou fazer para ela um chapeuzinho vermelho, e esse chapéu assentou-lhe tão bem que a menina passou a ser chamada por todo mundo de Chapeuzinho Vermelho.

Um dia, tendo feito alguns bolos, sua mãe disse-lhe:

— Vá ver como está passando a sua avó, pois fiquei sabendo que ela está um pouco adoentada. Leve-lhe um bolo e este potezinho de manteiga.

Chapeuzinho Vermelho partiu logo para a casa da avó, que morava numa aldeia vizinha. Ao atravessar a floresta, ela encontrou o senhor Lobo, que ficou louco de vontade de comê-la; não ousou fazer isso, porém, por causa da presença de alguns lenhadores na floresta. Perguntou a ela aonde ia, e a pobre menina, que ignorava ser perigoso parar para conversar com um lobo, respondeu:

— Vou à casa da minha avó, para levar-lhe um bolo e um potezinho de manteiga que mamãe mandou.

— Ela mora muito longe? — quis saber o Lobo.

— Mora, sim! — falou Chapeuzinho Vermelho. — Mora depois daquele moinho que se avista lá longe, muito longe, na primeira casa da aldeia.

— Muito bem — disse o Lobo. — Eu também vou visitá-la. Eu sigo por este caminho aqui, e você por aquele lá. Vamos ver quem chega primeiro.

O Lobo saiu correndo a toda velocidade pelo caminho mais curto, enquanto a menina seguia pelo caminho mais longo, distraíndo-se a colher ave-lãs, a correr atrás das borboletas e a fazer um buquê com as florzinhas que ia encontrando.

O Lobo não levou muito tempo para chegar à casa da avó. Ele bate: toc, toc.

— Quem é? — pergunta a avó.

— É a sua neta, Chapeuzinho Vermelho — falou o Lobo, disfarçando a voz. — Trouxe para a senhora um bolo e um potezinho de manteiga, que minha mãe mandou.

A boa avozinha, que estava acamada porque não se sentia muito bem, gritou-lhe:

— Levante a aldraba, que o ferrolho sobe.

O Lobo fez isso e a porta se abriu. Ele lançou-se sobre a boa mulher e a devorou num segundo, pois fazia mais de três dias que não comia. Em seguida, fechou a porta e se deitou na cama da avó, à espera de Chapeuzinho Vermelho. Passado algum tempo ela bateu à porta: toc, toc.

— Quem é?

Chapeuzinho Vermelho, ao ouvir a voz grossa do Lobo, a princípio ficou

com medo; mas, supondo que a avó estivesse rouca, respondeu:

— É sua neta, Chapeuzinho Vermelho, que traz para a senhora um bolo e um potezinho de manteiga, que mamãe mandou.

O Lobo gritou-lhe, adoçando um pouco a voz:

— Levante a aldraba, que o ferrolho sobe.

Chapeuzinho Vermelho fez isso e a porta se abriu.

O Lobo, vendo-a entrar, disse-lhe, escondido sob as cobertas:

— Ponha o bolo e o potezinho de manteiga sobre a arca e venha deitar aqui comigo.

Chapeuzinho Vermelho despiu-se e se meteu na cama, onde ficou muito admirada ao ver como a avó estava esquisita, em seu traje de dormir. Disse a ela:

— Vovó, como são grandes os seus braços!

— É para melhor te abraçar, minha filha!

— Vovó, como são grandes as suas pernas!

— É para poder correr melhor, minha netinha!

— Vovó, como são grandes as suas orelhas!

— É para ouvir melhor, netinha!

— Vovó, como são grandes os seus dentes!

— É para te comer!

E assim dizendo, o malvado Lobo se atirou sobre Chapeuzinho Vermelho e a comeu.

